

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

Matteus Corti Silva

LIVRO-REPORTAGEM
AMBIVALENTE

Bauru
2017

MATTEUS CORTI SILVA

LIVRO-REPORTAGEM
AMBIVALENTE

Relatório de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social, da Unesp - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientadora do Projeto Experimental: Prof^a.
Dr^a. Ângela Maria Grossi

Bauru
2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

Projeto Experimental de Conclusão de Curso apresentado pelo discente Matteus Corti Silva, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de Bauru, sob orientação da Profª. Drª. Ângela Maria Grossi.

Banca Examinadora

Profª. Drª. Ângela Maria Grossi – FAAC/Unesp-Bauru

Profª. Adj. Maria Cristina Gobbi – FAAC/Unesp Bauru

Prof. Dr. Angelo Sottovia Aranha – FAAC/Unesp - Bauru

AGRADECIMENTOS

Ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. *Soli Deo Gloria.*

Aos meus pais, por sonharem junto comigo e por serem as pessoas mais extraordinárias, compreensivas e altruístas que eu já conheci.

À minha orientadora Ângela por ser uma das mais incríveis professoras que tive durante toda a graduação. Obrigado por toda a preocupação, compreensão e ajuda. Esse trabalho não seria o mesmo sem o seu comprometimento, amor e parceria.

Aos meus tios Roberto e Regina, por participarem ativamente do processo durante as viagens de entrevista. Não tenho palavras para agradecê-los.

À minha prima Bianca e sua família por me receberem em sua casa em um momento crucial.

Ao meu primo Cica por ajudar em todo o processo de finalização, edição e impressão do livro.

Ao irmão Mehdi. Obrigado pelo compartilhamento de suas experiências e por abrir um pouco mais da sua vida e história comigo.

À Cássia, por ser uma das principais responsáveis pela manutenção da minha saúde mental durante este processo.

Aos incríveis amigos - Camila, Heloísa, Jéssica, José Felipe, Nathane e Thainá - que a Unesp Bauru me concedeu. Tê-los ao meu lado foi mais do que essencial para que esse livro ficasse pronto. Agradeço por me ouvirem e me darem tanto suporte e ajuda. Estarão eternamente em meu coração.

Ao Giba e à minha mãe Ivete, pela revisão meticulosa e assertiva.

A todos - família e amigos, nas pessoas de minha avó Iza e minha tia Olga que, de qualquer forma, investiram e acreditaram em mim ao decorrer da vida e durante a graduação. Muito obrigado.

DEDICATÓRIA

A todos e todas que já passaram por
perseguição religiosa, que já sofreram por
professar sua fé ou já tiveram que restringir
sua liberdade individual por conta da
crueldade e covardia do autoritarismo. A
todos os mártires da fé, minha total
admiração, apreço e respeito.

RESUMO

O livro-reportagem *Ambivalente* tem a intenção de abordar a perseguição religiosa contra cristãos em países de maioria muçulmana, com enfoque no Marrocos, por meio da narrativa de um personagem ex-muçulmano do país chamado Mehdi. O objetivo desse produto é apontar causas, consequências e problemáticas envolvendo a perseguição religiosa. Para tanto, foram utilizadas como metodologias etapas de pesquisa, apuração, entrevistas e redação. Como resultados, esperamos que a história de Mehdi sirva como base para a promoção de um diálogo relevante - tanto para a comunidade acadêmica, quanto para a sociedade como um todo - a respeito de temáticas relativas à perseguição, intolerância e fundamentalismo religioso.

PALAVRAS-CHAVE: Perseguição religiosa. Cristãos. Islamismo. Fundamentalismo. Jornalismo. Livro-reportagem.

ABSTRACT

The book-reporting *Ambivalente* is intended to address religious persecution against Christians in Muslim-majority countries, focusing on Morocco through the narrative of an ex-Muslim character from the country called Mehdi. The purpose of this product is to point out causes, consequences and problems involving religious persecution. For this, research, verification, interviews and writing were used as methodologies. As a result, we hope that Mehdi's story will serve as a basis for building a relevant dialogue - both for the academic community and for society as a whole - on issues of persecution, intolerance, and religious fundamentalism.

KEYWORDS: Religious persecution. Christians. Islam. Fundamentalism. Journalism. Book-reporting.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Justificativa.....	9
1.2 Proposta.....	10
1.3 Objetivos.....	10
1.3.1 Objetivo geral.....	10
1.3.2 Objetivos específicos.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 Gênero e formato.....	11
2.2 Classificação do livro-reportagem.....	15
2.3 A escolha do gênero e formato.....	17
2.4 Técnicas jornalísticas empregadas.....	19
3 PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO.....	21
3.1 Público-alvo.....	21
3.2 Viabilidade mercadológica.....	23
4 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO.....	23
4.1 Descrição das atividades empregadas.....	24
4.2 Cronograma de atividades desempenhadas.....	26
4.3 Descrição do produto final.....	27
4.3.1 Projeto gráfico-editorial.....	27
4.3.2 Especificações técnicas.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

De acordo com dados divulgados por um relatório da ONG *Portas Abertas*, entre os anos de 2015 e 2016 cerca de 215 milhões de cristãos foram perseguidos no mundo. A pesquisa foi realizada pelo Relatório *World Watch List 2017* e busca avaliar o grau de liberdade religiosa do cristão: seja de maneira privada, em família, nas comunidades em que vivem e também em seus próprios países, por meio de análises jurídico-legislativas.

A *Portas Abertas* também faz uma listagem dos 50 países em que há maior perseguição religiosa contra cristãos. Em sua última divulgação, 37 desses países são de maioria muçulmana, controlados pelo Estado Islâmico (EI) ou sob algum tipo de governo fundamentalista. A *Lista Mundial da Perseguição* é atualizada anualmente pela ONG e busca enumerar os países de acordo com pontuações que medem o grau de perseguição em cada local. Para elaborar tal documento, são levadas em conta questões jurídico-legais e sociais, assim como a postura das autoridades e o comportamento das famílias tanto em relação aos novos convertidos quanto em relação aos cristãos estrangeiros.

Apesar de o Marrocos não fazer parte da Lista de 2017, a ONG o considera um dos piores países, que não estão na lista, para se viver sendo cristão. O país não condena abertamente o cristianismo com suas leis, já que a constituição mais nova - elaborada em 2011 - garante plenos direitos à liberdade de expressão e de religião. Entretanto, por conta de uma formação histórica na qual o islamismo é um dos elementos constitutivos, assimilado não apenas como religião, mas como parte da cultura marroquina, a perseguição se dá principalmente nos âmbitos familiares e sociais.

A igreja no Marrocos é clandestina. O código penal pune severamente qualquer “tentativa de converter um muçulmano” ou mesmo o simples porte de uma Bíblia. O artigo 220 da legislação prevê pena de três a seis meses de prisão e multa para “qualquer tentativa para interromper uma ou mais pessoas do exercício de sua crença religiosa ou frequência aos seus cultos”. Carregar uma Bíblia em público pode gerar encarceramento de até dois anos.

O livro-reportagem tem os objetivos de narrar a história de Mehdi, um marroquino que se converteu ao cristianismo durante um trabalho no Seminário Teológico Islâmico, e de desvendar os meandros que envolvem a perseguição religiosa no Marrocos. Entende-se como relevante indicar, discutir e trazer à luz elementos que estejam associados às causas pelas quais cristãos são perseguidos, suas consequências para a sociedade e, principalmente, os

níveis em que tais atos de repressão afetam os perseguidos, apontando a restrição de liberdade a que ficam sujeitos.

1.1 Justificativa

Apesar de tal objeto ser de extrema relevância, há pouca produção jornalística que explore as causas e consequências da perseguição religiosa contra cristãos ao redor do mundo na mídia tradicional brasileira. As publicações nesse sentido geralmente surgem após ações pontuais do Estado Islâmico - como a gravação de um vídeo onde cristãos foram decapitados. No entanto, grande parcela da realidade que cristãos enfrentam em países fundamentalistas islâmicos ou controlados pelo Estado Islâmico é total ou parcialmente ignorada.

Assim, como define Edvaldo Pereira Lima (1993), a função desse produto é trazer para o cenário midiático aquilo que a grande mídia não consegue ou não tem interesse em apresentar.

[...] o livro-reportagem, agora, como no passado, é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto disso e (ou) de uma outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade. [...] A esse pensamento, soma-se o fato de certos temas não agradarem ao veículo cotidiano de imprensa, por razões editoriais, como o eventual pequeno interesse de sua audiência por um tratamento em profundidade de certos temas [...]. (LIMA, 2009, p. 33-34)

Ambivalente tem o objetivo de restabelecer nas discussões jornalísticas brasileiras, acadêmicas e no cenário social as questões relativas à perseguição religiosa existente no mundo. Assim, é interesse do autor contribuir para o esclarecimento de conceitos relevantes no que diz respeito ao Islã e a Estados Nacionais que sofrem grande influência dessa religião na condução de suas políticas externas e internas.

Haja vista que, de acordo com o último censo do IBGE, os cristãos - entre católicos e protestantes - representam mais de 80% da população brasileira, considera-se de extrema relevância a temática descrita. Além disso, o fato de o Islamismo ser a religião que mais cresce no mundo contribui para a defesa de levantar-se o debate acerca da intolerância, fundamentalismo e perseguição atreladas a essas duas religiões e seus reflexos na sociedade mundial.

1.2 Proposta

Cabe ao livro-reportagem contextualizar a população sobre o assunto e utilizar a liberdade de angulação para explorar as diversas camadas que o tema exige. O livro busca, ainda, resgatar os princípios do Jornalismo Literário e do *New Journalism* iniciados nos Estados Unidos e contribuir para o enriquecimento desse gênero no Brasil.

O foco principal do trabalho é utilizar a história de um personagem - Mehdi - para informar o leitor a respeito dos tipos de perseguição sofridos por cidadãos de países onde reina o autoritarismo, dando espaço significativo para a trajetória do protagonista, suas experiências e motivações. Assim, será possível identificar variáveis padrão que configuram o sofrimento psíquico, individual e coletivo por que passam os perseguidos por razão religiosa, bem como explorar a lógica existente por trás de sociedades conservadoras e governos fundamentalistas.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

É objetivo desse livro-reportagem abordar a perseguição religiosa contra Mehdi, um cristão marroquino que precisou fugir de seu país e pedir asilo político-religioso no Brasil. Tal abordagem deverá conter como pano de fundo o contexto político-social do Marrocos, um dos países de maioria muçulmana onde o fundamentalismo é extremamente recorrente.

1.3.2 Objetivos específicos

- Contribuir para o entendimento acerca da perseguição religiosa, que é pouco explorada no Brasil e encontra dificuldades políticas, ideológicas e até partidárias para ganhar destaque;

- Abordar, por meio da história de Mehdi, o sofrimento de cristãos no Marrocos, onde há irrisória ou nula liberdade religiosa, onde a propagação da fé, do culto e da manifestação cristã é condenada;

- Apresentar aos brasileiros a realidade de cristãos que vivem em países de população com maioria muçulmana, onde sua fé não é aceita;

- Apresentar os desafios, as experiências e as principais dificuldades de Mehdi não apenas para lutar contra uma opressão estatal, familiar e religiosa, mas também para resistir diante das tentativas de restrição das liberdades;

- Contribuir para o esclarecimento do público geral sobre os dilemas histórico-contextuais que contribuem para que o Marrocos apresente uma carga de perseguição religiosa tão intensa;

- Explorar princípios básicos da religião islâmica a fim de compreender a quais conceitos - mesmo que erroneamente - tais governos se baseiam para a aplicação de suas leis de restrição religiosa;

- Explicar porque o cristianismo não é aceito no país em questão e quais ensinamentos, dogmas e doutrinas de ambas as religiões se contradizem.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A inspiração para a produção de um livro-reportagem surgiu após uma aula de Língua Portuguesa, em que o gênero foi apresentado como uma alternativa à narrativa *hard news* do jornalismo cotidiano. O desejo de elaborar um livro-reportagem foi contemplado após a escolha da temática a ser abordada no Projeto Experimental, temática que demanda níveis intensos de contextualização e aprofundamento. Os tópicos a seguir buscam explicar quais as principais bases jornalísticas que justificaram a escolha e desenvolvimento do produto respaldando-se principalmente nas ideias de Edvaldo Pereira Lima (1993 e 2009), um dos maiores teóricos sobre o assunto no Brasil.

2.1 Gênero e formato

Tendo em vista os conceitos desenvolvidos e aperfeiçoados por Edvaldo Pereira Lima (1993 e 2009), o produto terá como gênero o livro-reportagem, ou seja, uma técnica alicerçada no uso de recursos metodológicos do realismo social para abordar pautas do mundo jornalístico.

[...] o livro-reportagem é um veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado - quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2009, p. 26)

O produto contempla os principais requisitos de um trabalho jornalístico, ou seja, é baseado em fatos relevantes. Encaixando-se nas principais funções que exerce o

livro-reportagem, é papel desse produto ampliar os horizontes da temática por meio de um trabalho minucioso e detalhado, que observa os meandros além da superficialidade.

[...] o livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas e emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade. (LIMA, 1993, p. 7)

É também sua intenção atender outras perspectivas, não se importando em grande medida com a atualidade dos acontecimentos e nem mesmo com a proximidade, já que não abordará a realidade brasileira. Uma das vantagens do gênero livro-reportagem é justamente a quebra de determinados padrões viciosos identificados no jornalismo tradicional, como os valores de noticiabilidade. Tal gênero tem a intenção de flexibilizar esses padrões, ampliando as possibilidades e explorando outros níveis de interesse social, como a identificação temática do público, o interesse de um nicho específico em relação ao assunto e o próprio discernimento do autor quanto à relevância de determinada questão.

Lima (1993) explica que, muitas vezes, o jornalismo encontra-se num ritmo industrial, o que prejudica a produção qualitativa de conteúdos e reportagens e transforma a informação pública em um esquema de produção em massa, esvaziando sua real importância e virtude. Desse modo, o livro-reportagem serve como ponto de conexão entre as lacunas deixadas pelo jornalismo tradicional de massa e o interesse do público por conhecimento aprofundado.

Ora, na medida em que certos temas importantes não têm nos veículos jornalísticos convencionais a guarida que merecem, na medida em que os profissionais mais criativos e inquietos sentem-se tolhidos no seu potencial, por causa do esquema rigidamente industrial que se produz o jornalismo atual, a alternativa natural é a elaboração da grande reportagem na forma de livro. (LIMA, 1993, p.12-13)

O livro-reportagem escapa de preceitos antigos pré-definidos e repetidos pelo jornalismo cotidiano e tradicional, como a concepção de que o valor-notícia se dá, principalmente, pela abordagem daquilo que é atual. A atualidade é efêmera se considerarmos a profundidade de determinados temas e a necessidade de, no momento de sua interpelação, visitar elementos formadores, consequências, postulações futuras e repercussões em camadas.

De acordo com os conceitos explorados por Edvaldo Pereira Lima (1993 e 2009), as vantagens de publicações jornalísticas no gênero livro-reportagem são inúmeras, dentre elas a possibilidade de realizar um jornalismo contextualizado, aprofundado e, muitas vezes, multiangular. Esse gênero se distancia da concepção de valor-notícia visto como algo puramente factual, concreto e curtamente temporal. Trata-se da busca por romper com o fazer-jornalístico conectado a uma visão estanque da realidade, do passado e dos fatos.

Quanto ao conteúdo, o livro-reportagem trata de temas que correspondem ao real. A veracidade e a verossimilhança são fundamentais. Mas o real é compreendido tanto no plano da ocorrência social quanto no plano de uma situação mais ou menos duradoura, de uma questão ou de uma ideia vigente, refletindo um estado de coisas, nem sempre correspondendo necessariamente a um acontecimento central. (LIMA, 1993, p. 27-28)

O livro-reportagem também apresenta a característica de manter relativa independência em relação às estruturas empresariais, produzindo um espaço que mistura as necessidades do jornalismo cotidiano, da literatura e do aprofundamento da grande-reportagem.

Dentre os benefícios destacados por Lima (2009) para a conceituação do livro-reportagem como produto jornalístico, destacam-se as denominadas “liberdades”. A liberdade temática desvincula o autor da tendência sensacionalista do jornalismo cotidiano, possibilitando a captação de aspectos mais palpáveis do tema escolhido. A liberdade de angulação constitui fator incontestável para a justificativa da presença expressiva do autor, afirmando o compromisso de fugir de questões institucionalizadas e óbvias. A liberdade de fontes permite ao autor mais tempo, maleabilidade e possibilidade de pessoas para tratar de determinado assunto, algo inviável no ritmo compulsivo das redações. A liberdade temporal possibilita ao autor não ficar preso unicamente ao presente, podendo visitar o passado e principalmente projetar o futuro. A liberdade de eixo de abordagem permite ao autor fugir da obviedade da factualidade e vislumbrar horizontes mais abrangentes. A liberdade de propósito assegura a expansão de conhecimentos do leitor em diversos níveis, que ultrapassam os da informação rasa e simplória. Tais conceitos mostraram-se desafiadores para o autor e muito condizentes com os propósitos de abordagem do tópico, dando ao livro-reportagem uma ótica singular e propiciando uma abordagem rica e meticulosa.

[...] compreendendo a linguagem, a montagem do texto e sua edição, o livro-reportagem absorve o traço fundamental da mensagem jornalística, que é comunicar - isto é, estabelecer um elo de ligação com o leitor - com eficiência, combinando clareza e aceitação social. Por isto, há preocupação em não apenas um texto atraente, mas também em cuidar dos aspectos plásticos do livro - sua diagramação, ou distribuição do conteúdo no espaço físico impresso de acordo com princípios estéticos do bom gosto, suas ilustrações (fotografias, mapas, diagramas, tabelas) - elaborando o chamado projeto gráfico da obra. (LIMA, 1993, p. 28)

Lima (2009) conceitua esse gênero como essencialmente jornalístico por cumprir sua principal função: a de informar, ainda que de uma forma menos objetiva, mas suficientemente profunda e inteligível. Portanto, tais publicações têm muito a agregar às discussões jornalísticas acadêmicas e profissionais por suas infinitas possibilidades de tratamento.

[...] o livro-reportagem vai da informação simples, que apenas localiza certos temas para o leitor, à jornada de grande profundidade em complexos temas contemporâneos, fazendo-a passar por ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações e figuras humanas. O objetivo é oferecer um quadro da contemporaneidade capaz de situar o leitor diante das múltiplas realidades desse quadro e de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. Nesse caso, o livro-reportagem contextualiza o tema para o leitor, faz uma leitura sistêmica da realidade. (LIMA, 1993, p.28-29)

Uma das maiores inspirações para o surgimento e conceituação do livro-reportagem como gênero jornalístico foi o *New Journalism*, um movimento surgido nos Estados Unidos na década de 1960 que tinha como principal objetivo a elaboração de um estilo de jornalismo diferente do produzido em massa pelos jornais e revistas da época. O novo jornalismo ou jornalismo literário, surgiu, assim, da tentativa de trazer para a prática noticiosa a subjetividade e interpretação dos textos literários, mesclando mundos que antes eram considerados opostos.

O jornalismo literário é essencialmente caracterizado pela ambientação precisa e pela descrição minuciosa dos detalhes, concedendo ao leitor a sensação de estar no ambiente no momento exato em que os fatos se deram.

Ambivalente foi escrito firmado nesses conceitos, procurando aprofundar temáticas pouco retratadas nas mídias tradicionais brasileiras e acrescentando ao produto o toque literário do *New Journalism* por intermédio de uma ambientação acurada e de descrições cuidadosas. Tais características não diminuem a carga informativa do livro, que traz consigo dados palpáveis e estatísticas importantes para o entendimento do contexto a que o leitor será submetido.

2.2 Classificação do livro-reportagem

Edvaldo Pereira Lima (2009) faz uma proposta de classificação dos livros-reportagem de acordo com a disposição de seus conteúdos e o enfoque dado pelo autor durante a escrita. As escolhas narrativas, angulação de ideias, descrição e o tipo de história a ser contada contribuem para enquadrar determinado excerto em uma das treze categorias. No entanto, é comum que os produtos enquadrem-se em mais de uma, já que a liberdade de atuação do autor o permite transitar por diferentes classificações e assim produzir uma obra mais interessante sob o ponto de vista narrativo.

Das treze classificações propostas por Lima (2009), *Ambivalente* se encaixa majoritariamente em quatro, que serão descritas e justificadas a seguir:

- *Livro-reportagem perfil*

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão. Uma variante dessa modalidade é o *livro-reportagem biografia*, quando um jornalista [...] centra suas baterias mais em torno da vida, do passado, da carreira da pessoa em foco, normalmente dando menos enfoque para o presente. (LIMA, 2009, p. 51-52)

Em *Ambivalente*, os elementos constitutivos do livro-reportagem perfil/livro-reportagem biografia são os mais recorrentes. Trata-se da história de um marroquino ex-muçulmano que se converte ao cristianismo durante um projeto na faculdade de teologia islâmica e, assim, enfrenta diversas problemáticas relativas à sua nova decisão.

São explorados aspectos perfilados e biográficos essenciais para a elaboração da narrativa, focando principalmente na história do personagem, nos momentos de descoberta da nova fé e nas consequências imutáveis que sua conversão causou tanto para sua segurança e liberdade quanto para seu relacionamento interpessoal com a família. O livro assume um caráter biográfico em grau superior nos capítulos em que é carregado de fatos do passado, embora trate-se de um pretérito relativamente recente.

- *Livro-reportagem depoimento*

Reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada. Pode ser escrito pelo próprio envolvido - geralmente com a assistência de um jornalista - ou por um profissional que compila o depoimento e elabora o livro. Apreende-se, daí, que o tom é passar ao leitor uma

narrativa quente, com bastante clima de bastidores, movimentada. (LIMA, 2009, p. 52)

A categoria livro-reportagem depoimento atua no sentido de promover ao leitor a sensação de realmente estar no local dos fatos quando estes ocorreram. Produto de entrevistas que, juntas, somam mais de dez horas de duração entre períodos de gravação e apuração em *off*, *Ambivalente* é um livro-reportagem extremamente preocupado em manter a visão do personagem acerca dos ocorridos, lhe dando voz durante todo o excerto.

Alguns dos fatos contados no livro já haviam sido descritos na autobiografia de Mehdi, *Eu Era Cego e Agora Vejo*, permitindo-se realizar uma dupla checagem de versões, analisando e contrastando o que foi dito pelo personagem como autor e o que foi dito na condição de entrevistado. Essa dupla verificação mostrou-se importante para observar a oscilação emocional propiciada pela rememoração dos incidentes sob dois pontos de vista: do personagem falando sobre si, com o controle da própria narrativa, e do personagem deixando um jornalista falar sobre sua história.

- *Livro-reportagem denúncia*

Com propósito investigativo, esse tipo de livro apela para o clamor contra as injustiças, contra os desmandos dos governos, os abusos das entidades privadas ou as incorreções de segmentos da sociedade, focalizando casos marcados pelo escândalo. (LIMA, 2009, p. 57)

Apesar de não ter o elemento da novidade, o livro-reportagem em questão traz justamente o debate acerca de um escândalo dentro da família real marroquina. Trata-se de um olhar ampliado sobre uma sociedade assentada em costumes e leis fundamentalistas. O intuito do material é justamente suscitar a reflexão acerca dos incidentes de injustiça frequentemente apontados, contrastando os episódios enfrentados pelo personagem com os valores morais resguardados por sociedades democráticas.

Além disso, *Ambivalente* retrata a perseguição religiosa contra cristãos, como ela ocorre e quais os desafios enfrentados por aqueles que vivem em países de alta restrição de liberdades. Essa característica pode ser entendida como espécie de denúncia já que nesses locais, qualquer tipo de crítica ao governo é proibida, reprimida e punida.

- *Livro-reportagem ensaio*

Tem como forma a postura de ensaio, o que vale dizer, a presença muito evidenciada do autor e de suas opiniões sobre o tema, conduzida de forma a convencer o leitor a compartilhar do ponto de vista do autor. Quanto a tratamento de

texto, emprega, sobretudo, a função expressiva da linguagem [...]. O uso do foco narrativo na primeira pessoa é frequente no decorrer do livro. (LIMA, 2009, p.58)

Das classificações, as características remetentes a ensaio foram as menos utilizadas durante a elaboração de *Ambivalente*. Isso porque buscou-se tratar o tema com responsabilidade e profissionalismo, mantendo claramente exposto o que são as experiências do personagem; os dados, estatísticas e estudos e, porventura, as opiniões e comentários do autor. Apesar de empregadas principalmente ao longo das descrições, ambientação e projeções de pensamento, as ideias e subjetividades do autor foram colocadas com muita cautela e cuidado, de forma a não confundir o leitor e permitir que as conclusões sejam tiradas pelo intelecto de quem lê e não de interpretações pré-programadas. O autor manifesta, sim, suas opiniões, mas com responsabilidade e discernimento, apresentando embasamento e evitando elementos persuasivos.

2.3 A escolha do gênero e formato

A história de Mehdi é ampla e detalhada, por isso decidiu-se que o mais apropriado seria retratá-la por meio de um livro-reportagem em que o estilo de abordagem contextual poderia ser explorado e a riqueza de informações seria preservada e respeitada. Apenas um livro-reportagem poderia contemplar com clareza os aspectos de sua biografia e do mesmo modo abordar outros temas relacionados a essa narrativa, como a questão da perseguição religiosa e suas consequências, as prerrogativas do Islã, bem como os casos de perseguição ocorridos no Marrocos e as questões jurídicas e sociais vigentes no país.

[...] três aspectos essenciais devem ser considerados para a avaliação de um livro-reportagem: seu programa técnico - abrangendo o conjunto de instrumentos de que se vale para a produção da mensagem; seu projeto estético - a arquitetura de elementos que lhe dão expressão; e seu propósito ético - a natureza da sua visão de mundo, focando a realidade. (LIMA, 2009, p. 317)

Firmando-se nos aspectos citados por Edvaldo Pereira Lima (2009) para enquadrar um projeto na categoria livro-reportagem, *Ambivalente* contempla tais questões por conta dos seguintes elementos:

- *Programa técnico*

Elaborado com assente nos conceitos de reportagem de contexto e profundidade, *Ambivalente* traz uma visão aprofundada e acurada das situações mais relevantes vividas pelo

personagem principal. Nesse sentido, a produção da mensagem se dá de maneira direta e complexa: o leitor pode, no decorrer da leitura, ter contato com os mais diversos pensamentos, sentimentos e postulações que se passaram com Mehdi. Esse processo comunicativo é composto por meio da linguagem escrita, com contribuição de recursos imagéticos e gráficos que auxiliam na ilustração daquilo que é citado no decorrer do texto.

- *Projeto estético*

O projeto estético de *Ambivalente* é dividido entre sua editoração gráfica e a composição da narrativa. Esta é considerada parte do projeto estético por conter uma influência da literatura e, assim, acrescentar ao texto jornalístico elementos artísticos, utilizando-se com frequência de descrições detalhadas e figuras de linguagem. A diagramação do produto foi pensada previamente, a escolha das cores, da disposição dos elementos, caixas de texto, gráficos e imagens têm o objetivo de cumprir suas respectivas funções, transmitindo ao leitor os meandros da narrativa.

- *Propósito ético*

O propósito ético de *Ambivalente* reside no fato de no livro se debater uma questão raramente abordada pelos veículos jornalísticos tradicionais ou em discussões teóricas da academia. A realidade da perseguição religiosa contra cristãos no mundo gera a necessidade de que produções do tipo sejam amplamente realizadas e divulgadas, a fim de esclarecer ao público específico - os próprios cristãos - e também ao público geral as repercussões e motivações de tal comportamento.

Um livro não poderia abarcar toda a discussão envolvendo a perseguição religiosa mundial, já que, apesar de alguns fatores se repetirem em diversos países, a configuração local da perseguição e da intolerância ser completamente variável, dependendo em grande parte da organização social de cada país. *Ambivalente* tem como missão estabelecer um debate justo, equilibrado e verdadeiro, apresentando fatos, esclarecendo mitos e expondo perspectivas futuras sobre a situação dos perseguidos religiosos, principalmente do personagem que encabeça essa produção.

Acredita-se que o conceito de livro-reportagem é o ideal para a retratação do assunto justamente por contemplar as concepções de contextualização, história e profundidade presentes no jornalismo interpretativo, outra grande inspiração na definição desse gênero e formato para o trabalho. Desse modo, como define Lima (2009), o jornalismo interpretativo busca explicar os incidentes mediante uma sequência lógica de ideias, observando um fato e

considerando sempre: o contexto do ocorrido ou situação nuclear; os antecedentes; o suporte especializado - especialistas e testemunhas do assunto em questão; a projeção e os desdobramentos do caso e o perfil, ou seja, a humanização da reportagem.

Em *Ambivalente* tentou-se reunir, em suas devidas proporções, todos os aspectos acima citados, na produção de um livro suficientemente embasado, que busca esclarecer uma questão relevante para a sociedade moderna, humanizar aqueles que vivem ou já viveram situações semelhantes e projetar reflexões acerca das liberdades individuais e da relação simbiótica entre religião e Estado.

2.4 Técnicas jornalísticas empregadas

Para a configuração de um produto como parte do espectro da produção jornalística são necessárias aplicações de determinadas técnicas que possibilitem apresentar o resultado final como um produto informativo, relevante e substancial. Ou seja, a roteirização e a classificação da contação dessa história conforme o gênero e formato de livro-reportagem dependeu não apenas de uma pré-definição, mas também de um processo demorado e preciso.

Seguindo principalmente os conceitos - proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo e identificação humana - descritos por Nilson Lage (2002) para a seleção de informações, o tema deveria ser pensado de modo a atender a maior quantidade de variáveis possível. Assim sendo, o livro seria relevante para uma grande parcela da sociedade, tornando-se útil pública e academicamente.

As técnicas jornalísticas empregadas na composição de *Ambivalente* foram pensadas desde a sua concepção, antes mesmo da produção do pré-projeto. Buscou-se refletir sobre um tema interessante para ser abordado no Projeto Experimental. Para aplicar os conceitos de relevância da informação, pensou-se a respeito de um tópico que o autor tivesse afinidade suficiente para trabalhar de maneira satisfatória. Nesse quesito, a perseguição religiosa mostrou-se intrigante.

Apesar de não incorporar integralmente o valor-notícia proximidade, entende-se que a história retratada no livro encaixa-se muito bem nos outros requisitos visitados por Lage (2002). A história escolhida aconteceu principalmente em 2014, mas contempla diversas repercussões atuais que são exploradas ao longo do livro, principalmente em relação à vida do personagem para o Brasil e suas aspirações futuras. É presente a concepção de proximidade social, especialmente pelo fato de o cristianismo ser a religião mais professada

no mundo, havendo, teoricamente, uma empatia natural da sociedade em relação ao tema. A intensidade da narrativa se dá sobretudo pela história do personagem, suas dificuldades e conflitos.

O ineditismo contempla-se em virtude da lacuna deixada pela imprensa brasileira em relação à temática, fazendo com que a perseguição religiosa contra cristãos tenha pouca visibilidade, a despeito de os números apontarem uma quantidade expressiva de ocorrências de tais atos. A identificação humana é constituída principalmente pela expressão dos debates internos oferecidos e expostos pelo personagem principal, que trazem ao leitor um sentimento de empatia, compaixão e reflexão.

Para a elaboração do produto, utilizou-se a pesquisa documental, apoiando-se fortemente nos conceitos do jornalismo de dados e também nas técnicas de entrevista para conseguir informações novas das fontes, bem como apresentar no livro uma visão singular acerca de uma história parcialmente conhecida no meio missionário brasileiro.

Os assuntos foram organizados em um sumário e logo em seguida, aderindo às instruções de Lima (2009), foram elaboradas pautas específicas para cada capítulo, como se fossem reportagens individuais. Lima (2009) explica que a pauta é o ponto de partida de qualquer trabalho jornalístico, sendo responsável por um resultado satisfatório e de mesmo modo, culpada por uma conclusão insuficiente. Em vista disso, elas foram construídas de modo a visar o conhecimento da realidade, detectando os conflitos e observando além deles a fim de identificar causas e consequências.

Quando a meta final é a busca de conhecimento aprofundado da contemporaneidade, a questão da pauta ganha especial relevância porque é de um planejamento de abordagem bem realizado que nascem as diretrizes para a coleta, por via da pesquisa de material registrado - livros, matérias de imprensa, gravações em fitas cassete, sonoras ou audiovisuais, documentos etc. -, de entrevistas, pesquisas de tipo sociométrico e observações. (LIMA, 2009, p. 87)

O processo de captação, um dos mais importantes para a elaboração do livro, se deu a partir das entrevistas com Mehdi. De acordo com as contribuições de Cremilda Medina (1986), foi possível explorar o experimento psicossocial da entrevista, buscando atingir seu melhor desempenho técnico e extrair o inédito, curioso e singular para a formação da história.

As entrevistas com o personagem foram basicamente divididas entre algumas das classificações de Medina (1986, p. 15-17), utilizando recursos tanto do subgênero espetacularização, quanto do subgênero da compreensão/aprofundamento. No primeiro caso,

estabeleceu-se a utilização da técnica *perfil do inusitado*, extraindo do personagem subsídios além da normalidade para, assim, estabelecer o que o caracterizaria como sendo relevante para a concepção da obra. Já no subgênero da compreensão, empregou-se, considerando-se os limites impostos pela delicadeza da temática, uma mistura de *entrevista conceitual* com protagonismo da curiosidade do autor com *entrevista investigativa*, na tentativa de buscar informações não reveladas e de interesse público.

Algumas das informações apuradas não puderam ser completamente expostas por conta de segredos de justiça e da condição de proteção diplomática em que a fonte se encontra. Dados específicos, nomes completos e informações de cunho pessoal, por exemplo, foram omitidas. Além de buscar manter a privacidade de Mehdi nos aspectos mais íntimos, principalmente no que tange a informações de localidade e geográficas, em *Ambivalente* mantém-se o respeito aos trabalhos da Polícia Federal e do Ministério da Justiça, responsáveis por preservar em segurança refugiados e asilados políticos.

A estruturação do livro foi realizada em ordem cronológica, com intercepção de capítulos teóricos, que explicam tópicos importantes para a compreensão da história como um todo.

3 PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO

Além de contribuir para uma melhor divulgação e exploração das peculiaridades da perseguição religiosa, o livro-reportagem surgiu com o objetivo de tornar o assunto em questão e os casos o envolvendo mais palpáveis aos olhos do público-geral.

3.1 Público-alvo

A viabilidade de produção e publicação do produto foi pensada, em um primeiro momento, por meio de uma análise das possibilidades mercadológicas de aceitação e admissão do livro. Desse modo, avaliou-se os graus de necessidade que há no Brasil, tanto sobre o assunto quanto sobre o formato. Constatou-se que o produto era necessário por diversos fatores, especialmente pela lacuna deixada pelos meios de comunicação quanto à abordagem. Os veículos da imprensa brasileira raramente divulgam qualquer produção jornalística relacionada à perseguição religiosa contra cristãos em países fundamentalistas islâmicos ou em outros onde liberdade de culto e fé é recriminada. Tais conteúdos são

geralmente propagados quando há um incidente em massa ou quando os eventos ganham repercussão por ação de algum veículo internacional. Essa escassez de representatividade e retratação mostra-se incoerente com a sociedade brasileira, que é de maioria cristã e, por consequência, teria um interesse mínimo a respeito da perseguição religiosa em outros países. Isso posto, o autor procurou estabelecer contato com amigos e colegas, consultando-os a respeito do interesse pelo objeto. A resposta foi positiva, a maioria das pessoas mostrou-se disposta a saber mais sobre o assunto, seja por empatia ou por mera curiosidade.

Ambivalente foi escrito pensando-se em uma escala específica de audiência. Como trata-se de um assunto discutido geralmente em esferas de nicho - igrejas, organizações e grupos cristãos -, a ideia era aproveitar esses ajuntamentos para solidificar um público-base e assim expandir o assunto para outras comunidades, alcançando, num futuro, o público geral.

Assim sendo, no primeiro eixo da escala de público-alvo encontra-se o mais específico, um grupo já inserido no contexto cristão e da perseguição religiosa, ativo e mobilizado: trata-se dos cristãos filiados a ONGs, organizações, instituições ou igrejas que estão envolvidos ou sensibilizados com essa problemática. Esse grupo de pessoas tem uma bagagem de conhecimento suficiente para compreender termos, classificações e contextos de maneira aprofundada e detalhada. A eles, o livro destina-se como um material de suporte, trazendo embasamento jornalístico e conceitual.

Em seguida, observam-se os cristãos de maneira geral. Apesar de o assunto ser de interesse direto de cristãos, é comum o desconhecimento ou descaso dessas pessoas para com essa realidade. Nesse sentido, o livro se propõe a desmistificar o assunto, tornando-o acessível, intrigante e consistente. O interesse dessas pessoas por tal conteúdo se desenvolve por um sentimento de empatia para com a observação de outros em uma mesma causa ou mesma condição.

Com *Ambivalente* também pretende-se alcançar pessoas que não necessariamente estejam ligadas à perseguição religiosa, mas que procurem bons materiais do gênero livro-reportagem. O livro busca atingir a academia de pesquisa e ensino das universidades de Comunicação Social, com ênfase no segmento jornalístico, contribuindo para o gênero no país e também atentando para o modo como o assunto tem sido retratado e discutido nos veículos de imprensa.

Em último caso, e mais difícil de ser atingido, o produto tem como objetivo tocar o público geral da sociedade, que não necessariamente se interessa pelo assunto, mas que pode sentir-se cativo pela história do personagem principal.

3.2 Viabilidade mercadológica

A viabilidade mercadológica mostra-se positiva tanto observando-a sob a ótica do gênero e formato, quanto pela do conteúdo. Há um interesse visível do público por conhecer mais sobre histórias reais escritas com um toque literário. Edvaldo Pereira Lima (2009) explica esse interesse dando diversos exemplos de narrativas muito conhecidas e criadas sob esse gênero e formato. Obras como *Olga*, de Fernando de Moraes; *Estação Carandiru*, de Dráuzio Varella; *Autópsia do medo: vida e morte do delegado Sérgio Paranhos Fleury*, de Percival de Souza e *A ditadura escancarada*, de Elio Gaspari são alguns dos títulos mais populares e bem-sucedidos do segmento.

Todos esses títulos evidenciam que o livro-reportagem, em maior ou menor grau, ocupa um espaço próprio de importância no mercado editorial, variando, de país a país, no mundo ocidental, conforme a pujança e a maturidade do setor. (LIMA, 2009, p. 3)

Planeja-se, após a apresentação desse produto à banca avaliadora da universidade, procurar editoras e gráficas interessadas em publicá-lo e alcançar parcerias que auxiliem na divulgação e amplificação da mensagem. A ideia principal é buscar parceria de editoras cristãs, pois acredita-se que haverá maiores chances de aceitação e publicação por parte desses segmentos empresariais.

4 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

A produção de *Ambivalente* contemplou diversos níveis de criação e realização, sendo intensos desde a definição e a apuração do tema até a escrita e diagramação. Nesse processo, foi preciso pensar nos mais diversos detalhes, para que a mensagem fosse transmitida de maneira coesa, coerente e clara, permitindo ao leitor uma experiência inédita de leitura e imersão na história do personagem. A elaboração do livro durou aproximadamente seis meses, contando com o período de concepção, desenvolvimento do projeto e finalização do produto - edição e impressão.

4.1 Descrição das atividades empregadas

A perseguição religiosa contra cristãos em países de maioria muçulmana sempre foi um tema atraente aos olhos do autor, principalmente por viver num contexto missionário, onde amigos e parentes investem na vida de pessoas que saem de suas casas para evangelizar. A ideia de trazer esse tema para o Trabalho de Conclusão de Curso veio muito cedo, no segundo ano da graduação, embora ainda não houvesse certeza da viabilidade e muito menos do formato ou modelo ideal para abordá-lo.

O primeiro passo, portanto, para a definição desse produto foi a pesquisa. Um dos elementos jornalísticos mais essenciais, a pesquisa documental esteve presente para auxiliar na verificação de viabilidade. As maiores dificuldades foram entender se seria possível tratar o assunto de maneira jornalística e se havia embasamento teórico para estabelecer uma sustentação sólida de ideias. O resultado da apuração mostrou-se positivo, apontando para diversas pesquisas, a maioria realizada pela organização Portas Abertas, que mostravam a relevância do assunto para a sociedade e atentavam para dados expressivos quanto à perseguição religiosa no mundo.

O segundo passo foi a definição de angulação do material a ser recolhido. Nesse quesito seriam estabelecidas as definições principais de abordagem do assunto para a preparação das etapas seguintes. Após observar a profundidade necessária para se retratar a temática, entendeu-se que caberia a produção de um livro-reportagem, pela necessidade de abranger uma quantidade significativa de detalhes e por outros motivos já citados anteriormente, no tópico *2.3 A escolha do gênero e formato*.

Em seguida, era necessário organizar as informações até ali compiladas em um resumo, mediante a elaboração de um sumário com a intenção dos capítulos a serem escritos e seus respectivos conteúdos. Feito após sugestões da orientadora, o sumário serviu como uma espécie de caminho de coesão e estrutura para o livro, possibilitando o entrosamento das ideias e facilitando a produção da coerência entre os capítulos. A elaboração de um sumário foi importante para nortear como a história seria contada, qual ordem deveria seguir e de que maneira seriam incluídos e contextualizados os elementos históricos e teóricos.

Após a definição do sumário, foram elaboradas as pautas. Para cada capítulo proposto pelo sumário inicial foi produzida uma pauta completa, com retranscrição, histórico, encaminhamento, sugestão de perguntas, possíveis fontes e anexos. Na proposta inicial foram planejados onze capítulos, dos quais resultaram nove - porque alguns capítulos continham

temáticas equivalentes, culminando na compilação de alguns tópicos em uma mesma seção. Os capítulos foram divididos em biográficos e teóricos, sendo esses elaborados com materiais externos como livros, artigos e documentos e aqueles compostos primordialmente por meio das entrevistas com o personagem e pessoas próximas, depoimentos relatados em seu livro autobiográfico e também da observação e pesquisa dos contextos históricos e sociais contidos na obra.

Durante a elaboração das pautas, outro fator importante foi pensar na abordagem a ser utilizada no livro, além de aprimorar e aprofundar as pesquisas realizadas no início do planejamento do produto. Com o encaminhamento das pautas finalizado e revisado, foi possível identificar repetições temáticas entre os capítulos, bem como criar excertos aprofundados, considerando uma pesquisa direcionada ao que cada capítulo retrataria.

Seguidamente, contatou-se as fontes para agendar as entrevistas de acordo com seus respectivos capítulos. Infelizmente, pouquíssimas fontes especializadas deram retorno ou manifestaram interesse em auxiliar na elaboração do livro. No caso do capítulo acerca do Islã, diversos líderes muçulmanos do Brasil foram contatados e não manifestaram interesse em colaborar com o produto, ou não responderam às solicitações para dar suas versões dos fatos. Desse modo, o capítulo ficou restrito ao uso de documentos, livros e estudos. O capítulo sobre a perseguição religiosa contra cristãos no Marrocos foi baseado em documentos, reportagens e entrevistas já realizadas por organizações especializadas, agências de notícia e veículos internacionais de imprensa, como a *Agence France Press*, *AFP*, o veículo *U.S News* e a organização *Portas Abertas*.

Na maioria dos capítulos, onde o foco é a história de Mehdi, grande parte das entrevistas com o personagem foram realizadas pessoalmente, numa jornada de três dias. As primeiras duas entrevistas, no entanto, aconteceram por meio de aplicativos de videoconferência. A captação das entrevistas foi realizada através do *software* de edição e gravação de áudio *Audacity* e as videoconferências foram possibilitadas pelo *FaceTime*. Durante o encontro com Mehdi, foram tiradas fotos para compor as galerias da obra com uma câmera *Nikon D3200*.

Logo após a realização das entrevistas, iniciou-se o processo de escrita dos capítulos, procurando mesclar as falas do personagem com os excertos de narração e descrição de situações sob o ponto de vista do autor, além da reprodução de relatos previamente contados em seu livro autobiográfico e, com menos recorrência mas ainda assim presentes, relatos

externos. O processo de escrita foi todo realizado no *Google Docs*, dividido por capítulos que eram escritos com auxílio do áudio de apoio das entrevistas e das informações contidas nas pautas. Após a finalização de cada um dos capítulos, estes eram revisados e organizados em um arquivo conjunto compartilhado com a orientadora, Prof^a Dr^a Ângela Grossi, que, na medida em que um capítulo era finalizado, relia o documento inteiro, fazendo alterações e ponderações quando necessário.

A revisão geral final da obra foi feita pelo jornalista Gilberto Bazarello e pela pedagoga Ivete Corti Santo Silva, que leram tudo com critério e cuidado, contribuindo tanto com sugestões literárias quanto com retificações de concordância e gramática.

A diagramação do livro foi organizada e realizada com o uso do *software Adobe InDesign CC 2014*. O projeto gráfico-editorial, bem como o planejamento e desenvolvimento do conceito foram realizados pelo autor. Do mesmo modo, a arte da capa, os infográficos e grande parte das imagens, com exceção das de Meca, foram produzidas pelo autor. A edição das imagens foi executada com auxílio do editor online *Pixlr Editor*, além do uso do próprio *InDesign* para corte e formatação de determinados anexos.

4.2 Cronograma de atividades desempenhadas

A produção de *Ambivalente* teve uma duração total de seis meses, contando com a concepção da ideia e contato com a orientadora até a diagramação e apresentação do produto para a banca examinadora.

<i>Agosto/2017</i>	Aprofundamento teórico e pesquisa de personagens
<i>Setembro/2017</i>	Aprofundamento teórico e pesquisa histórico documental/ definição de personagem/elaboração do pré-projeto
<i>Outubro/2017</i>	Realização de entrevistas/ elaboração de sumário/planejamento do produto
<i>Novembro/2017</i>	Redação do livro e do relatório
<i>Dezembro/2017</i>	Finalização da redação/ revisão/ diagramação
<i>Janeiro/2018</i>	Revisão final/apresentação do TCC

4.3 Descrição do produto final

Esta parte do relatório tem como função descrever o livro-reportagem, concedendo informações mais detalhadas a respeito do processo de produção por meio da observação e justificativa das características que compõem o produto.

4.3.1 Projeto gráfico-editorial

Ambivalente é um livro-reportagem produzido como resultado do Projeto Experimental de Conclusão do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Trata-se de um produto jornalístico que aborda a temática da perseguição religiosa, dando enfoque principalmente à história de Mehdi, um marroquino que se converteu ao cristianismo e teve complicações familiares.

É importante que o projeto gráfico-editorial reflita as ideias transmitidas pelo conteúdo do livro, de modo que os conceitos desenvolvidos nas diversas partes do produto dialoguem entre si. Isso posto, o livro todo foi projetado com o desejo de mesclar uma cor forte com cores neutras, de modo que a observação de tais elementos conduza os leitores à associação do produto com uma temática séria, relevante e atrativa.

A paleta de cores foi estruturada com a utilização de quatro cores principais e suas variantes quando houvesse necessidade: preto, branco, cinza e laranja. A escolha por utilizar três cores neutras e uma cor secundária ocorreu para chamar atenção para um foco principal sem que fosse necessário o uso de uma paleta monocromática. Assim sendo, o laranja funciona como a cor catalisadora do produto, sendo o elemento mais chamativo do projeto gráfico e da arte da capa e atuando com suas principais peculiaridades: chamar atenção e transmitir agressividade e força. Esse tom também faz referência a uma situação simbólica: em janeiro de 2015, o Estado Islâmico decapitou 21 cristãos coptas que foram sequestrados na Líbia. Na ocasião, as vítimas vestiam macacões laranja em um vídeo que chocou o mundo.

O uso das cores neutras preto, branco e cinza foi feito principalmente para dar contraste ao laranja e destacá-lo, mas também tem sua significação própria. O jogo de oposições existente entre o preto e o branco, além de constituir agradável estética, simboliza as contradições exemplificadas na história do livro. Mehdi viveu contradições por muito tempo, tendo que demonstrar acreditar em uma religião e em filosofias que não mais lhe

faziam sentido. Embora convicto de sua nova fé, os momentos de dúvida e sentimento de ambivalência foram percebidos em grande parte da história, daí a utilização de cores opostas como o preto e o branco e da própria associação desses fatores com o nome do livro. Já o cinza tem uma função pragmática: combina bem com as outras três cores e transmite leveza, apesar de ter uma boa presença e de ser levemente memorável. É uma cor de fácil combinação e por isso tem sua importância nesse projeto gráfico-editorial.

A capa é a partícula mais importante da identidade visual do produto, pois é por meio dela que o leitor tem o primeiro contato com a narrativa e com a transmissão de ideias e conceitos incutidos no livro. Assim sendo, na capa buscou-se utilizar todos os itens estabelecidos pelo conceito visual, arquitetando-os e apresentando-os ao leitor de maneira que ele tenha um primeiro contato com o produto. Para a escrita do título foi escolhida a tipografia Arial, por ser considerada de fácil assimilação, sem serifa e pelo fato de que é uma tipografia extremamente recorrente, logo os leitores podem rapidamente se identificar. Os demais espaços de texto do livro, como as orelhas e o miolo foram escritos, em sua maioria, com a tipografia Lucida Bright. Tal decisão se deu por tratar-se de uma fonte serifada, o que facilita a leitura. Para diferenciar das demais escolhas, o nome do autor e o título dos capítulos, bem como a ficha técnica interna foram compostas com a tipografia não serifada Century Gothic, por trazer leveza e firmeza às inscrições.

Além dos textos escritos, *Ambivalente* conta com outros elementos de significação e produção de sentido, como os infográficos e as imagens. Componentes esses que constituem parte extremamente relevante do conteúdo por auxiliarem na interpretação da narrativa e complementarem de maneira visual o texto em si. Os infográficos foram realizados pelo próprio autor com base nos dados de uma pesquisa do *Pew Research Center* cuja referência completa encontra-se na seção *REFERÊNCIAS* deste relatório. Tais elementos foram elaborados com auxílio dos recursos disponíveis no próprio *InDesign CC*. Esses itens seguiram as variações da concepção de cores definida pelo projeto editorial, estabelecendo uma paleta complementar, que pudesse utilizar os mesmos conceitos mas trazer novos tons ao produto. Assim sendo, os infográficos foram feitos com a manutenção do cinza, do preto e do branco, mas com a adição de variações de laranja, marrom e amarelo em sua composição.

O tratamento das imagens foi um desafio, pois foi preciso pensar em uma alternativa para retratar a história de uma pessoa que carrega poucos registros de seu próprio passado. Os acontecimentos que Mehdi retrata estão, em sua maioria, guardados em sua mente ou em

documentos sigilosos do governo. Assim, a intenção era justamente retomar momentos específicos de sua narrativa com o que fosse possível encontrar. Os retratos foram dispostos em galerias que remetem a álbuns familiares. Com um fundo preto, os retratos são dispostos de maneira irregular, com espaços diferenciados entre si e tamanhos distintos, justamente para passar a impressão de “colagem” de figuras num álbum de fotografia. A primeira galeria constitui alguns dos poucos registros da infância que Mehdi ainda guarda. As fotos da infância de Mehdi não foram editadas para trazer mais veracidade ao produto.

As gravuras da galeria de Meca foram retiradas de *sites* específicos que permitem reutilização, como o *Wikimedia*, algumas seções do *Flickr* e o *Pixabay*. Optou-se por manter a tonalidade e resolução originais das imagens por representarem melhor o que é Meca atualmente. A última galeria de fotos foi tirada pelo autor durante o período de entrevistas realizado com o personagem e assim, como parte do final do livro, representa o momento presente de sua vida.

4.3.2 Especificações técnicas

A palavra-título do livro, *Ambivalente*, foi escrita em tipologia Arial, disposta na vertical e dividida em “Ambi” e “valente”, sendo esta composta na cor laranja e de corpo 71 e aquela composta na cor branca e de corpo 162. O subtítulo do livro “Como o fundamentalismo religioso fez um marroquino pedir refúgio no Brasil” foi redigido em tipologia Lucida Bright, na cor cinza e com corpo 19. O nome do autor, na capa do livro e na lombada, foi redigido em tipologia Century Gothic, na cor cinza, com corpo 17 e caixa alta. Os textos das orelhas do livro foram redigidos em tipologia Lucida Bright em cor branca para a maior parte do texto, preta para as palavras destacadas e com corpo 14. O texto da contracapa foi redigido em tipologia Lucida Bright, em cor preta para a maior parte do texto, laranja para as palavras destacadas e com corpo 17. Na lombada, a palavra-título foi grafada em Arial, em laranja e preto, com corpo 28 e caixa baixa.

O miolo utilizou-se praticamente das mesmas tipologias e padrões, a saber:

- *Corpo do texto*
Lucida Bright, 13pt, regular, preto
- *Títulos agradecimentos, prefácio, sumário e bibliografia*
Century Gothic, 21pt, negrito, caixa alta, preto

- *Título dos capítulos*
Century Gothic, 22pt, negrito, caixa baixa, laranja (numeração)/preto (texto)
- *Ficha técnica*
Century Gothic, 12pt, regular, caixa baixa/caixa alta, preto
- *Dedicatória*
Lucida Bright, 13pt, regular, preto
- *Corpo do sumário*
Century Gothic, 19pt, regular, caixa baixa/caixa alta, preto
- *Numeração de páginas e assinatura do prefácio*
Century Gothic, 14pt, regular, preto
- *Títulos das galerias de imagens*
Century Gothic, 20pt, regular, branco
- *Créditos das galerias de imagens*
Century Gothic, 10pt, regular, branco
- *Intertítulos*
Lucida Bright, 14pt, demibold, preto
- *Notas de rodapé*
Lucida Bright, 10pt, regular, cinza (texto)/preto (referência)
- *Citações*
Lucida Bright, 12pt, regular, preto
- *Título de galeria de digitalização*
Century Gothic, 18pt, regular, branco
- *Corpo da Bibliografia*
Lucida Bright, 12pt, regular/negrito, preto

Palavras provenientes de outros idiomas como inglês e árabe foram redigidas em itálico para facilitar a diferenciação. Semelhantemente foram redigidos os títulos de outras obras, reportagens, pesquisas e documentos. Os infográficos foram grafados em tipologias variadas conforme a escala definida pelo projeto gráfico-editorial. As caixas de texto com versículos bíblicos e corânicos apresentam-se em tipologia Century Gothic, de corpo 12, cor preta e em negrito, envoltas em um retângulo laranja. *Ambivalente* é um livro-reportagem de 14x21cm, com um total de 142 páginas de conteúdo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez faltem palavras suficientes para expressar com precisão a gratidão e orgulho que este autor sente ao ver um desejo antigo se materializando. A ideia de escrever um livro sempre mostrou-se desafiadora. *Ambivalente* foi desejado desde o começo da graduação, quando o Projeto Experimental nem sequer fazia parte das preocupações cotidianas, mas o contato com os diversos tipos de livro-reportagem oferecidos na disciplina de Língua Portuguesa fez acender neste autor a vontade de contribuir para o gênero no Brasil.

Diversos processos teórico-metodológicos foram essenciais para a elaboração do produto: leituras conceituais, noções básicas do jornalismo e literaturas clássicas, o estudo aprofundado do gênero livro-reportagem e a imersão na temática da perseguição religiosa. Muito foi apreendido durante o processo de elaboração dessa obra, desde reafirmações de conceitos da graduação até questionamentos de determinadas abordagens que aprendemos como corretas mas que nem sempre mostram-se adequadas no decorrer do decurso.

É fundamental observar que o maior aprendizado absorvido durante este processo foi, sem sombra de dúvidas, o exercício da “empatia jornalística”. O jornalismo contextualizado exige um aprofundamento histórico, conceitual e detalhista. É preciso que o repórter mergulhe naquele enredo para que possa oferecer ao leitor não apenas uma narrativa completa, mas as respostas para perguntas que ninguém havia feito anteriormente.

Nessa perspectiva, o principal desafio de *Ambivalente* era, num primeiro momento, entender a mentalidade do personagem, projetar suas experiências, ter compaixão por sua visão de mundo e imaginar como tudo aquilo o havia afetado. A cultura brasileira se difere drasticamente da cultura árabe marroquina tradicional, portanto, o estudo da sociedade do Marrocos, dos muçulmanos e do funcionamento do Islã foi o primeiro e talvez mais importante passo para a consolidação do livro-reportagem.

Há também que se destacar a necessidade de produção de um material totalmente original. Mehdi já tem uma biografia, logo, simplesmente contar sua história tornaria o produto redundante. Criou-se então, ao contrário da autobiografia do personagem, trazer a *Ambivalente* vozes externas, tanto de estudiosos e outros personagens, quanto de estudos, livros e reportagens pertinentes aos assuntos de cada capítulo.

O livro é, por conseguinte, o resultado de um trabalho de seis meses de pesquisa documental, aprofundamento temático e histórico, entrevistas e escrita. Trata-se do trabalho

mais audacioso, desafiador, intrigante, desgastante e prazeroso que este autor já fez. Espera-se que, com ele, os públicos-alvo sejam não apenas atingidos, mas totalmente impactados, e passem a reconhecer as problemáticas que ainda existem ao se extrapolar da religiosidade para o extremismo. Espera-se que o livro seja uma referência do gênero para o país, que conta com trabalhos tão grandiosos, e que, assim, honre a cadeira ocupada por este autor numa das mais importantes instituições públicas do país.

REFERÊNCIAS

AGENCE FRANCE-PRESSE. **Morocco's Christian converts emerge from the shadows.** 2017. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/wires/afp/article-4459632/Moroccos-Christian-converts-emerge-shadows.html>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA BENEFICENTE ISLÂMICA DO BRASIL. Departamento de Comunicação. **A Jihad.** Disponível em: <<http://www.mesquitadobras.org.br/texto.php?op=145>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

AZEVEDO, Reinaldo; RITTO, Cecília. **O IBGE e a religião — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%.** 2017. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

BBC BRASIL. **Saiba o que é a Jihad Islâmica.** 2002. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/021109_jihadmp.shtml>. Acesso em: 23 nov. 2017.

CENTRO DE DIVULGAÇÃO DO ISLAM PARA A AMÉRICA LATINA. **Eid al Adha (Festa do Sacrifício).** 2017. Disponível em: <http://www.islambr.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=511:eid-al-adha-festa-do-sacrificio&catid=114:islamicas&Itemid=117>. Acesso em: 28 nov. 2017.

CIVITA, Victor. **As Grandes Religiões.** São Paulo: Abril, 1973.

EMBAIXADA DO REINO DE MARROCOS EM PORTUGAL (Lisboa). **A "Festa do Sacrifício" Eid Al-Adha.** Disponível em: <http://www.emb-marrocos.pt/destaque/embaixada-de-marrocos/destaques-homepage-a-festa-do-sacrificio-eid-al-adha_512.html>. Acesso em: 28 nov. 2017.

FERNANDES, Cláudio. **Maomé.** Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-media/maome.htm>>. Acesso em: 12 out. 2017.

GONÇALVES, Rainer. **História do Cristianismo.** Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/religoes/cristianismo.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

GONÇALVES, Rainer. **História do Islamismo.** Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/religoes/islamismo.htm>>. Acesso em: 12 out. 2017.

GONÇALVES, Rainer. **Islamismo Religião ou Política?** Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/islamismo-religiao-politica.htm>>. Acesso em: 12 out. 2017.

GONÇALVES, Rainer. **O fundamentalismo islâmico.** Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/arabe/o-fundamentalismo-islamico.htm>>. Acesso em: 12 out. 2017.

GRAVES, Kacie. **Christians in Morocco: A Crisis of Faith:** Forced to worship in secret, Moroccan Christians struggle to practice their religion.. 2015. Disponível em: <<https://www.usnews.com/news/articles/2015/09/30/christians-in-morocco-a-crisis-of-faith>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

ISMAIL, Ahmed. **A Educação e a Formação Familiar Islâmica.** Disponível em: <http://www.mesquitadobras.org.br/not_vis.php?op=111&cod=85&pagina=0>. Acesso em: 20 out. 2017.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2015/04/Ideologia_comp_.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2017.

LAHSINI, Chaima. **Religious Minorities Face Persecution in Morocco: US State Department.** 2017. Disponível em:

<<https://www.moroccoworldnews.com/2017/08/226353/religious-minorities-persecution-morocco-us-state-department/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira Lima. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri, São Paulo: Editora Manole, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. (Coleção Primeiros Passos).

MACHADO, Fernanda. **Cristianismo: Religião passou de perseguida a oficial no Império Romano**. 2005. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/cristianismo-religiao-passou-de-perseguida-a-oficial-no-imperio-romano.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

MARCHAO, Talita. **Como o Alcorão é manipulado para justificar o terrorismo de radicais islâmicos?** 2016. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2016/01/07/como-o-alcorao-e-manipulado-para-justificar-o-terrorismo-de-radica-islamicos.htm>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

MARQUES, Vera Lúcia Maia. **Conversão ao Islam: o olhar brasileiro, a construção de novas identidades e o retorno à tradição**. 2000. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

MASTRANGELO, José. **Entenda o Islamismo**. 2001. Disponível em: <<http://www.ufac.br/site/noticias/ufac-na-imprensa/edicoes-2001/novembro/entenda-o-islamismo>>. Acesso em: 10 out. 2017.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista - O diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 1986. 50 p.

MISSÃO EVANGÉLICA ÁRABE DO BRASIL. **Sobre**. 2017. Disponível em: <<http://lojameab.com.br/sobre/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

O GLOBO. **Islamismo será a maior religião do mundo em 2070, diz estudo**: População muçulmana tem alta taxa de fertilidade e perde menos fiéis. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/islamismo-sera-maior-religiao-do-mundo-em-2070-diz-estudo-20998454>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

ONE NEWS NOW (Marrocos). **Marrocos clama para que cesse a perseguição cristã**. 2010. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/noticias/2010/09/noticia6534/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

PEW RESEARCH CENTER. **The Future of World Religions: Population Growth Projections, 2010-2050**: Why Muslims Are Rising Fastest and the Unaffiliated Are Shrinking as a Share of the World's Population. 2015. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2015/04/02/religious-projections-2010-2050/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

PORTAS ABERTAS. **Apresentação**. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/about/apresentacao/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

PORTAS ABERTAS. **Igreja no Marrocos tem potencial para crescer:** Há dois anos atrás, muitos cristãos estrangeiros foram expulsos do Marrocos, isso mudou a realidade da igreja marroquina. Hoje, os cristãos, reúnem-se em grupos bem menores do que estavam acostumados, e uma igreja com vinte membros já pode ser considerada grande. 2012. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/noticias/2012/03/1487634/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

PORTAS ABERTAS INTERNACIONAL (Org.). **Cerca de 215 milhões de cristãos enfrentam altos níveis de perseguição.** 2017. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/noticias/2017/01/cerca-de-215-milhoes-de-cristaos-enfrentam-altos-niveis-de-perseguciao>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

PORTAS ABERTAS INTERNACIONAL. **Cristãos do Marrocos são proibidos de evangelizar:** Dos 50 países onde os cristãos são mais perseguidos por sua fé, o Marrocos ocupa a 44ª posição. O islamismo é considerado a religião oficial do país e somente os estrangeiros podem adorar a Deus livremente. 2014. Disponível em: <https://www.portasabertas.org.br/noticias/2014/11/cristaos_do_Marrocos_sao_proibidos_de_evangelizar>. Acesso em: 22 nov. 2017.

PORTAS ABERTAS INTERNACIONAL. **O que é o Ramadã?:** O Ramadã é o nono mês do calendário islâmico, no qual se acredita que o profeta Maomé recebeu a revelação da parte de Alá (como os muçulmanos denominam o Deus Todo-Poderoso), dos primeiros versos do Alcorão. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/ramada/oqueeramada/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

PORTAS ABERTAS. **Lista Mundial da Perseguição.** Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/listamundial/>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

PORTAS ABERTAS (Marrocos). **Líderes muçulmanos querem proteger minorias religiosas:** "A declaração não é realista e nem a ideia dos líderes em proteger as minorias religiosas. Somente um milagre resolveria a situação atual dos cristãos perseguidos". 2016. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/noticias/2016/02/lideres-muculmanos-querem-protoger-minorias-religiosas>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

REDAÇÃO INTERNACIONAL (Rabat). **Festa do Sacrifício abre espaço para serviços curiosos no Marrocos:** Ofícios vão desde amolar facas até vender carvão para assar carnes ou alimentos para cordeiros. 2016. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/blogs/radar-global/festa-do-sacrificio-abre-espaco-para-servicos-curiosos-no-marrocos/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

REDAÇÃO O GLOBO (Comp.). **A FESTA DO SACRIFÍCIO DOS MUÇULMANOS.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/a-festa-do-sacrificio-dos-muculmanos-14126695>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

REDAÇÃO VEJA. **Saiba como funciona o mês sagrado do islã, o Ramadã.** 2015. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/mundo/saiba-como-funciona-o-mes-sagrado-do-islam-ramada/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

SANT'ANA, Thais. **Qual é o país com mais ateus no mundo?:** Confira os números da religião e do ateísmo a redor do planeta. 2017. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/religiao/qual-e-o-pais-com-mais-ateus-no-mundo/>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

SMALLING, Roger L. **O Que é a Graça?** Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/graca_irresistivel/o-que-e-graca_smalling.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SOUZA, José Neivaldo de. A GRAÇA DE DEUS E A REFORMA NA IGREJA. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 45, n.1, p.59-71, 09 abr. 2015. Semestral. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/20373/13640>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

STACEY, Aisha. **O QUE O ISLÃ DIZ SOBRE AS CRIANÇAS (PARTE 1 DE 5): DEUS GARANTE OS DIREITOS DAS CRIANÇAS.** 2014. Disponível em: <<https://www.islamreligion.com/pt/articles/3584/viewall/o-que-o-islam-diz-sobre-as-criancas-parte-1-de-5/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

VILAVERDE, Camila. **As 8 maiores religiões do mundo.** 2012. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/superlistas/as-8-maiores-religoes-do-mundo/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

Matteus Corti é jornalista, amante da literatura, das artes e da música. Nasceu na cidade de São Paulo em 1995 e em 2014 mudou-se para Bauru para cursar Comunicação Social - Jornalismo na Unesp, cujo Trabalho de Conclusão de Curso resultou no presente livro-reportagem.

Mehdi é um membro da família real do Marrocos que viu sua vida ser mudada por completo após uma **experiência de conversão** ao cristianismo durante o desenvolvimento de seu Trabalho de Conclusão de Curso no Seminário Teológico Islâmico. Após largar tudo para viver sua fé, é hoje considerado o único marroquino da história que possui **refúgio religioso** diplomático no Brasil.

ambivalente

MATTEUS CORTI

ambivalente

MATTEUS CORTI

como o fundamentalismo religioso fez um marroquino pedir refúgio no Brasil

A palavra **ambivalente** deriva da junção de duas terminologias latinas: o prefixo *ambi*, que significa ambos, e o sufixo *valência*, que deriva da palavra *valentia*, expressão latina para força.

Ambivalente, portanto, simboliza aquilo que é ou possui forças distintas, contradições ou mais de uma função. Trata-se da concepção de coexistência de dois valores opostos num mesmo objeto ou pessoa. É a qualidade de manifestar sentimentos radicalmente diferentes em relação a determinado tema.

**av
am
b
i**

avamente i

como o
fundamentalismo
religioso
fez um
marroquino
pedir
refúgio no
Brasil

MATTEUS CORTI

ambivalente

autor	MATTEUS CORTI
orientadora	ÂNGELA GROSSI
revisão	GILBERTO BAZARELLO IVETE CORTI SANTO SILVA
projeto gráfico-editorial	MATTEUS CORTI
diagramação	MATTEUS CORTI

livro-reportagem realizado como projeto experimental para conclusão do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp.

todos os direitos reservados

AGRADECIMENTOS

Ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. *Soli Deo Gloria.*

Aos meus pais, por sonharem junto comigo e por serem as pessoas mais incríveis, compreensivas e altruístas que eu já conheci.

À minha orientadora Ângela, por ser uma das mais adoráveis e competentes professoras que conheci durante toda a graduação. Obrigado por toda a preocupação, paciência e ajuda.

Ao tio Roberto e tia Regina, por participarem ativamente do processo durante as viagens para entrevistas. Não tenho palavras para agradecer-los.

A minha prima Bianca e sua família, por me receberem em sua casa em um momento crucial.

Ao meu primo Cica, por ajudar no processo de finalização, edição e impressão do livro.

Ao irmão Mehdi. Obrigado pela compartilhamento de suas experiências e por abrir um pouco mais da sua vida e história comigo.

A Cássia, por ser uma das principais responsáveis pela manutenção da minha saúde mental durante o processo de produção deste livro.

Aos incríveis amigos - Camila, Heloísa, Jéssica, José Felipe, Nathane e Thainá - que a Unesp Bauru me concedeu. Tê-los ao meu lado foi mais do que essencial para que este livro ficasse pronto. Agradeço por me ouvirem e me darem tanto suporte e ajuda. Estarão eternamente em meu co-

ração.

Ao Giba e a minha mãe Ivete, pela revisão meticulosa e assertiva.

A todos - família e amigos, nas pessoas de minha avó Iza e minha tia Olga que, de alguma forma, investiram e acreditaram em mim ao decorrer da vida e durante a graduação. Muito obrigado.

Dedico este livro a todos e todas que já passaram por perseguição religiosa, que já sofreram por professar sua fé ou já tiveram que restringir sua liberdade individual por conta da crueldade e covardia do autoritarismo. A todos os mártires da fé minha total admiração, apreço e respeito.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	11
1. cuidado!.....	13
2. o islã.....	27
3. por que?.....	51
4. você precisa voltar.....	61
5. desnorteados.....	75
6. o risco da cruz.....	91
7. 5 de agosto de 2013.....	103
8. céu azulado.....	121
9. perspectiva.....	129
BIBLIOGRAFIA.....	135

PREFÁCIO

“Com certeza”, disse convicto.

Essa frase me encantou.

É o desfecho da narrativa de alguém que acumulou perdas. Perdeu família, amigos, dinheiro, cidadania, sonhos, status, posição social. Preferiu o bálsamo da paz ao fel da hipocrisia. É também sua resposta à última pergunta do repórter: “Valeu a pena?”

Fico mais encantado ainda pelo contexto em que Mehdi viveu: estava sendo preparado desde a tenra idade para ser o sucessor de seu pai, ministro da religião, membro da família real e, portanto, usufruía das benesses dessa condição.

Morava no Reino de Marrocos, país localizado no norte da África, com 446.550 km² de extensão territorial e uma população estimada em 35.042.582 habitantes.

Embora o Marrocos seja considerado um país religiosamente moderado, reconhece em sua constituição o Islamismo como religião oficial e suas ideologias são o alicerce de parte de suas leis. Viver onde a religião norteia as regras sociais, os hábitos familiares, os costumes, o horário de acordar, a alimentação, o vestuário, a vida, enfim; e onde, conseqüentemente, a religião define as aspirações mais íntimas, é inconcebível à mente ocidental. Porém, é assim que milhões de pessoas vivem no mundo.

Ser perseguido por professar outra crença

ao nível que Mehdi foi é algo que parece distante da nossa realidade. Entretanto, se observarmos atentamente ao nosso redor, testas são franzidas, cabeças meneadas e olhares lançados com desprezo simplesmente por alguém manter um padrão moral diferente ou professar uma fé não majoritária.

Ambivalente retrata a realidade de uma pessoa que, embora submersa num mar de intolerância, tira sua cabeça para fora, escolhe viver uma outra crença que lhe traz sentido à vida e decide lutar por suas novas convicções.

Ao percorrermos as páginas deste livro somos insistentemente conduzidos à uma ponderação: que leitura tenho feito sobre a forma de viver do meu semelhante? Certamente, essa reflexão nos fará melhores amigos, pais, filhos, cônjuges, cidadãos, vizinhos, colegas de trabalho, alunos, profissionais.

E quando em algum momento de nossa existência a reporter, Sra. Consciência, perguntar: “Valeu a pena?”, responderemos convictamente: “Com certeza!”

Gerson Venancio da Silva
pastor e pai do autor

1.cuidado!

A tarde era chuvosa em uma quinta-feira qualquer quando encontrei Mehdi pessoalmente pela primeira vez. A entrevista que deveria durar cerca de uma hora durou quase o triplo, felicidade de qualquer jornalista, inclusive deste que vos fala. Às 14h30 nos encontramos para irmos ao seu escritório conversar sobre sua história: passado, presente, futuro. Quanta responsabilidade e coragem, narrar os pormenores de uma vida cheia de transformações a um jornalista cujo esforço seria transformar o relato num enredo que coubesse num livro.

Ao chegarmos, me deparei com detalhes inesperados e alguns não poderão ser expostos neste livro por motivos de segurança, algo que muito em breve o leitor entenderá com mais pro-

fundidade. Mehdi vestia uma calça jeans azul escura com um moletom básico listrado branco e preto. Dirigia suavemente nas ruas de sua cidade enquanto me mostrava alguns pontos de referência que julgava interessantes: o prédio da polícia federal, a mesquita xiita, a mesquita sunita, o prédio onde morava e, finalmente, seu escritório.

Como voluntário, Mehdi cede algumas horas de seu dia para a Missão Evangélica Árabe do Brasil (MEAB), onde leciona na pós-graduação especializada em evangelização de muçulmanos. O prédio com cerca de quatro salas grandes e dois andares me chamou a atenção por não ter nenhuma placa do lado de fora para identificar o local e especificar o funcionamento da instituição. Ao olhar para meu rosto curioso, ele logo explicou: “não temos placas por conta de segurança”. Os motivos são básicos, a organização sofre perseguição por parte de alguns muçulmanos e a cidade onde está localizada tem um alto índice de população árabe. Por precaução, não há placas ou especificações externas.

Ao entrar no prédio, fui apresentado a todos os ambientes. Três das quatro salas funcionam como salas de aula normais e escritório dos professores; Mehdi possui seu próprio escritório e entre a escada para o segundo piso e a sala onde trabalha há uma pequena cozinha com área para o intervalo dos alunos. Ao chegarmos ao escritório, disse-me para ficar à vontade num português ainda não consolidado, língua praticada há apenas

quatro anos e cuja fluência considera frágil e inconsistente. Consegue se comunicar normalmente, apesar de subestimar a própria capacidade.

Iniciamos a entrevista falando do começo: o passado. Perguntei mais sobre sua infância no Marrocos e como funcionava a vida antes de todos os episódios que motivaram a escrita deste livro. Olhando-me fixamente nos olhos, Mehdi escorou-se na cadeira e colocou as mãos nas têmporas, tentando recordar o que podia. Entre sorrisos, iniciou relutando em dizer o ano em que nasceu, aparentemente não gosta de ter envelhecido. Foi 1988.

Nascido na cidade de Rabat, capital do Marrocos, Mehdi é o primeiro dos três filhos do conselheiro real. Seu pai é primo do rei do Marrocos, condição que faz dele e de sua família integrantes da monarquia marroquina. Ao falar de sua criação, explica que desde a infância toda sua educação foi baseada nos protocolos a serem seguidos pelos membros da monarquia. Desde crianças, os membros da família real devem aprender a comportar-se como tal, a saber seus deveres, poderes e, principalmente, o lugar que ocupam e o papel que, quando crescerem, devem desempenhar.

Estudou na Escola Militar da família real marroquina, que apesar do nome não é necessariamente administrada por um regime militar, a despeito de todas as restrições e disciplinas revelarem o contrário. A escola fica dentro do condomínio-palácio pertencente à família real em Rabat,

que abriga a sede principal da monarquia marroquina. Conta que desde pequeno e por cerca de dezesseis anos estudou com, absolutamente, as mesmas pessoas, na mesma turma.

As aulas eram em francês, idioma não-oficial do país, mas falado por praticamente toda a população, já que a independência do Marrocos em relação à França se deu apenas a partir de 1956. Mehdi conta que sua criação tinha a finalidade de o preparar para assumir o papel de líder e conselheiro real, seguindo os passos de seu pai, atuando na condução de questões religiosas.

Alguns cargos no Marrocos são destinados à indicação da monarquia, como os líderes do Exército e os líderes responsáveis pela religião do país. Ao ser indagado sobre o que especificamente significa essa liderança religiosa, Mehdi explica que, no Marrocos, política e religião andam juntos. O papel da autoridade religiosa é o de controlar questões específicas, como a educação: todo o material destinado às escolas deve ser escrito e/ou filtrado pelas autoridades religiosas. O ofício também tem responsabilidade sobre a vida espiritual marroquina, cuidando da manutenção das mesquitas e templos religiosos islâmicos.

O avô de Mehdi foi o primeiro a assumir esse cargo de confiança, sendo referido pelo marroquino como “a maior autoridade religiosa do Marrocos”. Como a ideia de hereditariedade está presente em quase todos os ambientes por ali, nos cargos de confiança não seria diferente: é herança

de Mehdi assumir o controle dessa área.

Quando perguntado sobre a responsabilidade por ser membro da família real do Marrocos, explica que acredita ser muito complexo. Em um tom crítico, Mehdi aponta que o contato da família real com o povo marroquino é distante por conta dos chamados protocolos do palácio. Saídas e viagens sempre devem ser realizadas após autorização por motivos de segurança e também para cumprir um dos principais protocolos, chamado de “honra e vergonha”. As atitudes dos membros da monarquia devem sempre prezar pela manutenção da honra da família e nunca trazer vergonha à coroa.

“Cuidado!”, talvez tenha sido a interjeição mais ouvida por Mehdi desde que se lembra. Cuidado ao falar isso, cuidado ao falar aquilo, cuidado ao fazer viagens, ao dar entrevistas; cuidado com o que pensa e com o que deixa de pensar. Cautela, atenção, responsabilidade em absolutamente tudo que era feito.

As medidas preventivas também refletiam-se no relacionamento interno da família de Mehdi, principalmente com seu pai. Chamado por ele de “a sombra do rei do Marrocos”, o relacionamento era íntimo, próximo, especial; mas ao mesmo tempo burocrático, detalhista e calculado. Apesar das muitas viagens realizadas pelo pai durante sua infância, a presença na vida de Mehdi foi muito marcante. Sua mãe, por outro lado, sempre esteve por perto. As regalias oferecidas à monarquia

permitem aos membros da realeza nunca estarem sozinhos: as amas-de-leite ainda são uma realidade para a família real e só para Mehdi, seus pais e irmãos, quatro empregados eram disponibilizados.

Dos 350 membros da família real marroquina, a maioria reside no palácio principal de Rabat, ao lado do rei do Marrocos, por terem cargos oficiais e o local ser a sede político-administrativa do governo. São cerca de 150 casas, além de um hospital, uma escola militar e outros anexos internos. A moradia da família real, descrita por Mehdi como “talvez uma das coisas mais monstruosas e fantásticas que você pode ver na sua vida”, foi criada e construída pelos melhores artistas do país. O palácio é praticamente uma cidade e são aproximadamente 15 quilômetros de segurança, dividindo-se entre as polícias militar e federal, além da inteligência e polícia do rei. A porta de entrada para os aposentos oficiais da família real tem segurança máxima: são três portões com identificação e na primeira entrada há um salão *VIP* onde a realeza recebe grupos diplomáticos. Após o salão, o lado direito do palácio é destinado aos trabalhadores - ministros e conselheiros - e do lado esquerdo encontra-se a mansão do rei, com outra equipe específica de segurança.

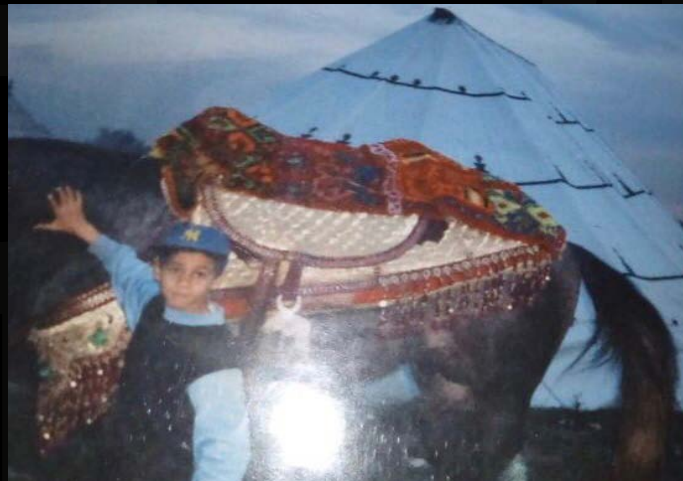
Do pouco que se lembra, Mehdi ousaria se definir como uma criança extremamente mimada. Recorda episódios de viagens e passeios em família em que um simples “não” era motivo para

espernear, gritar e chorar agarrado ao chão de um lugar qualquer. Ele conseguia o que queria com seu choro. De tanto persistir, o que era “não” logo tornava-se “sim” e ainda angariava um pedido de desculpas de sua mãe, como que se redimindo por fazer o filho passar por tamanho sofrimento. Em casa, ouvia os sermões e disciplinas, mas em público Mehdi estava mais do que acostumado a conseguir o que e como queria.

Pergunto se consegue lembrar algum episódio interessante que tenha sido marcante em sua infância e, sorrindo, sinaliza suavemente para o lado direito do rosto, num gesto pouco assertivo mirando a pergunta “é aqui que tem uma marca?”. A dúvida iniciaria uma das histórias vividas por ele durante a infância: um certo acidente ocorrido enquanto brincava com sua prima. Um isqueiro e um pirulito foram suficientes para deixar em Mehdi uma marca que carregaria para o resto da vida. Em um gesto rápido ele esquentou o pirulito da prima com o isqueiro para assustá-la e ela, ainda mais depressa, o colocou em seu rosto de modo a defender-se da atitude. Não satisfeito com as artimanhas, jogou a prima na piscina, que se debateu por cerca de cinco minutos desesperada até ser salva do afogamento por um funcionário.

“Eu lembro de outra coisa!”, exclama Mehdi quando já estávamos prestes a tomar rumo para outro assunto. O relato seguiu-se para um programa de intercâmbio cultural anual promovido entre o Marrocos e a Argélia. Um acampamento nas

Infância de Mehdi



montanhas seria o cenário ideal para mais uma das travessuras do pequeno marroquino de 12 anos. Meninas para um lado e meninos para o outro era a divisão ideal feita pelos organizadores. Mehdi, a postos, se preparou para o momento: um pacote de explosivos recreativos o acompanhou na viagem. Durante a noite, cerca de 3 horas da manhã, o lado feminino do acampamento receberia uma engenhosidade: a junção de mais de 30 ou 40 bombinhas. Mehdi fez de um jeito que pudesse ativar as bombinhas de longe, sem que soubessem quem havia feito. Nunca descobriram. Os explosivos acordaram todos do acampamento, alguns chorando, desesperados e ele, fingindo também estar assustado. “Um dia o líder do acampamento chegou até mim e pediu ajuda para encontrar quem estava fazendo aquilo”, conta sorrindo.

“Quando criança eu era terrível”, resume a infância entre sorrisos bem-humorados e olhos preocupados, talvez um pouco arrependidos de algumas ações, mas certo de que as atitudes infantis não mais se repetiam nos dias atuais.

A rotina da infância era dividida entre as orações e protocolos do Islamismo, a escola e os intervalos para alimentação. De madrugada uma primeira oração prometia iniciar o dia de Mehdi, seguida pela leitura incessante do Corão numa tentativa de decorá-lo, por vezes com seu avô, por vezes sozinho. As atividades demoravam de 10 a 15 minutos e de duas a três horas respectivamente. Logo em seguida, café da manhã, escola

e demais atividades. Estudou muitas disciplinas adicionais que crianças plebeias não deveriam: o que por aqui chamamos de regras de etiqueta, por lá recebem o nome de “Matérias do Protocolo”. Como comer, sentar, se portar e vestir deveria estar incrustado em cada uma daquelas mentes, os futuros líderes do Marrocos. Além disso, as disciplinas tradicionais: Francês, Matemática, Árabe Clássico e todas as componentes do ensino básico do país.

Ao refletir sobre os relacionamentos, Mehdi demonstra emoção, principalmente ao falar sobre seu pai. Admiração, companheirismo e intimidade parecem ter sido parte importante da construção da relação desenvolvida entre ambos. Nascido para seguir os passos do pai, levou a sério cada ensinamento e dever. O desejo de ser como ele parecia extrapolar as obrigações e burocracias que a hereditariedade exigia e trazia a Mehdi a sensação legítima de se espelhar em seu progenitor para programar o futuro. Nas longas viagens de carro pelo Marrocos, seu pai escolhia um texto aleatório do Corão, recitava e num dado momento silenciava para que Mehdi o continuasse de cor. Caso não lembrasse, abriam o livro, encontravam a passagem e juntos terminavam a leitura. De versículo em versículo, não foram poucas as vezes em que leram metade do Corão em ocasiões semelhantes.

“Eu andava onde meu pai colocava as pernas. Furtava seu perfume e vestia suas roupas”. Apesar da rigidez na criação, o pai de Mehdi nun-

ca o bateu. Disciplinava o filho por meio do discurso. Da mãe, levou algumas memoráveis chineladas. Não fazer as 5 orações diárias podia render algumas repressões. “Você já orou?” era a pergunta feita antes de qualquer sinal de comunicação ao entrar em casa. Mehdi explica que o texto sagrado islâmico sugere que as crianças devem ser ensinadas a orar e podem, a partir dos sete anos, sofrer penalizações físicas em caso de recusa.

A relação com o islamismo sempre foi, de certa forma, abalada, já que Mehdi tinha dificuldade para entender determinados dogmas e doutrinas. Via que os ensinamentos e crenças do islamismo não necessariamente se refletiam nas ações da sociedade majoritariamente muçulmana, gerando determinados conflitos que explicam muitas atitudes posteriores que o leitor encontrará neste livro.

Como funciona o Corão? Quais leis e regras ainda se aplicam atualmente? Como entender o livro? Em qual tipo de Islamismo acreditar? Perguntas que pairavam sobre a cabeça de Mehdi desde criança e que afloraram-se com mais intensidade durante a adolescência.

2. o islã

O profeta

Para entender melhor o Islamismo é preciso estudar aquele que é responsável por sua formulação e existência: *Abul Alcacim Mohammed ibne Abdalá ibne Abdal Mutalibe ibne Haxim*, ou simplesmente Maomé. O personagem islâmico mais importante, e razão pela qual uma das maiores religiões do mundo existe, é conhecido como o principal dos profetas enviados à humanidade por Alá, a divindade islâmica. Há controvérsias quanto à história de sua vida, mas pelo que se tem conhecimento, Maomé nasceu em 571 d.C. Conta-se que sua infância foi extremamente conturbada, devido, principalmente, à perda precoce

de seus pais. Órfão, Maomé foi criado por seu avô e por seu tio *Abu-Taleb*.

Ele tornou-se condutor de caravanas e mercador, mais especificamente trabalhando com o comércio de especiarias e caravanas de camelos transaarianas, fato que possibilitou seu contato com religiões monoteístas como o cristianismo e o judaísmo. Sua fé e o desenvolvimento das crenças e dogmas hoje conhecidos como islâmicos só se deram após o casamento. Anteriormente, o profeta era adepto de diversas crenças religiosas politeístas, até então comuns no mundo árabe.

Casou-se aos 25 anos com *Cadidja*, também grafado como *Khadidja*, uma viúva rica para quem trabalhava quando ainda estava inserido nos negócios comerciais. Após o enlace, Maomé abandonou suas atividades profissionais e assim passou a dedicar muito tempo à meditação, ao recolhimento e à solidão. Vale ressaltar que Maomé fazia parte do clã dos hachemitas, pertencentes à tribo dos coraixitas, algumas das subdivisões existentes na sociedade da época. Muitos membros desse clã, mesmo antes do surgimento do islamismo, já tinham tendências monoteístas e, assim, adoravam a Alá.

Ele tinha o costume de meditar no monte Herat e foi em uma dessas meditações que supostamente recebeu a visita de Gabriel, um dos arcanjos do Senhor segundo as crenças monoteístas tradicionais. Em dúvida se estava realmente conectado com Alá ou se passava apenas por

alguma espécie de alucinação, Maomé consultou sua esposa e dela ouviu que ele havia sido escolhido como mensageiro. A missão recebida era a de profetizar a mensagem de Alá, pois lhe foi dada a autoridade - e a responsabilidade - de ser o Profeta, ou seja, o responsável por reestruturar os valores, dogmas e doutrinas perdidos por judeus e cristãos e de converter as tribos politeístas, tirando-as da ignorância.

A partir de então, acredita-se que Maomé passou a receber diretamente de Alá mensagens e revelações. Inicialmente, tais revelações não passavam de pequenos versos terminados geralmente em rimas, mas com o tempo, tornaram-se a base da religião islâmica. Uma dessas mensagens, e pelos muçulmanos considerada uma das principais, é a chamada *Noite da Viagem do Profeta ao Paraíso*, que confirmou a Maomé o chamado de profeta e mensageiro de Alá. De acordo com este verso, Maomé foi conduzido pelo anjo Gabriel até Jerusalém e de lá partiu para conhecer os sete céus, nos quais teve contato com personagens judaico-cristãos importantes como Adão, João Batista, Jesus Cristo, José, Enoque, Arão, Moisés e Abraão. De acordo com o próprio relato contido no Corão, após tais conversas, Maomé foi colocado em um tapete voador para entrar na presença de Alá, onde ouviu: “Ó Maomé, tomei-te como amigo, assim como a Abraão. Falo-te face a face, do mesmo modo que com Moisés”.

Convicto de que havia sido escolhido para

repassar a mensagem de Alá ao mundo, Maomé passou a transmitir os conhecimentos apreendidos por ele para os habitantes de Meca. Os primeiros a aceitarem seu discipulado foram os membros de sua família: sua esposa *Cadidja*, seu primo *Ali* e seu filho adotivo *Zaid*. Outros dois homens de grande influência na região aceitaram Maomé como mensageiro divino: *Abud-Brakr* e *Omar*, que posteriormente teriam papel fundamental na manutenção e consolidação do islamismo.

O povo de Meca aderiu facilmente aos ensinamentos e palavras de Maomé, alguns apontam que isso se deu especialmente pelo momento político, econômico e social que a região vivia. Um grande crescimento em torno do setor mercantil fez com que diversas famílias enriquecessem e passassem a aderir a ideias ligadas ao individualismo e à valorização da propriedade privada. A palavra de ajuda aos necessitados proferida por Maomé teve, portanto, grande êxito ao alcançar a população mais pobre da região, fazendo com que essa fosse responsável pela grande base de apoio no início de sua caminhada ministerial.

No entanto, suas convicções monoteístas não refletiam em bons efeitos apenas na região em que vivia. A ascensão de Maomé era vista por determinados clãs e tribos como uma ameaça à estabilidade política e social e por isso passaram a persegui-lo. Após a morte de sua esposa e de seu tio em 619 d.C., Maomé decidiu aceitar apoio de seguidores de seus ensinamentos na cidade de

Yatreb, para onde se mudou em 622. Tal episódio tornou-se conhecido como Hégira.

Yatreb tornou-se, então, uma das maiores cidades em que Maomé encontrava apoio ao islamismo, havendo um número muito alto de convertidos aos ensinamentos do profeta. A cidade modificou seu nome para Medina, que significa “Cidade do Profeta”. As batalhas entre Medina - representando Maomé - e Meca - representando as religiões árabes politeístas originais - passaram a se intensificar, e o principal inimigo do profeta, chamado *Abu Sufayan*, tentou sitiá-la em 627. Os guerreiros adeptos de Maomé, no entanto, conseguiram impedir a tropa que contava com cerca de 10 mil homens.

No ano de 628 houve uma trégua na condição de que Maomé e seus seguidores pudessem peregrinar à cidade de Meca. Tal decisão foi essencial para que, em 629, o profeta cercasse sua cidade natal. Meca foi dominada em 630, época em que a expansão das pregações de Maomé já estava surpreendentemente tomando grande parte da Arábia, que começou a se organizar como unidade política.

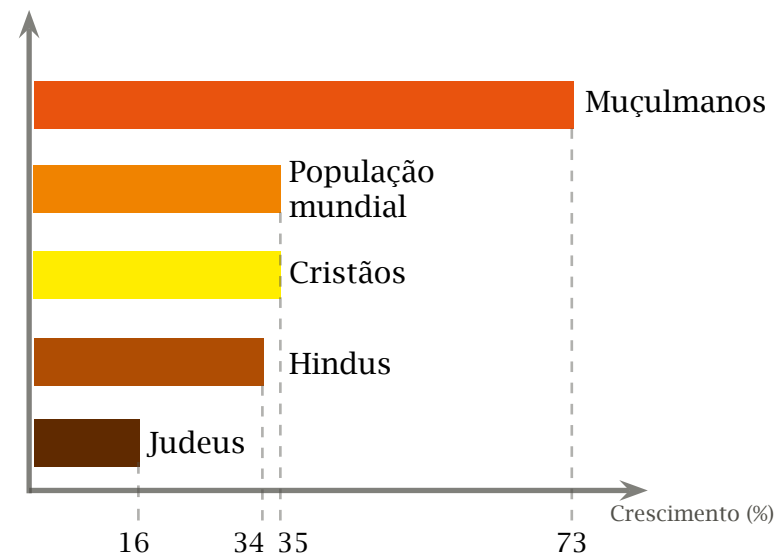
Em 632, Maomé cumpriu a peregrinação à cidade de Meca, dogma crucial islâmico criado por ele. Alguns meses depois, acometido por uma febre, faleceu em Medina aos 61 anos de idade.

O Islã no mundo

De acordo com os dados¹ publicados em um estudo do Pew Research Center, uma organização de pesquisa e divulgação de dados dos Estados Unidos, o islamismo é a única religião que vê seu número de adeptos crescer mais do que a população mundial. O último censo, feito em 2010, mostra que o número de adeptos à religião a coloca como a segunda mais professada em todo o mundo, com 1,6 bilhões de seguidores - ficando atrás apenas do cristianismo, com 2,2 bilhões. Esses números, em porcentagem, representam para o islamismo e para o cristianismo, respectivamente, 23% e 31% dos 6,9 bilhões de habitantes do planeta Terra.

Segundo o mesmo estudo e considerando as mesmas variáveis identificadas pelo Pew Research Center, o número de islâmicos irá crescer 73% entre 2010 e 2050, enquanto a população mundial deve crescer 35%. As projeções ainda mostram que, em 2050, o número total de muçulmanos no mundo deverá estar praticamente equiparado ao número de cristãos, estando estes com 2,9 bilhões de adeptos - 31% da população mundial - e aqueles com 2,8 bilhões de seguidores - 30% da população.

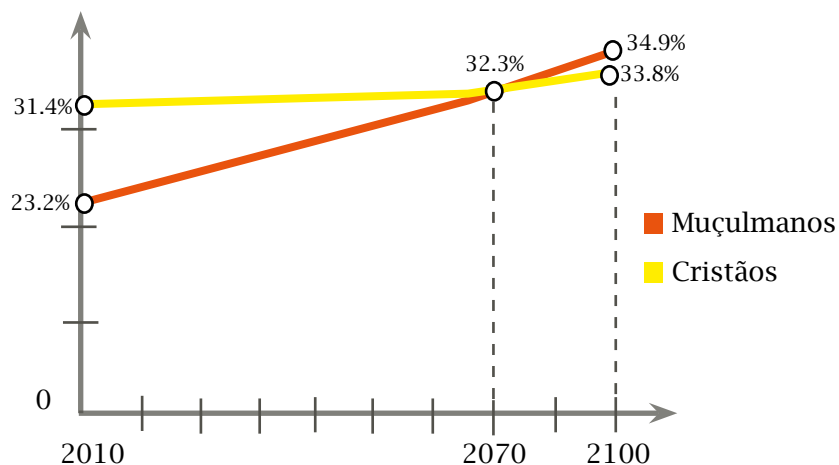
Crescimento da população mundial 2010 - 2050



Alguns fatores podem justificar as projeções acima destacadas, entre eles, as diferenças expressivas dos perfis de adeptos a cada uma das religiões do mundo, incluindo faixa etária e taxa de fertilidade dos seguidores. Os muçulmanos atualmente já lideram o *ranking* de taxa de fertilidade com uma média de 3,1 filhos por mulher; seguidos pelos cristãos, com 2,7 filhos por mulher e pelos hindus, com 2,4 filhos por mulher. A taxa de fertilidade considerada saudável para a manutenção de uma sociedade estável do ponto de vista do crescimento populacional é de 2,1 filhos por mulher e a média global atual registra 2,4 filhos por mulher.

¹ The Future of World Religions: Population Growth Projections, 2010-2050: <http://www.pewforum.org/2015/04/02/religious-projections-2010-2050/>.

Projeção populacional 2010 - 2100



Outro dado importante para entender o crescimento do número de muçulmanos é a idade de adeptos das religiões mundiais. O islamismo conta com membros mais jovens, o que aumenta a expectativa de perpetuação da religião em ambiente familiar em decorrência da maior probabilidade de gerar filhos. Cerca de 34% dos adeptos do islamismo - um em cada três - tem menos de 15 anos de idade, outro número maior do que a taxa global, cuja média se estabiliza em 27%.

Continuadas as projeções, a organização indica que se as variáveis identificadas até aqui permanecerem no mesmo ritmo de crescimento, em 2070 o número de cristãos e muçulmanos será igual, cerca de 32,3% da população mundial. O

islamismo deverá assumir a primeira posição no número de adeptos, com 34,9% até 2100 contra 33,8% de cristãos.

Tais números demonstram que o crescimento rápido e contínuo observado por Maomé ainda no início do islamismo permaneceu nos dias atuais e tende a permanecer no futuro.

No que crê o islamismo

Derivada do árabe clássico, a palavra “islã” tem origem do verbete *salaam*, que significa tanto paz quanto submissão/rendição a Deus. A designação daqueles que aderem a esse credo, “muçulmanos”, significa justamente “aqueles que se submetem a Deus”, fato expresso nas doutrinas e crenças do islamismo.

A ideologia islâmica parte de cinco preceitos ou pilares principais, aos quais todos os convertidos à religião devem se submeter, acreditar e praticar para serem considerados seus legítimos seguidores, são eles:

1) *Shahada*

O primeiro pilar é denominado *Shahada* (ou *Chahada*), que pode ser traduzido como “Declaração de Fé”, o princípio mais básico para a crença no islamismo. Esse preceito implica na convicção da unicidade de Alá, ou seja, o único e suficiente

Deus existente. Diz respeito também à veracidade do testemunho de Maomé e seu entendimento como único mensageiro divino. É interessante notar que tal ponto contrasta profundamente com a noção de Deus tida no cristianismo, que crê na trindade divina: o Deus cristão se manifesta em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A unicidade é um dos principais pontos que separam as duas religiões.

“Ele é o Deus único, Deus, o Absoluto, ser que não gerou ou foi gerado; e nada há que se Lhe assemelhe” (Corão 112:1 a 4)

Tal pilar da religião também define a essência da divindade islâmica: Alá é o único e suficiente Deus, dotado de bondade, misericórdia e justiça. Sua bondade se manifesta em toda a criação e sua justiça deverá ser evidenciada no Juízo Final, quando vivos e mortos serão julgados e condenados a um dos sete infernos ou recompensados com o paraíso.

Ao aceitar a *Shahada*, o novo convertido deve professar, em árabe, a seguinte frase: “Eu acredito que o único Deus é Alá. Eu acredito que o último profeta é Maomé”. A confissão deve ser feita após o intendente à conversão falar com o líder religioso de uma mesquita. O processo só se consolida após a repetição da frase em público, durante uma reunião islâmica em que a comunidade deverá responder *Allah Akbar, Allah Akbar!*

que significa “Deus é maior, Deus é maior!”.

2) *Salat*

A palavra *Salat* significa “oração” em árabe clássico e designa justamente um dos mais conhecidos dogmas da comunidade islâmica: o dever de orar cinco vezes ao dia. As preces são sempre direcionadas geograficamente à Meca e devem seguir alguns protocolos específicos. Antes de serem iniciadas, por exemplo, os muçulmanos precisam seguir o ritual da ablução, que consiste na lavagem de diversas partes do corpo como mãos, braços, cabeça e pés em sinal de purificação. O ritual representa tanto a limpeza interna quanto a externa e tem como objetivo clamar pelo perdão e a misericórdia divina perante os pecados e imoralidades cometidas.

Terminada a oração, o muçulmano deve se virar para a direita e para a esquerda em gesto de saudação aos dois anjos que, de acordo com a crença islâmica, acompanham o homem desde o momento de seu nascimento e são responsáveis por observar suas boas e más ações. As cinco orações diárias não são aleatórias, na verdade, são pré-definidas pelos dogmas da religião. *Fajr* ou “oração da alvorada” é a primeira prece realizada pelos muçulmanos, devendo ser feita por volta de uma hora e meia antes do nascer do sol; *Zuhr* é a oração do meio dia; *Asr* a oração da tarde; logo após o pôr-do-sol *Maghrib* é conhecida como a

oração do crepúsculo e por fim *Isha*, que é a oração da noite, feita uma hora e meia após o pôr-do-sol.

É costumeiro que as preces do meio dia de sexta-feira sejam realizadas nas mesquitas e sigam o acompanhamento de um *sheik*, assim os fiéis se organizam em filas separados por seus gêneros. As orações são precedidas por uma chamada oral que reafirma alguns preceitos da religião e convoca os fiéis para o momento sagrado. Tal chamada invoca os fiéis a declararem que “não há outra divindade a não ser Alá, que *Mohammad* é o mensageiro de Alá”. Além disso, convidam dizendo “venham para a oração, venham para a salvação”.

3) *Zakat*

O *Zakat* ou simplesmente “esmola” consiste na doação para os pobres de 2,5% de tudo que um muçulmano possui ou adquiriu no ano. Este pilar tem como objetivo incentivar atitudes de caridade na comunidade muçulmana, ajudando aqueles que mais precisam e realizando atividades e obras de interesse social. As doações devem ser feitas a outros muçulmanos e muito embora seja um importante pilar do islamismo nem todos os fiéis o seguem à risca, se apoiando na crença de que apenas Alá tem conhecimento de quem tem ou não condições financeiras para praticar a doação.

Em seu livro *Eu Era Cego e Agora Vejo*, Meh-

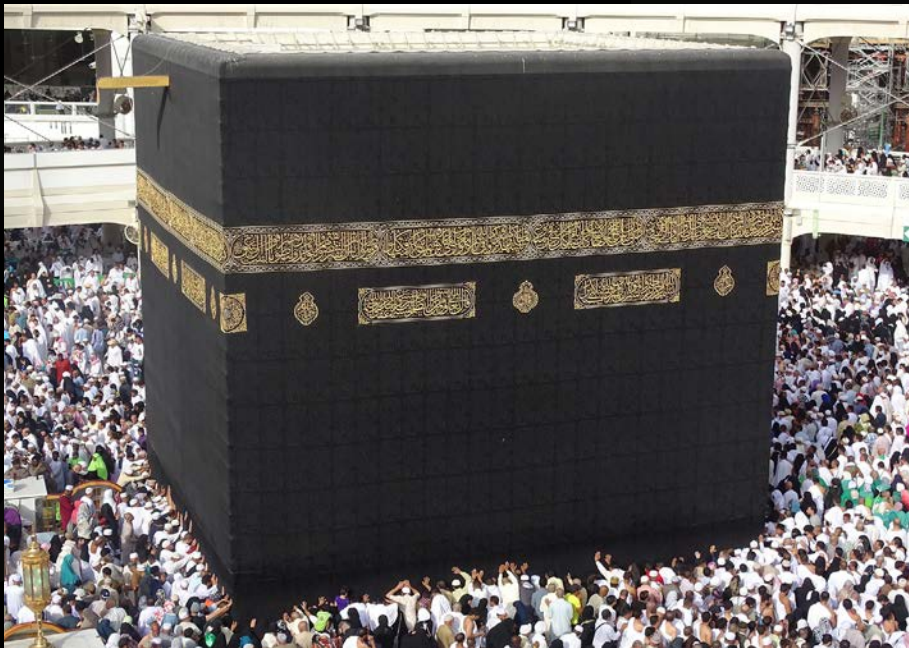
di (2016) conta que, em sua família, o período da caridade era levado muito a sério. No momento propício, seu pai se trancava no escritório com o contador e fazia os cálculos de tudo aquilo que havia ganhado em bens materiais e dinheiro para doar aos mais necessitados.

4) *Asiyam*

Também conhecido como Ramadã, ou em árabe *Asiyam*, o quarto pilar é o jejum. Trata-se de uma das práticas mais conhecidas do islamismo, sendo de mesmo modo uma das mais evidentes em países de maioria muçulmana. O Ramadã consiste em um período de abstenções, em que os muçulmanos ficam sem comer, beber e ter relações sexuais para focar em seu lado espiritual. Eles acreditam que trata-se de um período importante para praticar o domínio próprio, ou seja, conseguir exercitar o autocontrole e a fraternidade. O jejum funciona do nascer ao pôr-do-sol durante um período entre 29 a 30 dias, variando de acordo com o ciclo da lua crescente - base do calendário lunar utilizado por culturas islâmicas.

É durante o Ramadã que os muçulmanos alcançam a redenção de seus pecados e imoralidades perante Alá. Acreditam que nesse período, após o tempo de jejum e oração, Deus concede o perdão aos que o buscam. A crença islâmica dá conta de que no decorrer do *Asiyam* todos os demônios e Satanás encontram-se algemados para

Meca



que as pessoas possam adorar a Alá de maneira livre e exclusiva.

A importância do período repousa na certeza de que foi durante esse tempo, numa noite de sexta-feira, chamada de Noite de Poder, que Alá, através do arcanjo Gabriel, começou a se revelar ao profeta Maomé. Assim, começaram a ser transmitidos os ensinamentos que, um pouco mais tarde, seriam compilados no livro sagrado islâmico, o Corão.

Mehdi relata que o jejum sempre foi muito incentivado por seu pai desde que ele era criança. Mesmo que não ficasse todo o período se abstenendo de tudo solicitado, Mehdi era encorajado a jejuar por pelo menos algumas horas, para acostumar-se com a prática que se tornaria um hábito ao longo da vida.

Alguns grupos de pessoas são dispensados do jejum, como doentes, viajantes, idosos e mulheres em período menstrual ou que tenham tido filhos recentemente. À essas pessoas, como modo de substituir as práticas listadas, cabe alimentar os mais necessitados.

5) *Alhajj*

Em árabe, a palavra *Alhajj* significa peregrinação e constitui o último dos cinco pilares do islamismo. Tal sustentáculo relembra uma atitude praticada por Maomé: sua volta a Meca após o período em que foi expulso. Os muçulmanos devem,

pelo menos uma vez na vida, praticar a peregrinação e repetir o roteiro realizado por Maomé. O período anual é entre o sétimo e o décimo dia do décimo segundo mês do calendário lunar.

Durante a peregrinação, alguns pontos principais são visitados, como a Grande Mesquita e a Caaba, construção de pedra negra no centro de Meca que os muçulmanos acreditam ter sido erguida por Abraão e Ismael e representa a casa de Alá. Além disso, são realizados sacrifícios de animais simbolizando aquele feito por Abraão com seu filho Ismael.

Diferenças internas

A despeito de carregarem preceitos e crenças comuns, é incorreto acreditar que os muçulmanos representam um bloco maciço que crê exatamente nos mesmos dogmas e interpretações corânicas. Existem diferenças internas significativas, dentre as quais, a mais importante distinção é entre sunitas e xiitas.

Os sunitas representam 85% dos muçulmanos do mundo e são conhecidos por serem aqueles que seguem a Suna, que especifica todas as atitudes tomadas por Maomé enquanto estava na Terra. São mais tradicionalistas e tendem a seguir à risca tudo o que o profeta fazia. Acreditam que seu comportamento deve ser seguido por completo nos dias de hoje. Eles admitem a autoridade de

quatro califas: *Abu Bakr, Omar, Uthman e Ali*.

Já os xiitas representam a segunda maior partição islâmica, com aproximadamente 15% dos adeptos. Eles creem que o único e legítimo sucessor de Maomé é *Ali*, genro e primo do profeta-fundador. Além dessa, a principal diferença entre ambas as vertentes são os rituais. Durante a peregrinação, os xiitas acreditam ser importante visitar outros locais ao redor da cidade de Meca.

Sistema religioso e político-social

O islamismo é entendido como um sistema que ultrapassa os anseios da religião, criando doutrinas, dogmas e regras para a vida em sociedade e para a formação dos Estados. Esse último tornou-se uma temática polêmica, já que a adoção de dogmas islâmicos na legislação fere o princípio da laicidade, um dos mais importantes pilares da manutenção da ordem e do Estado de Direito no ocidente. O mais recorrente em países de maioria muçulmana com líderes religiosos à frente do poder máximo e com fortes influências da religião, é a aplicação da *Charia* enquanto legislação.

Em sua dissertação² de mestrado, a professora Vera Marques (2000) explica que no Islã a religião e a política são unidas por uma forte liga-

ção, amparando na legislação dos países em que atua, a ordem social e moral, responsáveis pela preservação da fé. Alguns países de maioria muçulmana tentam zelar pela união entre religião e política, pelo conservadorismo e pela imposição da ordem.

A *Charia* é o código de conduta islâmico baseado na Suna e no Corão, sendo também entendido como a Lei Divina. Trata-se de um conjunto de leis e regras que deve ser seguido pelos muçulmanos a fim de tratar sobre seus direitos, deveres e também a fim de contribuir para a manutenção de uma sociedade saudável, evitando conflitos e garantindo bons relacionamentos. Em sua pesquisa, Marques (2000, p. 53) afirma que é proibido ao muçulmano “mentir, roubar, subornar, matar, falsificar, fraudar, cometer usura, injúrias, jogos e todo tipo de especulação e promoção de desordem, destruição e discórdia, bem como o adultério”.

A lei islâmica, a mais seguida em países fundamentalistas, governados pelo Estado Islâmico e/ou de maioria muçulmana, é uma combinação da *Charia* com a *Fiqh*, que são leis não necessariamente idênticas às encontradas no Corão, mas deduzidas - ou seja, específicas e mutáveis.

Mehdi relata que no Marrocos política e religião andam realmente lado a lado. “Há um ministério do governo responsável pelo islamismo no país. Meu avô, como maior autoridade do islamismo, foi um ministro no Marrocos. Esse cargo não

2 MARQUES, Vera Lúcia Maia. Conversão ao Islam: o olhar brasileiro, a construção de novas identidades e o retorno à tradição. 2000. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

funciona por mérito, por eleição”. Trata-se de um cargo sagrado concedido pelo rei. “Eu fui nascido nesse contexto, orava cinco vezes ao dia e se você me pergunta porquê eu não sei te responder. Perguntar coisas é perigoso”, completa com um ar de insatisfação e crítica, já que há repressão com o contraditório.

A ideia de um tribunal podendo condenar os atos de alguém de acordo com as definições das crenças sagradas islâmicas é recorrente em países onde o islamismo impera de forma direta ou indireta. Tal prerrogativa reforça o argumento de que em países com tendência fundamentalista há dificuldade para exercer valores democráticos básicos, como a liberdade de expressão, o livre pensamento e o exercício do contraditório. Em países extremamente rígidos e que seguem as doutrinas islâmicas, até no meio secular, o não cumprimento de normas da religião pode acarretar punições severas para o acusado.

Os tribunais islâmicos são posteriores ao profeta e os juízes devem ter conhecimento da Charia e da Fiqh, assim como conhecimento islâmico e bom senso. O julgamento é realizado com base no que é lícito ou ilícito e as leis devem ser aplicadas somente a muçulmanos, embora alguns estudiosos entendam que em locais de maioria muçulmana elas podem ser aplicadas a não-muçulmanos caso venham afetar a comunidade muçulmana. (MARQUES, 2000, p.54).

A mesma concepção de rigidez e rigor em relação aos dogmas do Corão é aplicada às relações

interpessoais, destacando-se a divisão doméstica das atividades e os papéis exercidos por cada um dos membros dos núcleos familiares. Essa característica se fazia bem presente na família de Mehdi, por exemplo, e é tida como um padrão nas famílias muçulmanas tradicionais. Marques explica que:

A família é a base da religião islâmica e cada membro tem seus direitos e deveres. O pai é o provedor e o administrador capaz de manter a disciplina da família; à mulher cabe a manutenção da casa e educação dos filhos; e aos filhos cabe obediência aos pais e o sustento de ambos quando se tornar necessário.[...] Prega-se a solidariedade entre famílias de maior poder aquisitivo e as menos favorecidas, dentro da comunidade islâmica. Sendo importante que essas relações se estendam a amigos, vizinhos, pessoas de uma mesma comunidade, cidade ou país. Ligados pela língua, pela religião e pela tradição, o muçulmano sente-se imbuído de uma missão nacional, tenha ela caráter político ou social. A herança deve ser distribuída entre os parentes mais próximos, como irmãos, irmãs, pai, mãe, mulher e marido, porém em alguns países as filhas são excluídas do testamento. O herdeiro que deixar de ser muçulmano, convertendo-se a outra religião, perde o direito à herança. (MARQUES, 2000, p. 54-5).

Os conceitos de fraternidade, respeito e tolerância, ainda que pregados na comunidade islâmica, têm sua prática incentivada apenas entre muçulmanos, o que deixava Mehdi perplexo com a relativização de determinadas ordens universais corânicas. Tal comportamento é exemplificado

nos casos em que o herdeiro muda de religião, por exemplo. Ele explica que sempre teve dificuldade em entender os contrastes entre o islamismo literal e a transferência dessas regras para o mundo em que vivia. Conta que amar os semelhantes é um ensinamento da religião, mas que, ao mesmo tempo, a guerra contra os inimigos é incentivada em alguns trechos do Corão. Quando criança, não entendia como um líder religioso podia, durante uma reunião de muçulmanos, pregar a morte aos inimigos dos árabes, que na época eram os EUA. “Deus, deixa o Iraque um cemitério para os americanos” foram as exatas palavras utilizadas por um líder numa reunião, segundo Mehdi.

O roubo é terminantemente proibido e ainda hoje em alguns países de maioria muçulmana vigoram punições severas. O empréstimo a juros também é proibido, pois a usura é combatida dentro do Corão. Com relação à alimentação, proíbe-se a carne de porco e qualquer carne com sangue (todo o sangue deve ser escorrido e os animais não devem ser mortos com sofrimento) e de animais ou aves que se alimentem de carne. Aos muçulmanos é também vedado o uso de bebidas alcoólicas e drogas. Tanto homens quanto mulheres devem se vestir de forma decente, sendo necessário para as mulheres o uso do véu cobrindo os cabelos. O exercício do controle sexual para os solteiros é de fundamental importância, devendo eles se resguardar até o casamento. É condenável ainda não trabalhar e viver de forma improdutiva. (MARQUES, 2000, p.55).

Mehdi esclarece que no Marrocos o islamis-

mo é considerado liberal, apesar de tal conceito ser usado com certa conveniência por parte do governo. Ou seja, segundo ele, o governo só age de maneira condescendente e liberal em situações que lhe são benéficas e de mesmo modo age de maneira radical no que lhe é interessante. A aplicação dos dogmas islâmicos na sociedade é, portanto, mais arbitrária no caso do Marrocos.

“Na teologia do islã se alguém rouba algo, a punição é que a mão lhe seja cortada, mas para o governo marroquino não é interessante que isso seja feito, já que espantaria os turistas da região e o país perderia o público que sempre teve. Então o que ocorre é uma saída teológica: diz-se que essa regra não funciona agora, mas sim apenas para a época de Maomé”, diz Mehdi. (Entrevista concedida ao autor, 2017).

3. por quê?

A continuação de nossa conversa se deu logo após um chá, no espaço para lanches da escola onde se encontra o escritório de Mehdi. Embora disposto a continuar falando sobre si, seus olhos já aparentavam cansaço: narrar a própria vida deve ter um lado maçante. “Qual sabor você prefere?” me perguntou abrindo a gaveta e tornando visíveis algumas opções: chá preto, chá de camomila, chá de limão, entre outros. Puxei o de limão enquanto Mehdi me mostrava o pote de açúcar, indicando com a mão que eu ficasse à vontade e me servisse o quanto quisesse.

Voltamos para seu escritório, cada um com sua caneca, bebendo aos poucos enquanto jogávamos conversa fora. Minha vida virou assunto por alguns minutos, ele queria saber mais sobre quem

o entrevistava. Conte-lhe brevemente. Pedi para voltarmos à entrevista embora sua caneca ainda estivesse pela metade. O horário me preocupava, já passava das 15 horas e em pouco tempo Mehdi precisaria sair.

Pergunto um pouco sobre a adolescência. Em seu livro *Eu Era Cego E Agora Vejo*, Mehdi comenta brevemente a respeito, dando ênfase principalmente ao período em que foi estudar na França. Os detalhes eram o que mais me interessava: como isso aconteceu? Por que tomar essa decisão? É comum marroquinos saírem de seu país para estudar fora?

“A decisão de ir estudar na França foi absolutamente natural. Eu já tinha viajado muito antes de morar lá. Ir para a França é um costume da nossa família”. Ele informa que é muito comum que os membros de sua família viajem para a França em períodos de férias ou mesmo para estudar. Os preços das passagens aéreas obviamente não são um problema para a família real e a ponte aérea Casablanca-Paris demora apenas uma hora, tornando a França um destino corriqueiro para os marroquinos.

Ao completar 16 anos, foi enviado para iniciar seus estudos na capital francesa. Ao lembrar dos primeiros momentos, descreve como a primeira vez em que realmente conviveu com pessoas que pensavam e acreditavam de maneira diferente. O maior sentimento que teve ao ir para a França foi a liberdade. Lá, ele teoricamente podia

fazer o que quisesse, pois apesar dos contatos diários com seu pai, as experiências vividas em seu apartamento num bairro nobre de Paris o marcariam para toda a vida.

Mehdi conseguiu uma bolsa de estudos do governo marroquino para estudar na *Microsoft Technology Center*. O curso de programação de software acontecia todos os dias e sua rotina era basicamente aulas pela manhã e estágio no período da tarde. Aos finais de semana, pelo menos duas vezes por mês, visitava sua família no Marrocos.

Em meio a risos curtos e um olhar distante, recorda o primeiro dia de aula e classifica aquele contato com a sociedade francesa como parte de um “choque”. Sentado em sua cadeira observando os demais alunos, a sensação mais esquisita e inédita de sua vida: pessoas de todas as partes do mundo se apresentando, de todos os credos e com os objetivos mais variados possíveis.

De onde você é? Por que veio para Paris? A qual religião você pertence? Eram algumas das perguntas que o primeiro dia de aula exigia dos alunos uma resposta. A laicidade severa do governo francês se refletia em suas instituições de ensino, tornando proibida qualquer manifestação religiosa de natureza persuasiva no ambiente acadêmico. Ou seja, falar de sua religião para outras pessoas na tentativa de convertê-las era totalmente proibido. Segundo ele, se uma pessoa com tal prática fosse por três vezes denunciada, o destino certo era a expulsão.

Uma pesquisa³ do sociólogo norte-americano Phil Zuckerman, denominada *Ateísmo: Taxas e Padrões Contemporâneos*, realizada em 2007, mostra que a Europa é um dos continentes que coleciona o maior número de ateus, ficando atrás apenas da Ásia. A França é o sexto país com mais ateus no mundo, 32 milhões de adeptos, número que representa em torno de 54% da população.

Essa realidade impactou Mehdi de imediato. Como ele, um religioso convicto, nascido e crescido em um ambiente onde a religião era mais do que precisa e necessária, nunca tinha se dado conta de que existem pessoas no mundo que não professam uma fé? Isso o deixava perturbado e confuso. Ele afirma que a maioria dos amigos que fez durante a estadia na França eram ateus e que quando o assunto religião chegava nas rodas de conversa, a resposta era “vamos deixar Deus para domingo”. Tratava-se de um tema evitado e até considerado irrelevante.

Para além do âmbito religioso, a experiência de viver na França por quatro anos trouxe a Mehdi a oportunidade de conhecer novos povos e culturas. O baque ao se deparar com o liberalismo francês - no sentido moral - o colocou em posições e diálogos que nunca havia tido. Pessoas com pensamento totalmente diferente o fizeram abrir

3 Informação retirada da reportagem “Qual é o país com mais ateus no mundo?” publicada no site da revista Mundo Estranho e disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/religiao/qual-e-o-pais-com-mais-ateus-no-mundo/>

os olhos. “Me fez pensar”, resume. “Eu não me arrependo”, reconhece ao franzir o cenho tentando lembrar-se de algum episódio que considera interessante.

Um dia de aula comum, Mehdi já estava em sua carteira quando um colega de classe pediu uma caneta emprestada. Furioso pela atitude repetir-se com certa constância, se negou. A reação do amigo foi rápida, olhando severamente para Mehdi, exclamou: “terrorista!”. “Cara, eu pulei da mesa, peguei ele e ‘boom!’” (*sic*). Os dois ficaram trocando socos até que alguém viesse separá-los. Foram disciplinados pela instituição em um caso que até a justiça foi envolvida. Os advogados de Mehdi contratados pela embaixada do Marrocos na França o defenderam alegando preconceito contra árabes. Hoje os dois são amigos e recordam-se do episódio, que se encerrou com pedidos mútuos de perdão, com alegria e bom humor.

Outro incidente semelhante aconteceu em uma viagem de metrô. Mehdi diz que parecia exatamente a mesma cena. Não lembra ao certo o que aconteceu, mas, quando se deu conta uma pessoa o havia chamado de terrorista e ele avançou contra o cidadão mais uma vez. Levar desaforo para casa não parecia ser uma atitude condizente com sua personalidade na época, que não hesitava em tentar fazer justiça e não permitir que sua religião e etnia fossem motivos de chacota.

De acordo com ele, as brigas não eram episódios comuns no Marrocos. “Talvez porque eu

nunca havia tido a oportunidade, nunca tinha tido nenhuma situação semelhante ou mesmo porque no Marrocos eu nunca fui ofendido nesse sentido”, comenta. Mehdi não aprendeu a reagir quando atacado por não ter vivido, anteriormente, em um ambiente hostil.

A mudança para a França constituiu-se como um momento de diversas transformações e, principalmente, de grande crescimento pessoal. Morava sozinho mas não sabia se virar com afazeres básicos. Todas as refeições eram feitas em restaurantes, muitas vezes na própria instituição de ensino, pois não sabia cozinhar. Ele se justificava: “a cozinha francesa é muito gostosa”. Lavar as próprias roupas também não era uma atividade recorrente. No primeiro ano, as roupas sujas ganhavam a lata de lixo como destino, embora as máquinas de lavar e secar estivessem disponíveis nos arredores de onde morava. “Eu não estava nem um pouco preocupado, eu vivia uma vida muito descontrolada, ainda mais vindo de tudo que eu vivi na família real, de todo o luxo que tínhamos”, recorda-se.

Hoje, olhando para esses episódios, demonstra desconforto ao ver que a forma com que agia era um tanto quanto irresponsável. Considera extremamente importante e necessário que, mesmo tendo boas condições financeiras, as pessoas conquistem sua própria independência. À época, a ideia que pairava sobre sua cabeça era a de que tudo no Marrocos era pertencente à família

real. Pensava que a monarquia era não só dona, mas merecedora de tudo o que quisesse no país. Ele acredita que pessoas que nasceram e sempre foram criadas em países republicanos não entendem a dimensão de riqueza possuída por famílias reais. Em seu livro, cita que redes de telefonia, televisão, aviação e até as areias das praias do país são bens da monarquia.

Mehdi lembra que ser muçulmano em um país com uma quantidade expressiva de ateus foi muito difícil para ele. Ao chegar em Paris e receber a ligação de seu pai, a primeira pergunta que ouviu, antes mesmo de questionado sobre como havia sido a viagem ou se estava bem, foi: “Mehdi, tem alguma mesquita aí por perto?”. Relembra o fato com pesar. Demonstra não ter sido fácil saber que a primeira preocupação de sua família repousava sobre sua vida espiritual antes mesmo de sua integridade física. Mas aparentemente estava acostumado com tal comportamento. Vivia nessas condições há anos, o episódio ao chegar na França foi apenas a repetição de um padrão.

Com um sorriso entreaberto, diz, no entanto, entender o comportamento de seu pai. Afinal, ele era o mais importante líder religioso do país, não podia correr o risco de ter um filho fora do islamismo por ter conhecido os prazeres do mundo laico. O pai dele conhecia muito bem a personalidade irreverente do filho, o que o deixava ainda mais preocupado com as tendências questionadoras que Mehdi demonstrava há tanto tempo.

As brigas entre ele e o pai eram sempre iniciadas após as famosas dúvidas que manifestava durante os ensinamentos do Corão e do islamismo cotidiano. “Por quê?” foi a pergunta que seu pai mais ouviu do filho. O deixava irritado e incomodado.

A mesquita era ali bem perto, mas durante o período em que permaneceu na Europa, aproveitou o anonimato para não seguir tão a fundo algumas regras impostas dos tempos do palácio. Orar cinco vezes ao dia não se fazia tão necessário, muito menos cumprir exatamente tudo o que devia quando tinha o pai, a mãe e o peso do título sobre seus ombros. As bebidas alcoólicas, que são pecado para o islamismo, tornaram-se um hábito durante os dias em Paris.

“Você está orando? Anda com pessoas corretas?” eram questionamentos recorrentes em todas as ligações recebidas de sua família. O receio de o filho se desviar dos caminhos do islamismo era um temor constante do pai. Eles sabiam da quantidade de amigos franceses que ele tinha e temiam as possíveis más influências.

Ainda que considere o período na França como um grande momento de expansão intelectual e cultural, ele afirma que os conflitos relacionados ao islamismo em si só aumentaram. Não entendia porquê, apesar de amar seus amigos que não professavam o islamismo, teria de vê-los ir

para o inferno pura e simplesmente. Numa possível Guerra Santa⁴ contra os incrédulos, Mehdi teria que os matar sem pestanejar ou hesitar. Tais ensinamentos o levavam a pensar cada vez mais sobre o que realmente significava a religião e, em seu coração, negava qualquer crença do gênero. Não tinha nenhuma pretensão de colocar a fé acima do amor aos seus amigos.

Foram nesses momentos em que ele passou a desconfiar da teologia islâmica, pois não via conexão entre que estava escrito no livro sagrado com a realidade do que os incrédulos realmente precisavam.

4 Guerra Santa: também conhecida como Jihad, trata-se de um conceito islâmico bastante controverso, mas muito valorizado pelos muçulmanos. Em árabe clássico, jihad significa “esforço” e denota a luta dos muçulmanos para combater a incredulidade do mundo, espalhar a mensagem de Alá e resgatar os demais seres humanos para a “religião verdadeira”. No entanto, não há um consenso sobre o teor desse combate. Enquanto alguns levam a história de Maomé ao pé da letra e argumentam que em dado momento só o restou usar a força para implantar a palavra de Alá, outros argumentam que tal pensamento não encontra base contextual no Corão.

4. você
precisa
voltar

Aos 22 anos, o clima de Paris já fazia parte de quem ele era e o que antes eram choques culturais, então constituíam elementos de sua identidade. Após se formar na universidade, em 2004, Mehdi permaneceu até 2008 trabalhando como engenheiro de qualidade na Microsoft. Ele havia planejado sua vida na Europa: pretendia se casar e se estabelecer por lá, sem nenhuma intenção de voltar para o Marrocos.

A Europa representava toda a liberdade que ele não conhecia em seu país de origem. No entanto, seu destino mudaria com um simples telefonema. Trabalhando há quase um ano como engenheiro de qualidade de software na Microsoft, recebeu uma ligação: “Mehdi, você precisa voltar para o Marrocos. Você precisa voltar”. Sentiu ge-

lar seu corpo. Por alguns minutos lembrou-se do destino que havia sido traçado para si. Descreve o momento como um dos piores de sua vida. Voltar para a vida antiga não era mais parte de seus planos, talvez ele não quisesse mais se despedir da liberdade ali conquistada.

Poderia simplesmente recusar o pedido de seu pai, mas isso traria sérias consequências: não seria bem-vindo no país e poderia até ser excluído da família real marroquina, sendo considerado um traidor. Relembra com as mãos apoiadas na cabeça do momento em que ouviu de seu pai a notícia. Coça as sobrancelhas e diz: “o meio diplomático é muito mais complicado do que as pessoas imaginam”, fazendo referência às consequências a que se submeteria caso recusasse a decisão de seu pai.

Viver debaixo dos protocolos e regras do palácio significava ser, de alguma maneira, controlado, mas mesmo assim achou por bem seguir o destino. Não se arrepende de tê-lo feito, apesar de tudo. Considera o respeito e a obediência aos pais valores essenciais muito mais valorizados na cultura árabe do que na latino-americana, em suas palavras.

Na ligação, seu pai não foi direto, conversou com Mehdi por alguns minutos sobre seu dia e sobre seu estado físico e emocional. Perguntou sobre sua estadia em Paris até então, e sobre como se sentia vivendo ali até que, em um momento, deu a ordem de retorno. Na hora, Mehdi já compreendeu as justificativas, embora seu pai tenha fei-

to questão de clarificar: “você precisa estudar no Seminário Islâmico caso alguma coisa me aconteça”. Relata o momento em que ouviu aquilo como um verdadeiro susto. Inesperado. Apesar de ter sido preparado a vida toda para aquela ocasião e de ter plena consciência de que aquilo, mais cedo ou mais tarde, chegaria, não esperava ser naquele momento. Ficou surpreso e angustiado. Era como se toda a sua formação em Engenharia, todos os seus aprendizados e experiências estivessem sendo descartados. Era como se todos os planos que ele vinha traçando, de consolidar a vida na Europa não importassem mais. Ele precisava voltar. Não importava o que decidisse sobre sua própria vida, o que realmente valia era o desejo de seu pai.

O controle de sua vida não mais pertencia a si mesmo, mas a seu progenitor, à monarquia e aos deveres que agora lhe seriam imputados. A restrição de liberdades era o que mais lhe fazia refletir a respeito de deixar a vida na Europa. O Marrocos representava uma pessoa que Mehdi não só não queria ser, mas uma pessoa que ele já não era. Voltar para seu país de nascimento simbolizava retroagir, entregar as autonomias que havia conquistado.

O cargo de líder religioso que seu pai ocupa é hereditário, portanto, sua sina era aquela desde que nasceu, não importava o que fizesse. Na cultura de sua família, todos os filhos de líderes religiosos que servem ao governo precisam ter títulos e estudar por pelo menos dois anos no Seminário

Islâmico do Marrocos. A ele cabia o fardo de não apenas preencher tais requisitos, como também, de liderar um ministério inteiro quando seu pai não mais pudesse exercer suas funções plenamente.

Se despedir dos amigos europeus talvez tenha sido a parte mais difícil, pois significava que todos os seus projetos de vida estavam efetivamente desmantelando. Muitos tios e primos de Mehdi fizeram a escolha de nunca mais voltar ao Marrocos. Optaram pela vida mais liberal e menos luxuosa europeia, mas hoje não mais têm conexão com a família real, algo que não constituía uma opção para Mehdi, que tem sua família como uma das coisas mais importantes de sua vida.

Finalizou aquela ligação com o pesar de saber que sua vida, a partir dali, era mais sobre deveres do que sobre vontades pessoais. Uma semana foi o tempo que ele ganhou para se despedir dos amigos, do emprego, arrumar suas coisas e voltar para casa. “Eu não esperava que seria tão cedo”, era a resposta de Mehdi às perguntas familiares sobre o porquê da feição arrefecida e desesperançosa demonstrada quando chegou ao palácio. Por algumas semanas, deixou bem claro que estar ali era parte do cumprimento do protocolo, embora seu comportamento desanimado dispensasse explicações. A Mehdi restou enfrentar a realidade e as condições às quais agora estava submetido.

Chegou no Marrocos em um dia e no seguinte já foi ao Seminário providenciar sua matrícula.

la. Iniciou os estudos ainda no mesmo ano, 2008. Conseguiu eliminar diversas matérias por já tê-las estudado durante a infância - no mesmo seminário em que estudaria agora. Seu perfil questionador e irreverente, evidente desde a meninice, naquele momento acentuava-se.

A Europa lhe fez abrir a mente para diversas questões e colocar em xeque determinadas doutrinas e dogmas do islamismo. “Essas coisas a gente vai entender só no céu”, era o que ouvia quando levantava interrogações acerca dos ensinamentos de Maomé. Respostas esquivas como essas o deixavam ainda mais perplexo e convicto de que o problema estava na pergunta incômoda e não na falta de decifração do texto. Não entendia o fato de o islamismo não acreditar na morte e crucificação de Jesus Cristo, por exemplo. “O Islã acredita que Jesus Cristo não foi morto nem crucificado, mas que o fizeram com alguém semelhante. Ora, se isso não aconteceu a Jesus Cristo, o que aconteceu com ele? Me dá uma resposta?”, questiona. As indagações eram consideradas blasfêmia e colocavam em Mehdi o rótulo de incrédulo.

As aulas aconteciam quatro vezes por semana no seminário classificado como liberal, ou seja, que pregava um islamismo contextualizado às realidades do Marrocos e do mundo contemporâneo. Estudava as Leis Humanas no Islamismo, Islamismo e Modernidade, Islamismo e Século XXI, Islamismo e Política, entre outras disciplinas. As leituras teológicas eram totalmente diferentes

das interpretações que o islamismo radical comumente faz. Em tom de reprovação, ele diz que essa vertente é na verdade uma adaptação que busca favorecer os interesses políticos em determinados países. A abolição de algumas regras do Corão geralmente se fundamenta na percepção de que estas não são aplicáveis nos tempos atuais, servindo exclusivamente para os tempos do profeta.

Mehdi era o líder da juventude religiosa do seminário, uma espécie de organização estudantil responsável por promover debates e discussões a respeito dos temas mais relevantes da época, envolvendo política, religião e sociedade. Considera que o primeiro ano estudando no seminário foi um pouco mais relaxado, por dedicar muito tempo às atividades da organização estudantil, mas que mesmo assim proveitoso. Especializou-se no *El Hadith*, também conhecido como Suna.

Por ser muito ativo, era popular dentro do seminário, que não era exclusivo para os membros da realeza marroquina, mas que em sua seleção prezava por alguns requisitos inacessíveis a toda a população. Uma formação acadêmica preliminar era necessária para a aprovação de entrada na instituição. Trata-se de um dos mais importantes seminários islâmicos da África, sendo considerado um autêntico pólo de conexão entre diversos países majoritariamente islâmicos e muitos até ganham bolsas de estudo da instituição. O intuito é espalhar, da maneira mais eficaz possível, os ensinamentos de Alá.

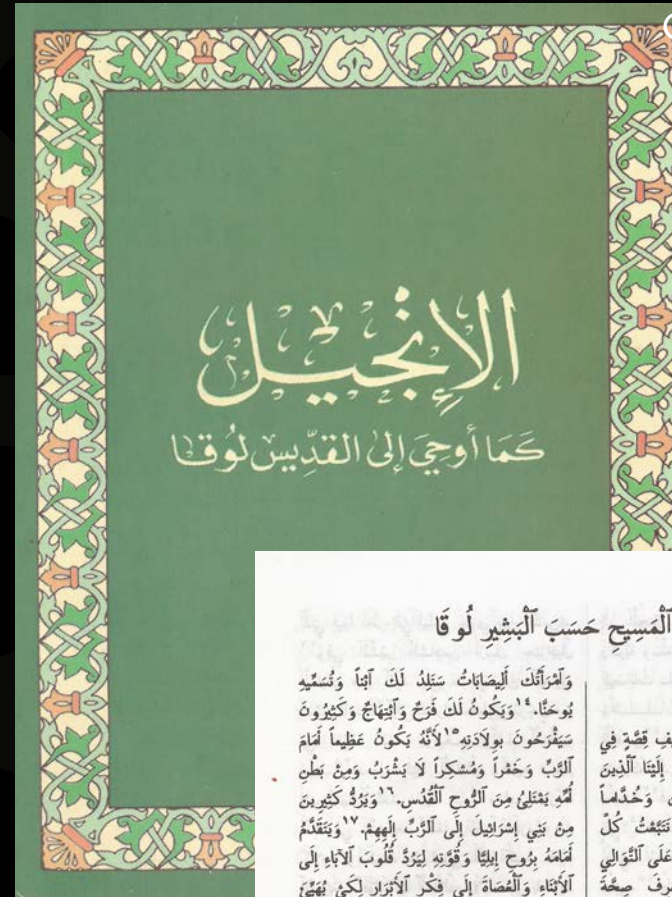
“Cê tá louco?” (*sic*) foi a resposta que ouvi de Mehdi quando perguntei sobre os níveis de liberdade de pesquisa e pensamento existentes no ambiente acadêmico do seminário. Uma pergunta cuja resposta parecia óbvia. Ele conta que faziam diversos debates, mas que as pesquisas, teses e postulações obrigatoriamente deviam cumprir o propósito de caminhar ao lado da religião islâmica e reforçá-la, defendê-la.

E foi naquele contexto que ele recebeu de um professor a missão que mudaria sua vida. Discutia com um amigo sobre os meandros que envolvem o processo salvífico no islamismo. Naquele momento, mais especificamente, buscavam saber se a confissão da declaração de fé pouco antes da morte configura feito suficiente para a redenção e a condução ao paraíso. A discussão prosseguiu como um debate normal, réplicas e tréplicas, argumentos embasados no Corão e na Suna, mas naquele dia não chegaram a uma conclusão. Isso porque no meio da conversa ele ouviu seu nome sendo chamado por um homem a certa distância dali.

“Mehdi, eu tenho um tema interessante para seu trabalho de conclusão”, ele disse em tom sugestivo, olhando fixamente para os olhos amendoados de Mehdi, que o retribuía uma feição curiosa. Num primeiro momento, considerou a intromissão do professor inconveniente, já que vinha pensando no tema de seu trabalho de conclusão por conta própria. No entanto, observando aquelas

palavras, permaneceu atento à proposta que vinha a seguir. “Por que você não faz uma comparação entre a Bíblia e o Corão, mostrando que a Bíblia realmente foi alterada e revela-se equivocada?”. Ao ouvir aquilo os olhos de Mehdi, que antes demonstravam insegurança e diligência, passaram a transmitir contemplação e entusiasmo. Ficou estupefato. Adoraria fazer um trabalho sobre o tema: teria a oportunidade de, pela primeira vez na vida, segurar uma Bíblia em suas mãos. E não era uma simples Bíblia, era o que todo o momento significava: uma Bíblia em árabe sendo estudada por ele, no Marrocos.

A proposta, no entanto, já veio pautada: a ideia era, entre outros subitens, apontar erros e falhas no texto sagrado cristão por meio da linguística - ou seja, de falhas no árabe clássico -, dos contextos e da doutrina da trindade. Ao contrário do que geralmente acontece, em que a pesquisa conduz às conclusões, ele tinha a missão de utilizar seu trabalho para defender o Corão como único texto sagrado, exaltando o islamismo como a religião verdadeira. O professor lhe deu um pequeno folheto retangular com cerca de 50 páginas. Ao olhar aquilo, debochou em sua cabeça: “mas que pequeno, achei que a Bíblia era maior”. Seu desconhecimento sobre o cristianismo era tanto, que imaginava que aquele pequeno pedaço configurava o livro inteiro. “Esse é o livrinho dos crentes?”, perguntou Mehdi. Paciente, o professor explicou que a Bíblia era um grande



compilado de livros que faziam sentido dentro de uma mesma narrativa e que aquele era apenas um deles. “Onde está a Bíblia toda?”, questionou curioso. Eles tinham alguns exemplares inteiros, mas a ele foi destinado estudar apenas aquele excerto até então. Mehdi logo entendeu: o livro todo provavelmente estava guardado em algum lugar inacessível.

As Bíblias que chegam ao Seminário são provenientes de diversos lugares e recebidas lá por conta de inúmeras situações. Uma dessas situações, no ano em que estava fazendo a pesquisa de seu TCC, ocorreu quando um orfanato cristão foi acusado de evangelizar as crianças no país, ato que pode ser entendido como crime no Marrocos. Alertada para deixar o país pelo Departamento de Inteligência marroquino, a instituição se recusou e permaneceu com as ações no local. O governo, então, acusou os membros de abusar sexualmente das crianças. Segundo Mehdi, mais de 3 mil Bíblias foram apreendidas e mandadas para o Seminário.

Em meio à entrevista, Mehdi se levantou, olhou para mim e disse com um tom entusiasmado: “espera um pouquinho”. Saiu da sala antes mesmo que eu pudesse dar uma resposta e demorou cerca de 2 minutos, trazendo na mão direita um livreto esverdeado de cerca de 50 páginas escritas em árabe. Abri o livro à procura de informações e logo fui repreendido: “é para o lado de cá, como hebraico, árabe se lê de trás pra frente”.

A imagem retrata uma cópia do livreto que

Mehdi recebeu de seu professor quando aceitou o desafio de elaborar o projeto. No mesmo dia iniciou a leitura e quanto mais lia mais curioso ficava a respeito de todo aquele mundo desconhecido. “O Evangelho de Cristo segundo Lucas” é o que estava escrito na primeira página. Na parte de trás um carimbo do Seminário definia o tempo determinado que ele poderia ficar com o livreto em mãos: 90 dias. O carimbo é utilizado como precaução, já que no Marrocos é proibido andar com a Bíblia, mesmo que seja apenas um pedaço dela.

Olhou para aquele livro, olhou para o professor e se virou para começar sua leitura... “Não, vem aqui”, disse o professor em tom de admoestação. Ele conduziu Mehdi até a diretoria da faculdade e escreveu um termo explicando a situação. Era necessário deixar registrado que ele estava andando com um livro não permitido por lei em virtude de atividades acadêmicas, por um tempo curto e determinado. As especificações incluíam a necessidade de devolução do excerto.

Saiu dali com uma confusa mistura de sentimentos. De um lado, a honra de carregar consigo um livro que nenhum marroquino legalmente possui. Do outro, consternação, pois se perguntava se estava realmente fazendo a coisa certa. Ele havia ouvido negativas a respeito da Bíblia e de seus seguidores durante a vida toda, parte de si não considerava totalmente correto simplesmente estudá-los e utilizá-los como fonte para uma pesquisa acadêmica. Para ele, os cristãos eram uma

comunidade homogênea hipócrita e depravada, que não preservava os costumes nem tampouco tinha respeito por Deus.

Ele tinha todos os motivos para não aceitar aquele projeto. Já tinha ouvido falar dos “crentes” por aí e em sua cabeça sabia muito bem por que não havia chance nenhuma de aproximação com tal fé. A trindade, princípio cristão mais fundamental, acredita na divindade de Jesus e define um único Deus que se manifesta em três pessoas - o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Mehdi cita tal fé como um dos pontos em que o islamismo mais reprova o cristianismo, pois nega firmemente a divindade de Cristo. Além disso, a conotação de “Filho” concedida a Jesus, pode por vezes ser recebida de maneira literal - como se Deus tivesse tido relações com Maria para a concepção -, configurando-se blasfêmia.

Apesar de tudo o que ouvira e do sentimento de temor, parte de Mehdi cobiçava prosseguir naquele desafio. Queria entender melhor do que se tratava aquela religião tão mundialmente reconhecida. Abriu o Evangelho de Lucas com o coração um pouco apertado quando se deparou com uma similaridade com a Suna: as genealogias. No livro sagrado islâmico, as genealogias são recorrentes para a explicação das histórias e doutrinas. Sentiu-se em casa quando viu que o primeiro capítulo do livro de Lucas era destinado justamente a explicar um pouco mais da história por trás do nascimento de Jesus por meio de seu parentesco.

Sua pauta de pesquisa também já definia as temáticas às quais tinha que se ater durante a pesquisa, sendo todas elas constituídas de relações de confrontação: o amor de Deus na Bíblia e o amor de Deus no Corão; a verdade de Deus na Bíblia e a as verdades no Corão; as mulheres na Bíblia e as mulheres no Corão; os homens na Bíblia e os homens no Corão e, assim, foram sendo feitas as análises comparativas, através de leituras e comentários.

5. desnordeado

Os dias de estudo se seguiram com o objetivo único de sugar daquele livro todas as contradições, falhas e imprecisões. Mehdi fazia uma análise cautelosa de cada parágrafo na esperança de, linha após linha, achar os argumentos necessários para confrontar a Bíblia e exaltar o Corão. Ainda nos primeiros contatos, enquanto estudava os temas básicos que configuram a personalidade, ideia e atitudes do Deus bíblico, deparou-se com a abordagem cristã do amor divino. Descreve aquele momento como o verdadeiro ponto de separação entre o que era apenas um estudo acadêmico, solicitado obrigatoriamente pela instituição de ensino à qual estava vinculado, e o instante em que viu sua vida mudar drasticamente.

“O amor de Deus me constrangeu de tal ma-

neira que comecei a questionar os motivos pelos quais o islamismo o considerava errôneo e inverídico”, comenta. Mehdi não entendia como um Deus que mandava amar os próprios inimigos, amar o próximo e demonstrava seu amor de maneira tão graciosa e singela poderia ser considerado equivocado por parte de sua religião pessoal. O amor do Deus cristão lhe fez refletir sobre o que de fato significava esse sentimento, colocando à prova tudo o que até então entendia ser amor. Em seu livro *Eu Era Cego e Agora Vejo, Mehdi* (2016, p.36) define a percepção do amor de Jesus como algo desafiador.

No islamismo, a maior parte dos muçulmanos tem um sentimento vingativo muito forte, se alguém rouba minha roupa, eu preciso roubar o guarda-roupa dele inteiro. Se alguém mata meu filho, eu preciso matar toda a família dele. Eu amo? Claro! Minha família, minha tia, tio, até o vizinho (se ele for muçulmano, claro), mas nesse livro que eu segurava Jesus dizia: ame seu inimigo. Dê a outra face. Se alguém me roubar as vestes eu digo: ‘leva’. Isso não entrava na minha cabeça, mas eu sabia no íntimo do meu ser que essas palavras não vieram de um mero homem. Por essa razão, foi tão difícil entender o amor de Jesus.” (MEHDI, 2016, p. 36)

**Mas a vós, que isto ouvis, digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam;
(Lucas 6:27)**

Amai, pois, a vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno até para com os ingratos e maus. (Lucas 6:35)

A vida e o testemunho de Jesus passaram a ser exemplo para Mehdi. Ele conheceu aquele homem, passou a admirar seus ensinamentos e entender melhor por que tantos cristãos o amavam, haja vista a proposta de vida e sociedade que eram oferecidas. Ele explica que passou a comparar a vida e legado dos principais de cada uma das religiões em questão: Jesus e Maomé. Nesse sentido, avaliou o compromisso com a verdade, colocando suas histórias em uma balança que contava com três aspectos: poder, desejo/relações sexuais e dinheiro.

Ao analisar Maomé em primeiro lugar, Mehdi conta que considerou frágil seu compromisso com a verdade por ter conseguido desenvolver uma religião extremamente poderosa, que modificou o mundo oriental e transformou a cultura do Oriente Médio e do Norte da África. O segundo pilar de análise foi galgado na concepção de satisfação sexual e erótica. Mehdi explica que nesse aspecto, as vitórias de Maomé também são simbólicas: “ele se casou com mais de quarenta mulheres oficialmente, fora aquelas que ele recebia de presente de outras pessoas e seguidores”. Em

terceiro lugar, acredita que houve uma motivação financeira, já que o profeta muçulmano, que era extremamente pobre em sua infância e juventude, passou a ter uma vida muito mais confortável após a expansão do Islã.

Esclarece que as comparações podem parecer reducionistas mas que compunham um panorama extenso de análises e propostas de argumentação. O estudo da mensagem de Maomé, o islamismo, fez Mehdi perceber que todos esses itens tinham relevância suficiente para colocar a verdade do profeta em xeque, ainda que de maneira subjetiva. Tais analogias faziam com que suas inferências o levassem a duvidar da legitimidade de intenções de Maomé em relação à expansão do islamismo.

Mehdi avalia que seu processo de conversão ao cristianismo foi, obviamente, espiritual, já que passou a acreditar em algo que agora fazia mais sentido para si mesmo sob o ponto de vista de aspectos concernentes à perspectiva imaterial. Mas acredita que tal decurso foi auxiliado por mecanismos racionais, pois durante o trabalho proposto por seu professor ele conseguia enxergar no Jesus bíblico uma maior autenticidade.

Ao aplicar os pilares de sua “balança”, não considera ter havido por parte de Jesus Cristo nenhum enriquecimento, ganho de poder e muito menos satisfação de desejos sexuais. Muito pelo contrário, com seriedade no olhar e num tom de voz convicto, explica inconformado que tudo o

que Jesus e os disseminadores de seus ensinamentos passaram foi, na verdade, perseguição. “Paulo escreveu a última carta dele preso em Roma. O próprio Jesus dizia que não tinha onde recostar sua cabeça”, comenta. Emocionado, Mehdi diz que Jesus morreu solteiro em prol de se dedicar à pregação de sua mensagem e que ser crucificado ao lado de dois ladrões em um momento humilhante não constitui nenhuma forma de poder.

É claro que a análise acima, diferenciada da proposta que lhe havia sido feita no seminário, não foi escrita em seu trabalho. Tratava-se de um processo ambivalente que ocorria consigo: de um lado, o muçulmano exemplar, filho do mais alto líder religioso do Marrocos, membro da família real e herdeiro do cargo, estudando para defender o islamismo de uma religião frágil e hipócrita como o cristianismo; de outro, um homem curioso, que acabara de descobrir que o que lhe haviam contado sobre Jesus não necessariamente fazia sentido e que agora talvez estivesse se identificando mais com aquele livreto do que com todas as páginas do Corão.

Dentro de si havia um constante misto de dúvida e entusiasmo, medo e alegria. Mehdi estava se descobrindo em um lugar que antes era completamente proibido e inacessível. Permaneceu calado em relação a isso durante todo o processo por estar temeroso sobre o que realmente aconteceria consigo caso revelasse qualquer tendência a acreditar no cristianismo. O trabalho ain-

da era defender o islamismo diante da Bíblia e ele não pretendia que sentimentos novos e desconhecidos simplesmente roubassem a cena.

Confusão. É o substantivo feminino que ele utiliza para definir aquele momento conturbado. Ele não entendia tudo. A vida toda fora educado ouvindo uma única filosofia de vida. Deparar-se com outra completamente diferente e que mexia com seu emocional em algum nível o deixou desorientado. Contudo, não parava de ler o livro e não entendia como sentia certa dependência daquilo. Lia mais de 15 vezes aquelas páginas todos os dias e quando deu por si, havia memorizado todo o evangelho de Lucas.

Seguiu seus trabalhos na esperança de que quanto mais estudasse, mais entenderia e, quem sabe, tiraria da cabeça aquela loucura de simpatizar com o cristianismo de uma vez por todas. Em determinado momento, sentiu que a comparação que estava fazendo não seria completa se não conversasse com alguém que entendesse melhor do assunto, que estudasse a Bíblia. No entanto, via-se desorientado por não conhecer ninguém com repertório na área.

Também não adiantava muito procurar, já que no Marrocos oficialmente não há igrejas nem pastores e os que existem são “subterrâneos”, escondidos e jamais conversariam com um membro da família real a respeito de um assunto socialmente controverso e proibido.

Resolveu se abrir com seu pai. Quem sabe

ele poderia dar um norte às suas inquietações e arrumar alguma forma de sanar suas dúvidas? Apesar de muito rígido, segundo Mehdi ele é extremamente inteligente e esclarecido, teria alguma ideia de como resolver a situação. Ao explicar o projeto que estava desenvolvendo, rapidamente seu pai interpelou: “por que ele te deu isso?”, o tom curioso carregava traços de indignação e preocupação. Aparentava ter, em alguma instância, consciência do que a leitura daquele texto poderia causar no próprio filho. Sereno, Mehdi respondeu que não passava de um trabalho do seminário cujo tema ele não entendia absolutamente nada.

Ainda adolescente, seu pai foi para Londres estudar em um curso e conheceu uma pessoa crucial no processo de mudança de vida de Mehdi. Abdelkader é um pastor libanês-iraquiano e amigo de longa data, que tinha muita estima pelo pai de Mehdi e vice-versa. Firmaram uma amizade sólida e estável, independentemente de suas convicções religiosas, cujas diferenças nunca foram motivo de discussão. Na verdade, o pai de Mehdi supunha que o londrino era cristão mais pelo comportamento e o jeito de falar e menos pela tentativa de persuasão entre as partes.

No dia em que conversou com seu pai sobre as dificuldades que estava enfrentando, recebeu o contato desse pastor. Certo de que seria útil para o aprofundamento em questões peculiares do cristianismo, Mehdi entrou em contato imediatamente. Enviou um *e-mail* se identificando e in-

formando de quem era filho. Expôs seu projeto, suas inquietações e indagou sobre a possibilidade de conversarem sobre algumas questões bíblicas. Saudosista do que havia vivido com o mais alto líder religioso do Marrocos, Abdelkader mostrou-se entusiasmado com o convite que lhe havia sido feito. Prestativo e atencioso, as questões de Mehdi foram sendo respondidas via *e-mail* durante 15 dias.

Em seu livro autobiográfico, Mehdi explica a natureza de suas dúvidas tão primárias. Segundo ele, no islamismo não existe a consciência do pecado, o homem não se considera um pecador. A visão do pecado original, por exemplo, entendida na Bíblia como a queda de Adão e Eva, enquanto ainda estavam no Jardim do Éden, não é percebida da mesma maneira no islamismo. Na cosmovisão cristã, ao comer o fruto proibido, ambos pecaram e foram destituídos do paraíso, condenando toda a humanidade à natureza pecaminosa e à necessidade de salvação através de Jesus. No islamismo, o pecado foi cometido apenas por Eva, já que Adão teria comido o fruto sem saber que aquilo configurava uma afronta a Deus. A responsabilidade, portanto, era completamente de Eva e por essa razão não há necessidade de alguém morrer para limpar a humanidade de seus pecados e reconciliar o homem com Deus.

“Por que alguém deveria morrer por mim se eu não havia feito nada de errado? Por que Cristo deveria sofrer no meu lugar se Ele também não

tinha feito nada de errado?”, eram algumas das dúvidas que pairavam sobre a cabeça de Mehdi e para as quais, a despeito de todas as pesquisas já feitas, não encontravam respostas certas. Foram 40 perguntas, ele conta entre sorrisos. Complementa que o teor das questões era, em sua maioria, criticando o cristianismo.

Após o período de contato por *e-mail*, Abdelkader convidou Mehdi para uma estadia em Londres, assim poderiam conversar pessoalmente sobre incertezas que ele porventura ainda tivesse. No desembarque de um dos aeroportos de Londres, a placa em árabe clássico escrita “irmão Mehdi” o esperava nas mãos de um senhor alto e de óculos, com a barba branca e cerrada, que sorria em direção às portas de saída. Era Abdelkader. “Esse cara é maluco!” (*sic*), diz Mehdi ao se lembrar da cena. Ainda que seja um tratamento comum entre cristãos, para muçulmanos ser chamado de “irmão” não faz sentido algum. Mehdi caminhou em direção ao homem e com um beijo no rosto se cumprimentaram. O primeiro comentário veio de Abdelkader: “você é a cara de seu pai!”, disse lhe dando as boas vindas calorosamente. Andando pelo aeroporto em direção à saída, contou a Mehdi que ele e seu pai haviam se conhecido na época em que eram solteiros e quando seu avô era o líder religioso do Marrocos. Eram 30 anos de amizade, nos quais o pastor disse ter o tempo todo orado para que a “graça de Jesus fosse der-

ramada sobre aquela família” (*sic*)⁵.

“Uma faca em meu coração” é como Mehdi narra o que sentiu ao ouvir aquela frase. Apesar de já estar internamente abalado em relação à sua fé, não tinha assumido nem para si mesmo a possibilidade de tornar-se cristão. Era uma questão de honra. Ele queria mostrar que seu conhecimento era mais poderoso e sua religião mais eficaz do que aquilo que, aos poucos, estava entrando e impactando sua vida. “Obrigado. Também irei orar por você”, replicou em tom passivo-agressivo, com o intuito de mostrar que o domínio da situação também lhe pertencia.

Ao lembrar da cena em seu escritório, Mehdi me pergunta o que eu faria se aquilo tivesse acontecido comigo. Entre algumas gargalhadas, explica que, na época, ficou ofendido. Hoje, enxerga os acontecimentos pela lente espiritual: “eu sabia que, através daquela oração, Deus havia me tirado da França e me levado ao Marrocos para um seminário islâmico. Deus usou um líder muçulmano para colocar em minhas mãos uma Bíblia”.

As questões de segurança perseguem as famílias reais em todos os lugares. Não foi diferente com Mehdi. Ao chegar em Londres, sua viagem seria cuidada pela embaixada marroquina: uma equipe de segurança de duas a quatro pessoas deveria acompanhá-lo durante sua estadia no país,

5 Expressão comum entre cristãos protestantes para, durante os momentos de oração, pedir a Deus pela salvação e conversão de alguém em específico.

definir o lugar onde se hospedaria e garantir o cumprimento de todos os protocolos do palácio. Abdelkader foi incisivo e convenceu Mehdi de que ele ficaria em sua casa. Recusou levá-lo até a embaixada para o cumprimento dos protocolos e chegou a dizer que se ele quisesse mesmo ficar em um hotel deveria voltar para o Marrocos. Em respeito aos requisitos impostos, Mehdi cedeu e deixou-se ser levado para a casa daquele homem. Foram alguns dos quatro dias mais importantes e intensos de sua vida. Eles conversavam em entrevistas que duravam horas. As respostas claras e objetivas do pastor faziam Mehdi ficar ainda mais intrigado a respeito da fé de Abdelkader. Foram exploradas questões bíblicas polêmicas e difíceis de serem entendidas. Mehdi descreve aqueles momentos como cruciais para a sua conversão: “a cada resposta que ele dava, eu chegava mais perto da graça⁶ de Deus”.

Ele não entendia como e nem porquê, mas

6 De acordo com o doutor em Teologia José Neivaldo de Souza, no artigo intitulado “A graça de Deus e a reforma na Igreja”, publicado em uma das edições da revista Teocomunicações, da PUC-RS, a graça de Deus é um conceito bíblico e aponta para a ação gratuita de Deus. Ela é dom incondicional e independe dos méritos pessoais. O escritor cristão Roger L. Smalling no artigo “O Que é a Graça?”, explica que o termo é originado da palavra grega “charis”, que deriva do verbo “charizomai”. Esta palavra significa “mostrar favor para” e assume a bondade do doador perante a indignidade do receptor. O termo é constantemente utilizado para designar aproximação com a divindade e salvação, já que para os cristãos protestantes Deus concede a salvação dos homens através da graça, sem cooperação humana nenhuma. Confira a referência completa dos dois artigos na seção Bibliografia.

sabia que ao ouvir aquelas palavras toda inquietação dentro de si transformava-se em paz e serenidade. “O senhor não teria uma Bíblia completa para me dar?”, perguntou ao pastor um Mehdi ávido por conhecimento. Não contou a Abdelkader, mas após esses quatro dias junto dele, percebeu que tinha mais dúvidas do que quando chegou. Seus questionamentos agora, no entanto, não mais eram relativos às análises comparativas que vinha fazendo, aos termos gregos, hebraicos e árabes que tentava destrinchar para utilizar nos argumentos ou mesmo a vida e história de Jesus. Mehdi estava com dúvidas em relação à sua própria fé.

Abdelkader lhe deu uma Bíblia em árabe no último dia de sua estadia. Mesmo que as Bíblias sejam proibidas no Marrocos por uma determinação legal, a sua não foi apreendida em virtude de seu passaporte diplomático. Tais passaportes dão a seus donos a condição de não terem suas bagagens revistadas em aeroportos. Isso se dá em virtude dos segredos de Estado e acordos diplomáticos entre os países, estabelecidos por políticas internacionais.

A viagem de Londres para Casablanca tem duração de cerca de três horas, nas quais Mehdi passou em conflito, se perguntando o que estava acontecendo, questionando tudo o que tinha ouvido naqueles quatro dias e com um peso enorme em seus ombros. “Não é fácil, hoje eu tento lembrar daquela situação e minha cabeça já começa a

doer”, interrompe a si mesmo para comentar.

Desembarcou no aeroporto de Casablanca pela noite, entrou no carro que o esperava e foi direto para o palácio. Entrou em seu quarto chorando e preocupado com tudo o que sentia. Estava cansado de viver tudo aquilo, embora fosse deveras recente. “Pela primeira vez na minha vida eu me ajoelhei e comecei a orar”, conta emocionado. Ao se lembrar da cena, Mehdi parece estar vivendo-a novamente. Em uma das mãos segurava a Bíblia Sagrada, na outra o Corão. Ajoelhado com o rosto próximo do chão e chorando sem cessar, perguntou aos céus se realmente existia um Deus. “Em uma das mãos estou segurando um livro segundo o qual vivi toda a minha vida e o outro conheci há tão pouco tempo, mas sinto que já me transformou muito”, refletia Mehdi. Naquele momento, pediu que sua alma fosse salva para o Deus bíblico, confessou sua nova fé e suplicou que mostrasse sinais de que aquele era o caminho certo que agora deveria seguir. A oração demorou alguns segundos e, posteriormente, se deitou, ainda cansado de todo o conflito.

Ao pegar no sono, relata ter vivido uma experiência sobrenatural, que confirmava o que havia questionado em relação às indecisões. “Eu Sou o Filho de Deus, fique tranquilo” foram as exatas palavras que ouviu como um sussurro enquanto ainda dormia. Ao lembrar da situação, mostra-se emocionado e convicto de que a experiência foi real.

Ele explica que na teologia islâmica, a única maneira de Deus comunicar-se com os homens diretamente é por meio dos sonhos. Acredita ter sido esse o motivo de sua experiência ter acontecido naquele momento singular. Não havia melhor maneira de Deus responder a um muçulmano do que em sua própria linguagem. Mehdi conta que não acreditava em manifestações sobrenaturais até então, mas que depois daquela experiência tem certeza de que Deus pode se manifestar de maneiras surpreendentes a todos. Se levantou rapidamente e saiu correndo em direção à porta do quarto numa mistura de medo e paz dentro de seu coração. Ao se dar conta do que estava acontecendo, se ajoelhou e entregou sua vida a Jesus⁷.

Já era tarde quando aquilo aconteceu, mesmo assim ligou para Abdelkader. Sabia que entenderia melhor tudo aquilo se conversasse com o pastor. Assim que ele atendeu, Mehdi pediu desculpas por ligar naquele horário e começou a contá-lo sobre a experiência. “Lembra de quando o senhor disse que orava por mim? Hoje eu sou resposta de suas orações”, disse emocionado. O telefone ficou mudo por aproximadamente cinco minutos. Do outro lado da linha o pastor ouvia e, sem conter as lágrimas, chorava emocionado.

7 Termo constantemente utilizado entre vertentes da igreja cristã, principalmente as protestantes, para designar o momento em que a pessoa aceita a mensagem bíblica, a divindade de Jesus, os pressupostos do cristianismo e passa a segui-los, tornando-se agora um convertido.

6. o risco da cruz

Logo após chorarem juntos como se estivessem realmente abraçados durante aquele telefonema, Abdelkader deu a Mehdi uma instrução importantíssima: “não conte para ninguém que você se converteu”. Mehdi assimilou aquelas palavras com maestria; sabia que a partir de então, sua crença era também seu maior segredo e deveria manter assim pelo máximo de tempo que conseguisse.

“Tem mais perguntas?”, disse-me Mehdi em entonação fatigada. “Tenho mais algumas”, respondi. Esgotado por estar há tanto tempo comentando sobre si mesmo, pediu para que mudássemos ao menos o ambiente. “Vamos lá pra casa, daí a gente toma um café”. Saímos pelas ruas daquela cidade com pouco mais de 200 mil habitantes. O apartamento de Mehdi ficava a alguns minutos de

seu escritório, sete para ser mais exato. Subimos de elevador enquanto me perguntava se eu queria comer algo além dos chocolates e do chá gelado que ele havia comprado na loja de conveniência logo após sairmos do escritório. Abriu a porta me alertando para o possível ataque inofensivo de seus três cachorros. Fez questão de me apresentar a casa enquanto eu perguntava um pouco mais sobre sua vida, ainda que não estivéssemos oficialmente gravando a entrevista.

O chão amadeirado recebeu nossas pegadas ao redor de todo o imóvel. “Este é meu quarto”, disse orgulhoso, apontando para a janela semi-aberta que conduzia a uma vista surpreendente da charmosa cidade. “Como é morar aqui?”, pergunto desprezioso. “É bom, mas este apartamento não é nem do tamanho do meu banheiro no Marrocos”, ele responde entre sorrisos conformados. Reflete um pouco sobre a situação. Em sua cabeça parecia passar um *flashback* de toda a sua história e de como chegou até ali. Não parece se arrepender, mas isso não quer dizer que lidar com perdas seja descomplicado.

“Estávamos falando sobre quando você conversava ao telefone com o pastor de Londres”, lembrei na hora de retomar a entrevista. Já estávamos sentados na sala de estar: eu num pequeno sofá bege-acinzentado e Mehdi numa cadeira que puxou aleatoriamente da mesa de jantar. Pegou um dos cachorros no colo para calar os latidos e preparou-se para continuar a história. Comovido, relata que a partir daquela conversa ao telefone outra história de vida iniciou. A partir dali, expe-

riências únicas para sempre o marcariam.

Abdelkader deu a Mehdi o contato de um missionário americano que morava na cidade de Agadir, localizada a uma distância de aproximadamente 500 km de Rabat. Lá aconteciam reuniões de um grupo de cristãos todas as sextas-feiras. Ao saber daquilo Mehdi ficou boquiaberto: “tem convertidos no Marrocos? Eu não sou o primeiro?”.

Um dos representantes da Portas Abertas⁸ Brasil, que não será identificado por motivos de segurança, afirma que a igreja no Marrocos é clandestina e “subterrânea”. Encontrar cristãos nesse país é extremamente difícil e a pressão contra um recém-convertido é muito intensa. “Não é fácil ser cristão no Marrocos, pelo contrário, não é permitido falar abertamente de Jesus no país. Outro agravante é que a perseguição não é declarada e a pressão - da família, sociedade e do governo - não compõem um grande número de ocorrências.”, informa.

Ainda de acordo com a organização Portas Abertas, o código penal do país prevê pena de até seis meses de prisão a quem não praticar o jejum - Ramadã. A Constituição marroquina ressalta que o islamismo é a religião oficial, mas diz também

⁸ Portas Abertas ou Open Doors é uma organização cristã internacional que atua em mais de 60 países onde existe algum tipo de proibição, condenação, execução ou ameaça à vida das pessoas ou à sua liberdade de crer e cultuar Jesus Cristo. A Portas Abertas atua em segredo nos mais opressivos países do mundo, fortalecendo cristãos para que permaneçam firmes diante da perseguição e sejam a luz de Cristo nesses lugares escuros. Fonte: <https://www.portasabertas.org.br/about/apresentacao/>

que o Estado protege a liberdade religiosa. No entanto, o código penal criminaliza a quebra do jejum em público, conseqüentemente, os cidadãos são obrigados a praticar o Ramadã por ordem legal e em virtude da religião. Qualquer tentativa de converter um muçulmano é ilegal de acordo com o Código Penal marroquino. O artigo 220⁹ da legislação prevê pena de três a seis meses de prisão e multa para “qualquer tentativa para interromper uma ou mais pessoas do exercício de sua crença religiosa ou frequência aos seus cultos”.

Mehdi passou a frequentar as reuniões todas as semanas durante um mês, sempre com precaução. Muito temia ser descoberto. Demorava 14 horas para ir e voltar do local onde ouvia um sermão de apenas 45 minutos. À sua família dizia simplesmente que estava viajando. Mehdi desligava o celular para evitar que fosse rastreado. Durante os cultos que aconteciam na casa de um dos membros da igreja, pedia para que as janelas e portas fossem fechadas, assim evitava que alguém mal intencionado porventura o reconhecesse. Composta por dois marroquinos convertidos ao cristianismo e quatro missionários, cada um de uma nacionalidade, a pequena igreja atuava em segredo e era resultado de projetos missionários na região.

9 Informação retirada da reportagem “Cristãos do Marrocos são proibidos de evangelizar”, publicada em 17 de novembro de 2014 no site da organização Portas Abertas. Fonte: https://www.portasabertas.org.br/noticias/2014/11/cristaos_do_Marrocos_sao_proibidos_de_evangelizar

“O Marrocos neste ano não fez parte da *Lista Mundial da Perseguição*¹⁰. Porém, não significa que não exista perseguição aos cristãos”, de acordo com a organização Portas Abertas. Os cristãos de origem islâmica precisam ser muito cuidadosos, principalmente no período do jejum, pois podem facilmente incomodar os muçulmanos do país, mesmo que ajam com amor e piedade. “Considerados apóstatas, esses cristãos são frequentemente expulsos de suas comunidades, deserdados, desprezados por suas famílias, e, muitas vezes, ameaçados de morte”, diz a instituição. E complementa afirmando que muitos ataques a igrejas e a cidadãos cristãos costumam acontecer nos últimos dias do Ramadã.

A Igreja marroquina representa uma população de aproximadamente 25 mil pessoas, segundo dados¹¹ da organização protestante divulgados

10 A Lista Mundial da Perseguição (anteriormente chamada Classificação da Perseguição Religiosa) traz os 50 países com maior grau de perseguição contra cristãos. Ela é atualizada anualmente com base em pesquisas da Portas Abertas, que consideram as leis no país, a postura das autoridades, da sociedade e da família em relação aos cristãos, aos novos convertidos e à igreja. Um questionário cobrindo esses aspectos determina a posição do país na Lista. Atualmente, cerca de 215 milhões de cristãos são perseguidos nos 50 países que compõem a Lista, isso faz com que os cristãos sejam o grupo religioso mais perseguido do mundo. A perseguição é dividida em três categorias: extrema, severa e alta. Fonte: <https://www.portasabertas.org.br/listamundial/>

11 Informação retirada da reportagem “Cristãos do Marrocos são proibidos de evangelizar”, publicada em 17 de novembro de 2014 no site da organização Portas Abertas. Fonte: https://www.portasabertas.org.br/noticias/2014/11/cristaos_do_Marrocos_sao_proibidos_de_evangelizar

em 2014. Independentemente de tal número, estima-se que 80% a 95% dos cristãos do país não são marroquinos de origem. O que geralmente ocorre é que os ex-muçulmanos sofrem muita pressão das famílias para retornar ao Islã, são vítimas de isolamento social e muito preconceito por grande parte da sociedade marroquina.

Em 2010, um grupo de mais de 100 cristãos estrangeiros foi expulso do Marrocos sob a acusação de proselitismo religioso. À época, um documento¹² com assinatura de cerca de sete mil líderes muçulmanos manifestou sua visão a respeito dos cristãos no país, caracterizando-os como promotores de um “estupro moral” e de “terrorismo religioso”. Tais líderes, considerados conservadores, têm pressionado o rei marroquino no sentido de tomar medidas drásticas contra os cristãos.

Em uma declaração¹³ sobre o assunto na época, a porta-voz da organização Portas Abertas Internacional, Lindsay Vessey, explicou que além dos cristãos expulsos pelo governo marroquino, restam no país cerca de mil - que se tinha conhecimento - que não eram reconhecidos pelo governo por professar a religião. De acordo com ela, essas pessoas relataram uma fiscalização forçada de re-

12 Informação retirada da reportagem “Marrocos clama para que cesse a perseguição cristã”, publicada no dia 23 de setembro de 2010 no site da organização Portas Abertas. Fonte: <https://www.portasabertas.org.br/noticias/2010/09/noticia6534/>

13 Informação retirada da reportagem “Marrocos clama para que cesse a perseguição cristã”, publicada no dia 23 de setembro de 2010 no site da organização Portas Abertas. Fonte: <https://www.portasabertas.org.br/noticias/2010/09/noticia6534/>

tenção e alguns até denunciaram agressões.

Embora não tenha entrado na *Lista Mundial da Perseguição* no ano de 2017, o Marrocos foi o 44º país mais perigoso para ser cristão em 2014, e em 2015 ocupou o 51º lugar. A organização Portas Abertas define o Marrocos como um dos países que estão fora da *Lista Mundial de Perseguição*, onde é mais perigoso ser cristão, juntamente com outras nações como Uganda, Rússia, Nepal, Azerbaijão, Cuba, Costa do Marfim e Venezuela.

Um caso semelhante ao de Mehdi ganhou atenção da mídia e da comunidade internacional em 2017. Mustapha, um marroquino convertido ao cristianismo que tem buscado defender o direito das pessoas de manifestarem a liberdade religiosa. Segundo informações¹⁴ da agência de notícias francesa *Agence France-Presse (AFP)*, o funcionário público de 46 anos se converteu em 1994 para “preencher uma lacuna espiritual”.

Ele entendeu o cristianismo como sua verdadeira religião em 1994, mas só tornou pública sua fé em meados de 2015, através da publicação de um vídeo em que explicava o processo de conversão. Mustapha declara que estava cansado das “contradições do islamismo” e quando revelou sua nova fé passou a ser negligenciado por grande parte dos amigos e da família. Em seu emprego era evitado e seus filhos sofriam *bullying* na escola. Mustapha diz ter se interessado pelo

14 Dado retirado da reportagem “Morocco’s Christian converts emerge from the shadows”, publicada em 30 de abril de 2017 no site de notícias Mail Online. Fonte: <http://www.dailymail.co.uk/wires/afp/article-4459632/Moroccos-Christian-converts-emerge-shadows.html>

cristianismo após o contato com um centro religioso espanhol na década de 1980 e, desde então, se dedicou a entender melhor a religião. Hoje é certificado como pastor protestante após um curso à distância de uma instituição estadunidense. Mustapha prefere não fornecer seu nome completo por motivos de segurança.

Situação semelhante é relatada¹⁵ pelo também marroquino Rachid, que preferiu omitir seu sobrenome por precaução. Rachid se converteu ao cristianismo em 2004, após ouvir a respeito em uma programação de uma rádio parisiense. Ele buscou esclarecimentos sobre o assunto: contactou um *site* especializado e recebeu a cópia de uma Bíblia. Rachid se tornou um pastor protestante após ser batizado aos 24 anos, durante uma cerimônia dentro de um apartamento em Casablanca.

O Departamento de Estado Americano estima¹⁶ que, apesar de não haver uma estatística oficial do Reino de Marrocos, existem de dois a seis mil marroquinos convertidos ao cristianismo no país. A dificuldade em calcular o número exato de cristãos no Marrocos, contando os nativos convertidos e os estrangeiros, se dá justamente

15 Dado retirado da reportagem “Morocco’s Christian converts emerge from the shadows”, publicada em 30 de abril de 2017 no site de notícias Mail Online. Fonte: <http://www.dailymail.co.uk/wires/afp/article-4459632/Moroccos-Christian-converts-emerge-shadows.html>

16 Dado retirado da reportagem “Morocco’s Christian converts emerge from the shadows”, publicada em 30 de abril de 2017 no site de notícias Mail Online. Fonte: <http://www.dailymail.co.uk/wires/afp/article-4459632/Moroccos-Christian-converts-emerge-shadows.html>

pelas complicações sofridas pelos cidadãos que professam abertamente sua fé. São diversos os relatos de pessoas que tiveram experiências de preconceito por se declararem cristãos, colecionando histórias de abuso verbal, retaliação, perseguição e até prisão. Alguns convertidos simplesmente encontram-se desaparecidos após assumirem a nova fé.

É comum também que as poucas igrejas no Marrocos recusem receber nativos em seus cultos e reuniões. Cautelosos, muitos declaram que preferem explicar aos possíveis fiéis a situação e, assim, evitar dificuldades para a própria comunidade.

Não é no que acredita¹⁷ Ahmed, nome fictício usado por um marroquino de 24 anos convertido ao cristianismo em 2009. Ele tomou a decisão de se tornar cristão após estudar as religiões mundiais em *sites* na *internet*. Atualmente, lidera uma comunidade cristã em sua casa em Casablanca e diz não se importar com as possíveis consequências de serem descobertos pelo governo e pela sociedade. As reuniões acontecem aos domingos e contam com, em média, 11 fiéis. Em declaração ao *U.S. News*, Ahmed afirma que algumas pessoas preferem manter sua própria fé em segredo e isso é respeitado em sua pequena igreja, no entanto, há um incentivo para que “seja feito o que Deus

17 Informação retirada da reportagem “Christians in Morocco: a Crisis of Faith”, publicada em 30 de setembro de 2010 no site de notícias U.S. News. Fonte: <https://www.usnews.com/news/articles/2015/09/30/christians-in-morocco-a-crisis-of-faith>

nos ordenou, que é pregar e falar para as pessoas sobre o Evangelho”.

Ahmed é apresentador de um *podcast* que prega abertamente o cristianismo e pratica o evangelismo. Eles enviam Bíblias para ouvintes interessados, mesmo sendo oficialmente proibida a distribuição de qualquer material religioso não islâmico no Marrocos. “Nós não nos importamos se eles aprovam ou não, se permitem ou não, não vamos gostar de sermos presos ou torturados... mas, ainda assim, eles não irão nos parar”, comenta.

Embora a situação ainda seja muito delicada, há uma perspectiva de melhora em relação às perseguições. Mustapha, Rachid e outros marroquinos convertidos ao cristianismo submeteram, em abril de 2017, uma solicitação ao Conselho Nacional de Direitos Humanos do Marrocos pedindo o fim da perseguição religiosa. Entre as demandas dos solicitantes, estão o direito de dar aos filhos nomes cristãos, o de fazerem as reuniões abertamente, o de serem enterrados em cemitérios cristãos e o de se casarem de acordo com tradições cristãs.

A Constituição de 2011¹⁸ define o islamismo como religião oficial do Reino de Marrocos, apesar de também dizer prezar pela liberdade religiosa. Embora em público as autoridades marroquinas digam defender os direitos e liberdades

18 Informação retirada da reportagem “Christians in Morocco: a Crisis of Faith”, publicada em 30 de setembro de 2010 no site de notícias U.S. News. Fonte: <https://www.usnews.com/news/articles/2015/09/30/christians-in-morocco-a-crisis-of-faith>

individuais, o código penal do país, os partidos políticos e a sociedade não se comportam como dizem, fazendo com que cristãos sejam vítimas de perseguição.

Alguns acreditam que o cristianismo representa uma ameaça à unidade do Marrocos e dizem defender o princípio de que o islamismo é parte constitutiva da configuração cultural do país.

Grande parte¹⁹ dos marroquinos cristãos que abertamente expõem sua religião vive nas cidades de Agadir e Marrakesh, no sul e centro-sudoeste do Marrocos, respectivamente. A maior parte dessa população se declara protestante.

19 Informação retirada da reportagem “Christians in Morocco: a Crisis of Faith”, publicada em 30 de setembro de 2010 no site de notícias U.S. News. Fonte: <https://www.usnews.com/news/articles/2015/09/30/christians-in-morocco-a-crisis-of-faith>



7. 5 de agosto
de 2013

Os dias na vida de Mehdi seguiam-se normais na medida do possível. Ainda morando no Marrocos e frequentando a igreja em Agadir às sextas-feiras, procurava ocupar seu tempo com atividades extracurriculares, preferencialmente fora do país. Refletia sobre como comunicar à família sua mais recente decisão, temendo as consequências.

A Festa do Sacrifício ou Festa do Cordeiro (*Eid ul-Adha*) é um evento tradicional da cultura islâmica e amplamente difundido e comemorado no Marrocos. Deve sempre ocorrer no décimo dia do último mês do calendário islâmico e representa o fim do período de peregrinação à Meca. O acontecimento tem como objetivo relembrar a passagem corânica em que Deus solicita a Abraão

sacrificar seu filho Ismael. De acordo com as revelações do Corão, Alá conversou com Abraão em sonho e pediu para que ele sacrificasse aquilo que tinha de mais precioso e amado, ele entendeu que tratava-se de seu filho Ismael. Abraão contou a Ismael a decisão divina e ele prontamente entendeu, aceitando fazer parte do rito.

“E quando o seu Senhor lhe disse: Submete-te a Mim! respondeu: Eis que me submeto ao Senhor do Universo!” (Alcorão 2:131)

Tomou seu filho e juntos partiram para Muna, uma cidade perto de Meca. A história conta que durante o caminho, Abraão foi tentado a desistir do pedido mas resistiu: colocou uma venda em seus olhos para evitar mais sofrimento, posicionou o filho e cortou-lhe a garganta. Quando retirou a venda, percebeu que não havia cortado a garganta de seu filho, mas sim a de um carneiro que havia sido posto no lugar de Ismael. O episódio é lembrado pelos muçulmanos como o momento em que Deus honrou o compromisso de Abraão e o presenteou com um livramento.

Todos os muçulmanos devem realizar o ritual de sacrificar um carneiro no dia da Festa para simbolizar a lembrança do ato de Abraão e a fidelidade de Deus para com seus seguidores. O animal deve ser macho, adulto e saudável e caso não seja possível sacrificar um carneiro, é comum a substituição por outros animais como bodes, bois e camelos. A carne resultante do sacrifício é distribuída para os familiares, amigos, vizinhos

e pessoas com necessidades financeiras. O evento contempla alguns rituais básicos, como uma oração preliminar e os banhos de purificação. No primeiro dia, é comum que os muçulmanos vistam suas melhores roupas e realizem a oração em conjunto numa grande congregação.

A data é, depois do Ramadã, o festival mais importante para o mundo islâmico e, consequentemente, para o Marrocos. Na família real é comum se realizar tal comemoração anualmente e o trabalho de sacrificar o cordeiro é destinado ao primogênito. Ou seja, a Mehdi. Foram muitos anos de sua vida daquela forma, cumprindo a tarefa a ele delegada de forma quase que mecânica, ciente de seu ofício.

Estava em seu quarto dormindo quando seu pai solicitou que se apresentasse para o início do ritual de 2013. “Mehdi, desça, você precisa sacrificar o cordeiro”, disse suavemente, segurando estendida uma grande faca em suas mãos. Ao despertar, Mehdi se deparou com uma situação simbólica: aquele ritual representava muito do que o islamismo e o cristianismo colidiam, representava muito do que ele não mais acreditava. Não teria como sacrificar o cordeiro para manter uma fachada, aquilo tudo estava indo longe demais. Sugeriu que seu irmão sacrificasse o animal naquele ano e ouviu como resposta o óbvio: ele era o filho mais velho, a tarefa era dele.

Respirou fundo e sem saber o que dizer, olhou para seu pai. No momento se lembrou de vários episódios em que haviam passado juntos e do respeito e admiração que sentia por ele. Pen-

sou em tudo o que ele havia sonhado para que Mehdi um dia fosse. Um filho exemplar, destinado a seguir seus passos e se tornar o líder religioso do Marrocos.

Ao lado daquele homem estava o irmão de Mehdi e nas escadas, aguardando sua chegada, sua mãe e irmãs. Mehdi olhou para aquela cena e num supetão um tanto irracional respondeu: “Pai, eu não vou sacrificar o cordeiro! O meu cordeiro já foi morto seiscentos e vinte anos antes da sua religião”.

Ao relembrar do fato ele explica que não sabe como ou porquê disse aquilo naquele momento. Simplesmente se lembra de ter acontecido como numa rápida perda de consciência, numa exclusão da noção das possíveis consequências que tal comportamento poderia lhe trazer. Seu pai caiu de joelhos, impactado com o que havia acabado de ouvir. Ele estava passando mal, o emocional havia afetado sua saúde, agravando o quadro de diabetes que o acometia. “Por que você está fazendo isso?” gritava perplexa sua mãe, procurando respostas para toda a cena. Os irmãos de Mehdi observavam assustados, catatônicos e calados.

Ele saiu dali imediatamente e fugiu para a casa de uma amiga em Casablanca, onde permaneceu por dois dias. Confuso e preocupado, sabia que sua vida mudaria radicalmente a partir dali. Não seria fácil para o mais importante líder religioso de um país como o Marrocos aceitar a conversão de um filho tão rapidamente. O que diriam publicamente? Como lidariam com toda a pressão social? Quais efeitos isso poderia trazer para a

monarquia? Como divulgar e defender uma religião se seu próprio filho a renegou?

Pensando em tudo isso, resolveu voltar para Londres na tentativa de buscar o auxílio de seu pastor. No entanto, Abdelkader foi ameaçado por pessoas ligadas à sua família, pois acreditavam que ele havia praticado uma lavagem cerebral em Mehdi.

Passou os meses subsequentes como um peregrino: morou um tempo com uma tia na Alemanha, voltava ao Marrocos esporadicamente e retornava para a Europa à procura de liberdade. Foram aproximadamente três meses entre idas e vindas da Europa e cerca de um ano morando com uma tia nos Estados Unidos. Tudo para evitar o contato com sua família e as prováveis retaliações que sofreria por ter se tornado um cristão em meio ao núcleo islâmico mais importante do país.

Foi quando Abdelkader lhe fez uma sugestão: “Eu acho que você tem que pensar em um lugar onde você não tem nenhum membro da família e onde poderá viver uma nova página da sua história”. Mehdi concordou. Além de estar exausto de fugir de sua família, preocupava-se com o bem estar de seu querido pastor londrino e estava disposto a ir definitivamente para outro lugar começar sua nova vida.

“Que tal Brasil?”, disse Abdelkader em tom indutivo. “Brasil?”, respondeu Mehdi, pronunciando aquela palavra pela primeira vez em sua vida. Sabia pouco sobre o país, mais daquilo que geralmente fica em evidência: carnaval, futebol e mulheres bonitas. Ele jamais havia pensado na

possibilidade de se mudar do Marrocos para qualquer país que não fosse um europeu. Ao ouvir a proposta em solo londrino, ficou paralisado, mas digeriu a ideia como a melhor alternativa para a manutenção da sua liberdade e segurança.

O pastor forneceu algumas instruções que lhe acalmaram. Ele tinha contatos no Brasil que poderiam ajudá-lo e era nessa esperança que Mehdi se apegava. Saiu de Londres em direção ao Marrocos e chegando lá ouviu um dos maiores sermões que seu pai já lhe deu. Ele acreditava piamente que toda aquela mudança na cabeça de seu filho era fruto de uma espécie de lavagem cerebral. O contato exacerbado com o mundo ocidental havia estragado Mehdi de forma irreparável. Profissionais da saúde das mais variadas estirpes foram convocados, psicólogos e psiquiatras em sua maioria. A intenção de seu pai era comprovar que seu filho passava por um distúrbio mental grave e que necessitava de sua intervenção, pois estava sem condições de tomar decisões por si mesmo.

“Inferno”, é como Mehdi define a situação que estava vivendo dentro de casa no Marrocos. Ouvia sermões de seus pais, de sua família e amigos. “Coitadinho, sofreu uma lavagem cerebral”, “vamos orar por ele”, “Mehdi está ficando louco”. O comportamento de todos à sua volta era extremamente incômodo. Tratavam-no como uma pessoa intelectualmente debilitada, que não tinha certeza de suas ações nem condições de fazer escolhas racionais.

Dois dias depois de estar em casa e ouvir todas as chateações de seu pai, percebeu que não

conseguiria mais lidar com as acusações e pressões. Como poderia ele continuar recusando professar o que verdadeiramente acreditava? Quais eram suas opções? Ficar com toda a pompa oferecida pela monarquia, mas ser tratado como um portador de algum transtorno psíquico apenas por acreditar em Jesus? A opção de renegar seu novo eu não existia para Mehdi. Comprou a passagem e logo em seguida enviou um *e-mail* para Abdelkader informando-o da decisão e pedindo para que ajeitasse as coisas no Brasil. “Pastor, por favor avise o pessoal para me buscar porque estou indo para o Brasil amanhã mesmo”.

Seguiu em direção ao aeroporto sem pestanejar um segundo sequer. Foi acompanhado por sua mãe, que continuava pedindo-o para mudar de ideia. “Filho, não”, ela gritava entre prantos por algumas vezes. Suas opções apesar de existentes, não eram razoáveis. Precisava fazer aquilo por si mesmo.

Despediu-se de sua mãe entregando o maior símbolo de poder da família real: seu anel. Devolveu suas chaves e seguiu em direção ao portão de embarque. Viu no semblante daquela mulher um misto de desespero e tristeza ao se despedir do filho em uma cena inimaginável alguns anos antes. A decisão já estava tomada, Mehdi iria para o Brasil tentar a vida e não havia nada que o fizesse mudar de opinião àquela altura.

Em seu livro *Eu era Cego e Agora Vejo* (2016, p. 56), diz não concordar que um muçulmano convertido deixe seu país de origem. Acredita que estas pessoas têm uma missão em sua terra nati-

va e devem espalhar a fé para seus semelhantes. “Mas meu caso foi completamente diferente. Além de causar vergonha para minha mãe e irmãos, eu estava causando confusão, principalmente para meu pai”, explica. A conversão de Mehdi trouxe maior dor e preocupação a seu pai. Sua saída do país deixaria o ambiente mais tranquilo e menos doloroso para a família.

A viagem demorou muito mais do que ele imaginava. Tinha uma escala em Dubai onde esperou por 15 horas para embarcar para São Paulo, viagem que durou mais 15 horas. Durante todo esse tempo, tentava responder às perguntas que vinha se fazendo há dias. Como seria a experiência de morar num país como o Brasil? Como se adaptaria? Como eram as pessoas? O receberiam bem? Entenderia algo do idioma mesmo não falando nada de português? Estariam dispostos a ajudá-lo? Poderia professar sua fé livremente?

Chegou numa segunda-feira. Havia combinado com Abdelkader que um pastor que mora no Brasil o esperaria no Aeroporto Internacional de Guarulhos, em São Paulo e o auxiliaria com todos os trâmites e burocracias necessárias para sua estadia. Sua expectativa não constituía em nada além de encontrar aquele homem, tomar um banho, descansar e organizar sua vida. Apesar de saber da grande chance de fixar no Brasil para sempre, Mehdi estava vindo aquela primeira vez apenas para explorar a terra. Queria saber como realmente funcionavam as instituições brasileiras, como era o país, quais as possibilidades de adaptação e se a liberdade religiosa era realmente respeitada.

Financeiramente, Mehdi pretendia se manter com a remuneração que recebia de alguns negócios que possuía no Marrocos. Era com esse dinheiro que pagava todas as viagens no período em que ficou entre os Estados Unidos e a Europa.

Ao sair do portão de desembarque, no entanto, não encontrou ninguém. Esperou por diversas horas, ciente de não haver outra alternativa. Procurou algum telefone para entrar em contato com o pastor que deveria buscá-lo. Ele não atendia. “Estava me sentindo como um bebê recém-nascido que não sabe falar nem andar”, é como descreve a sensação de estar num ambiente completamente desconhecido sem saber exatamente o que fazer. De mesmo modo, tentou entrar em contato com Abdelkader por meio de um aplicativo de videoconferência: malsucedido. Ele conta que foi um dos primeiros momentos durante toda a jornada em que pensou seriamente em abandonar a ideia e voltar imediatamente para o Marrocos. No entanto, ele não tinha aquela opção porque o dinheiro já havia acabado e não havia como acessar o que tinha no Marrocos em decorrência de alguns problemas diplomáticos que enfrentou ao sair do país.

Ele acredita que naquele momento sua fé ainda estava sendo provada. Avalia que espiritualmente era necessário que ele reafirmasse seu compromisso com Deus e o desejo de servi-lo como e onde fosse necessário, nem que para isso precisasse ficar sem dinheiro ou lugar para dormir. Hoje, ao refletir sobre a situação, ele entende que era indispensável que perdesse tudo o que

tinha para construir uma nova vida.

Sentou-se na tentativa de se acalmar. Precisava pensar quais atitudes tomaria dali para frente, já que não poderia contar, pelo menos num primeiro momento, com a ajuda do pastor que deveria tê-lo buscado, e nem com Abdelkader. Precisava decidir sozinho o que faria a partir de então.

“Vi um cara carregando uma sacola que dizia ‘seja bem-vindo’ em árabe”. Caminhou em direção àquele homem na esperança de, literalmente, falarem a mesma língua e quem sabe, ele conseguir ajudá-lo. “*Do you speak arabic?*” (Você fala árabe?) perguntou confiante, na expectativa de ouvir uma resposta positiva. E de fato foi o que obteve, o homem era um iraquiano residente no Rio Grande do Sul. Mehdi contou a ele o que havia ocorrido enquanto o homem ouvia desconfiado. “Onde estão suas malas?”, suspeitou o iraquiano. “Eu vim sem malas”. Ele permaneceu hesitante até ver o passaporte de Mehdi com o carimbo de entrada no país. 5 de agosto de 2013.

Espantado, o iraquiano lhe perguntou o porquê daquela decisão, disse que São Paulo era uma cidade grande demais para se aventurar “assim sem nada”. “O que você veio fazer aqui?”. Reflexivo, respondeu suavemente: “Vim respirar novos ares”. Ao ver em Mehdi uma pessoa com o mínimo de confiabilidade, o iraquiano perguntou se ele não gostaria de acompanhá-lo pelo centro da cidade, onde precisava resolver algumas pendências. Ele respondeu que preferia não sair dali, que seu contato poderia chegar mais tarde, mas que precisava urgentemente de um local onde pudes-

se descansar. “Claro que conheço, vem comigo, tem uma mesquita!”.

É bastante usual que as mesquitas mantenham espaços destinados ao acolhimento de viajantes e estrangeiros, semelhantes a quartos. Esses espaços funcionam como uma espécie de hospedaria de muçulmanos em trânsito. Trata-se de uma tradição islâmica mundial que visa estabelecer as mesquitas como pontos de encontro entre muçulmanos de diferentes localidades.

Mehdi pegou um táxi até o local que lhe havia sido indicado. Chegando lá logo percebeu que poderia ter um problema de imediato: tratava-se de uma mesquita xiita. Ao recebê-lo, o *sheik* prontamente perguntou quem era, o que fazia ali e logo em seguida, se ele era sunita ou xiita. “Eu sou muçulmano, não importa a diferença”, respondeu em tom persuasivo. “Você é sunita ou xiita?”, ouviu mais uma vez. Ao responder que era sunita, escutou do *sheik* que aquele não era seu lugar, sendo conduzido à mesquita sunita de São Paulo.

Lá, Mehdi foi muito bem recebido, contou sua história ao *sheik* e um quarto lhe foi disponibilizado. Ele tinha a intenção de permanecer ali por apenas um dia, na esperança de receber uma ligação do pastor explicando o mal entendido e propondo uma forma de auxiliá-lo. Ainda acreditava que tudo aquilo era passageiro e que em menos de vinte e quatro horas com certeza estaria de volta ao plano original. A ligação, no entanto, não aconteceu. Mehdi permaneceu na mesquita durante 15 longos dias sem saber como proceder.

Relembrando a situação, conta que o pas-

tor que teria de buscá-lo nunca o fez por motivos políticos: ele possuía negócios no Marrocos e não queria se comprometer por causa de Mehdi.

Durante a estadia na mesquita, omitiu o fato de que havia se tornado cristão, obviamente. Sabia que ficaria sem moradia se compartilhasse sua nova fé com aquelas pessoas. “Eu acredito que Deus me levou lá para entender a realidade”, explica. Conta que os dias de cristão vivendo em meio a muçulmanos o levaram a reafirmar a crença adquirida. “Diversos amigos muçulmanos que estavam ali viviam o oposto do que a religião ensina”. Muitos se embriagavam durante a noite e pela manhã chegavam como se nada tivesse acontecido, faziam o que queriam, criavam confusões e não eram honestos em seus trabalhos. Quando questionados por que não cumpriam exatamente o que lhes era sugerido, eles respondiam: “estamos no Brasil”. Aquelas pessoas enxergavam a religião como uma mera reunião de protocolos obrigatórios, como atesta em seu livro autobiográfico: “Notei que, para eles, Deus estava inteiramente ligado a questões geográficas, ou seja, como a maioria era do Oriente Médio, talvez pensassem que Deus só podia ver seus pecados se estivessem lá” (2016, p. 59)

Aqueles 15 dias hospedado na mesquita foram intensos. Ele passava a maior parte do tempo andando pelas ruas da cidade de São Paulo, tentando compreender a dinâmica do lugar e conhecer árabes que trabalhavam na região. De certa forma estava ocupando a cabeça, evitando pensamentos que o faziam lembrar do fato de ainda

não ter recebido nenhuma ligação dos pastores que se comprometeram a lhe ajudar. Voltava para a mesquita ao anoitecer. Embora hoje enxergue o período em que viveu todas as dificuldades como fundamental para seu crescimento pessoal e espiritual, na época não entendia assim. Muito pelo contrário, via-se triste e cabisbaixo por diversas vezes e a vontade de abandonar tudo era cada dia mais recorrente.

Abdelkader entrou em contato com Mehdi quando ele já não tinha mais esperanças de obter ajuda. Angustiado e extremamente constrangido, o pastor lamentou não ter dado certo que seu amigo o buscasse no aeroporto. Sobre não ter retornado as ligações, explicou que havia sofrido um acidente no mesmo dia em que Mehdi partiu para o Brasil: caiu da escada e quebrou a perna em diversos lugares. Teve que passar por inúmeras cirurgias, ficando no hospital por duas semanas. Passou o contato de outro pastor brasileiro amigo, que deveria recebê-lo no Brasil e assim auxiliá-lo no que fosse necessário. Era um homem que trabalhava com missões há anos e estava acostumado com o povo marroquino por ter vivido cinco anos no país. A conexão com Mehdi foi imediata.

Após algumas conversas, Mehdi foi apresentado por esse pastor a um libanês chamado Jorge, que também havia se convertido ao cristianismo. Eles logo criaram uma amizade genuína, tinham afinidade em muitos assuntos. Mehdi foi convidado a se hospedar na casa desse amigo e por lá permaneceu alguns meses do ano de 2013. Segundo ele, trata-se do período em que mais sentiu falta

de casa. Jorge tinha filhos, o que segundo Mehdi fazia com que as coisas ficassem muito mais leves, mas não o suficiente para fazê-lo deixar de pensar em sua família. Todas as noites se perguntava sobre seus pais e irmãos, a saudade sempre apertava seu coração.

O período em que passou vivendo na casa de seu mais novo amigo é recordado com grande apreço. Em seu livro, conta que Jorge “foi mais um exemplo de como é viver uma nova vida restaurada por Deus” (2016, p. 61). Suas conversas eram basicamente acerca da fé e espiritualidade; a intimidade dos dois foi construída sobre esses pilares.

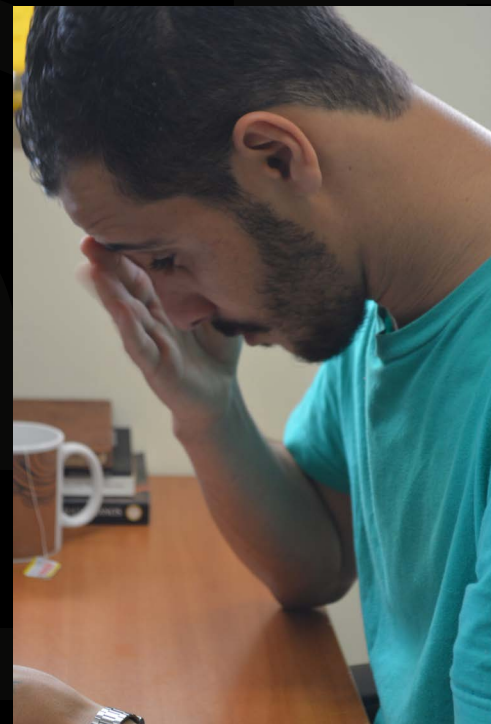
O pastor que lhe apresentou a Jorge era muito envolvido em questões árabes no Brasil, principalmente no que concerne ao evangelismo de muçulmanos. Esse pastor achou relevante contar ao líder de uma importante organização que Mehdi estava presente no país.

A Missão Evangélica Árabe do Brasil²⁰, MEAB, é uma organização missionária evangélica interdenominacional sem fins lucrativos. Sua atuação é voltada para três principais áreas: 1) a mobilização: trabalhando em conferências missionárias, cultos de missões e seminários relativos à cultura árabe e à religião islâmica; 2) a capacitação: oferecendo diversos cursos em seu centro de treinamento e 3) a divulgação bibliográfica: coordenando a tradução de diversos livros e materiais acerca do Islã.

O presidente da organização tomou conhecimento da história de Mehdi e fez questão de ir até São Paulo conhecê-lo pessoalmente. Ciente das contribuições que o jovem marroquino poderia trazer à organização, lhe convidou para participar da MEAB como colaborador, onde atua até hoje.

²⁰ Informação retirada do site <http://lojameab.com.br/sobre/>

Mehdi em seu escritório



Imagens: Matteus Corti

8. céu azulado

Ainda hospedado na casa de seu amigo Jorge, Mehdi foi apresentado a um homem que mudaria sua visão acerca do cristianismo e de tudo o que vivera no Brasil até então. Um belo jantar foi preparado e a ele foi apresentado o pastor Ibrahim, que é seu pastor até hoje. O encontro foi muito marcante para Mehdi por conta do momento em que vivia: a vulnerabilidade de quem já estava há praticamente um mês no Brasil, sentindo saudades de casa e da família. O pastor morou no Marrocos por um tempo, portanto sabia não apenas falar com maestria o árabe clássico, mas também os dialetos marroquinos. Ele ficou impressionado, não imaginava que conheceria alguém assim no Brasil, ainda mais naquele momento. Sentia como se o Marrocos tivesse vindo até ele

para conversarem por um tempo. A conexão entre os dois foi tão profunda que sentiam como se fossem amigos de longa data. Mehdi havia decidido que era com Ibrahim que gostaria de andar, queria ser pastoreado por aquele homem que agora admirava. Ibrahim lhe convidou para participar de um evento de missões que aconteceria no interior de São Paulo e ele prontamente aceitou sem pestanejar. Por algum motivo inexplicável tinha certeza de que o Brasil era não apenas seu país de refúgio político-religioso, mas também o local apropriado para o desenvolvimento de sua vida ministerial cristã.

A despeito de ter se convertido há algum tempo, Mehdi nunca havia se batizado e tinha o profundo desejo de fazê-lo, já que o ato é extremamente importante para o cristianismo. Durante o congresso que acompanhava Ibrahim, recebeu a oportunidade. Era uma quinta-feira de céu azulado e clima agradável. Mehdi desceu às águas numa cerimônia cristã tradicional como descreve em seu livro *Eu Era Cego e Agora Vejo*. “Caminei até a piscina, parecia que tudo estava em câmera lenta. Ao chegar às águas, o Pastor Ibrahim me perguntou, em minha própria língua (...): Você acredita que Jesus é o único Senhor e Salvador de sua vida?” (2016, p. 63). A piscina estava repleta de pessoas em volta, afinal não é todo dia que se testemunha um ex-muçulmano refugiado se converter ao cristianismo e se batizar no país que lhe acolheu após a perseguição. Ao sair das águas

pôde perceber todos à sua volta comemorando e agradecendo pela decisão que acabara de ser feita. O batismo é um dos momentos mais importantes da vida de um cristão. É através dele que a pessoa testifica e reafirma sua fé em Jesus como único e suficiente senhor e salvador. Ao recordar o momento, Mehdi se emociona. Foi extremamente significativo para ele o batismo ter acontecido no Brasil e, além de tudo, o fato de ter sido realizado por um pastor que falava sua língua materna.

Ele comenta que o batismo não foi o único presente que recebeu naquele dia. No mesmo congresso estava presente sua atual esposa, que se interessava desde cedo pela temática missionária e ficou impressionada ao conhecer a história de Mehdi.

Beatriz é uma jovem carioca de 25 anos, formada em História e atual estudante da MEAB. Em 2014, ficou sabendo do evento que aconteceria no interior de São Paulo e, como se interessava pela cultura muçulmana e pela abordagem cristã acerca do tema, se inscreveu. Viu Mehdi pela primeira vez durante seu testemunho em um dos cultos e logo após, nos momentos de confraternização, tiveram o primeiro contato. A amizade permaneceu depois que as atividades da conferência já haviam encerrado e eles continuaram conversando com maior frequência, a princípio sobre assuntos aleatórios e logo em seguida sobre questões bíblicas relevantes. Mehdi precisava aprender português e Bia queria entender mais sobre a cultura árabe,

“figurinhas” que ambos podiam “trocar” com perfeição.

As videoconferências tornaram-se telefonemas diários. “Quando começa a ligar todo dia a noite já sabe né, o que vai dar?”, diz Bia em meio a risadas. Os assuntos foram evoluindo e as conversas teológicas transformaram-se em temáticas cotidianas e ligações de “boa noite”. Quando perceberam que a amizade havia se transformado em amor, decidiram que era o momento de ter um relacionamento sério. Mehdi foi até a casa de Bia, pediu sua mão a seus pais e começaram o namoro que resultaria, em outubro de 2016, no casamento. Eles se viram um total de seis vezes antes de casarem por conta da longa distância que moravam um do outro: ela no Rio de Janeiro e ele na região sul do Brasil.

Bia esclarece que foi descobrindo a história de Mehdi com o tempo, no dia a dia. Mehdi não pôde contar absolutamente todos os detalhes em suas palestras e entrevistas por questões de segurança e por conta das normas de refúgio religioso existentes no país, que visam proteger sua integridade. “Cada dia era uma novidade”, conta ela sobre os primeiros momentos de casados. “Eu me sentia especial por estar fazendo parte da vida dele”, explica ao lembrar as ocasiões em que ouviu sobre os detalhes de sua história que antes ele não se sentia confortável em compartilhar com ninguém.

Ao ser questionada sobre como a história

de vida de Mehdi interfere em seu relacionamento com o marroquino, Bia explica que não acredita que haja uma influência direta: “eu não me apaixonei pelo Mehdi que tinha dinheiro, que é da família real do Marrocos. Eu me apaixonei pelo cara que chegou no Brasil sem nada e que estava disposto a largar tudo pela sua fé”. Ela comenta que também nunca sentiu medo: “quando a gente está apaixonado nada é empecilho”. Na época, não enxergava a situação dele como vê hoje e comenta que não pensava em questões de segurança e precaução. Apesar de entender o quão delicada é sua história e pretensões futuras, acredita que um propósito espiritual os uniu no enlace matrimonial.

Embora não considerem o próprio testemunho danoso para qualquer um que seja, Mehdi e Bia são cautelosos com diversas questões. O que, quando e onde falar são algumas prerrogativas que precisam ser cumpridas sempre que ele é convidado para contar sua história ou fazer alguma palestra. Ela explica que, desde que Mehdi começou a ficar mais conhecido, sua preocupação em relação à segurança pessoal do marido aumentou. Hoje, no entanto, se acalmam agarrados à fé e à legislação brasileira, que resguarda os direitos relativos à liberdade religiosa.

Marcado pela transculturalidade, o casamento de Mehdi e Bia é visto por ambos com muito entusiasmo. Já são dois anos juntos. Eles ainda estão se adaptando aos costumes um do outro e

aprendendo a construir um ambiente agradável. “Ele deixou de ser muçulmano, mas não de ser árabe”, conta ela ao tocar nos pontos de maior desacordo entre eles.

A visão de mundo de Mehdi, principalmente sobre o papel feminino e também relativa aos confortos que tinha foram os motivos de grande parte das brigas no começo. Hoje, o casal se ajustou à realidade e consegue relacionar-se com respeito e harmonia. Decidiram colocar acima de todos os respectivos costumes e culturas, a mesma fé.

“Eu enxergo ele como um homem de coragem, que largou tudo para viver aquilo que acreditava. Ele poderia ter ficado lá escondido, mas preferiu deixar todos os confortos para pregar o que crê”, comenta. Bia demonstra ter quase a mesma paixão que Mehdi pelo que ambos entendem ser sua missão: preparar as igrejas brasileiras para entenderem melhor sobre o islamismo e sobre como evangelizar os povos muçulmanos.

Mesmo que tenha aspirações profissionais e ministeriais próprias, ela acredita que tem grande papel na vida do marido e pretende continuar ao lado dele dando apoio e suporte. Seus planos futuros envolvem também voltar a dar aulas, segundo ela, sua grande paixão. Ambos sonham ter filhos, mas Bia explica que ainda não se sente preparada: “quem sabe daqui a uns três anos”, comenta sorrindo.



9. perspectiva

Com 29 anos, Mehdi é declarado como o único marroquino que tem refúgio político-religioso diplomático no Brasil. Vivendo no país desde 2013, ainda sente muita falta de casa, de seus pais e família.

Conta que tem muita vontade de voltar ao seu país pelo menos para visitar, embora saiba que as possibilidades são mínimas. Seu passaporte foi cancelado e ele tem proibição oficial de pisar em terras marroquinas, tanto por parte do governo do Marrocos, quanto por parte do governo brasileiro. Apesar de atualmente estar mais acostumado a viver como um refugiado no Brasil, as medidas preventivas de cautela e segurança se mostram necessárias. Mehdi recebe constantes ameaças por parte de muçulmanos radicais e mar-

roquinos fundamentalistas que o consideram um traidor.

O jovem que era cheio de sonhos teve que adaptar-se às realidades que lhe foram impostas, a despeito delas se considera uma pessoa completamente realizada. O sonho que antes era morar fora do Marrocos e construir a vida na Europa como engenheiro de *software*, hoje se tornou em primeiro lugar ver seu povo com liberdade religiosa suficiente para poder escolher a própria fé.

Atualmente, Mehdi está trabalhando na tradução da Bíblia para o árabe marroquino. Acredita que seu papel é fornecer literatura e ajudar aqueles que passam ou passaram por situações semelhantes às que viveu. Mehdi tem contato com diversos perseguidos ex-muçulmanos e auxilia de diferentes maneiras, desde emocionalmente, fornecendo suporte e apoio, quanto sugerindo literaturas fundamentais. No âmbito acadêmico, ele pretende fazer um doutorado em terrorismo e políticas internacionais.

Mehdi conversa com sua mãe todos os dias e ainda escuta propostas para voltar ao Marrocos sob um acordo pelo qual supostamente nada lhe aconteceria. Tais proposições ainda lhe deixam tentado, muito embora esteja ciente de sua nova vocação.

Com seu pai nunca mais teve contato e é talvez do que ele mais sente falta, especialmente após ouvir que não era mais considerado seu filho, o que o deixou profundamente abalado e angustiado. “Minha mãe sempre se preocupou muito

comigo. Mãe é mãe, acho que tem um momento em que a preocupação com você passa a ser mais importante do que com a sua fé”, reflete. Ainda conversa com seus irmãos frequentemente.

Com um sorriso fatigado, demonstrando cansaço físico e emocional pelos três dias em que expôs sua vida de forma intensiva, Mehdi estende a mão para se despedir: nossa entrevista havia acabado. Me agradeceu pelo tempo que passamos juntos e afastou a cadeira para levantar-se e espreguiçar-se por alguns segundos.

“Só mais uma pergunta”, indago em tom tímido, esperando que ele se compadecesse. “Valeu a pena?”. “Com certeza”, respondeu convicto.

BIBLIOGRAFIA

AGENCE FRANCE-PRESSE. **Morocco's Christian converts emerge from the shadows**. 2017. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/wires/afp/article-4459632/Moroccos-Christian-converts-emerge-shadows.html>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA BENEFICENTE ISL MICA DO BRASIL. Departamento de Comunicação. **A Jihad**. Disponível em: <<http://www.mesquitadobras.org.br/texto.php?op=145>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

AZEVEDO, Reinaldo; RITTO, Cecília. **O IBGE e a religião — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%**. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

BBC BRASIL. **Saiba o que é a Jihad Islâmica**. 2002. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/021109_jihadmp.shtml>. Acesso em: 23 nov. 2017.

CENTRO DE DIVULGAÇÃO DO ISLAM PARA A AMÉRICA LATINA. **Eid al Adha (Festa do Sacrifício)**. 2017. Disponível em: <http://www.islambr.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=511:eid-al-adha-festa-do-sacrificio&catid=114:islamicas&Itemid=117>. Acesso em: 28 nov. 2017.

EMBAIXADA DO REINO DE MARROCOS EM PORTUGAL (Lisboa). **A “Festa do Sacrifício” Eid Al-Adha**. Disponível em: <<http://www.emb-marrocos.pt/destaque/embaixada-de-marrocos/destaques-homepage-a-festa-do-sacri>>

ficio-eid-al-adha_512.html>. Acesso em: 28 nov. 2017.

FERNANDES, Cláudio. **Maomé**. Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-media/maome.htm>>. Acesso em: 12 out. 2017.

GONÇALVES, Rainer. **História do Cristianismo**. Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/religoes/cristianismo.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

GONÇALVES, Rainer. **História do Islamismo**. Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/religoes/islamismo.htm>>. Acesso em: 12 out. 2017.

GONÇALVES, Rainer. **Islamismo Religião ou Política?** Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/islamismo-religiao-politica.htm>>. Acesso em: 12 out. 2017.

GONÇALVES, Rainer. **Ofundamentalismo islâmico**. Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/arabe/ofundamentalismo-islamico.htm>>. Acesso em: 12 out. 2017.

GRAVES, Kacie. **Christians in Morocco: A Crisis of Faith: Forced to worship in secret, Moroccan Christians struggle to practice their religion.** 2015. Disponível em: <<https://www.usnews.com/news/articles/2015/09/30/christians-in-morocco-a-crisis-of-faith>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

ISMAIL, Ahmed. **A Educação e a Formação Familiar Islâmica**. Disponível em: <http://www.mesquitadobras.org.br/not_vis.php?op=111&cod=85&pagina=0>. Acesso em: 20 out. 2017.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <[\[nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2015/04/Ideologia_comp_.pdf\]\(http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2015/04/Ideologia_comp_.pdf\)>. Acesso em: 05 dez. 2017.](http://</p></div><div data-bbox=)

LAHSINI, Chaima. **Religious Minorities Face Persecution in Morocco: US State Department**. 2017. Disponível em: <<https://www.morocoworldnews.com/2017/08/226353/religious-minorities-persecution-morocco-us-state-department/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira Lima. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri, São Paulo: Editora Manole, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. (Coleção Primeiros Passos).

MACHADO, Fernanda. **Cristianismo: Religião passou de perseguida a oficial no Império Romano**. 2005. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/cristianismo-religiao-passou-de-perseguida-a-oficial-no-imperio-romano.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

MARCHAO, Talita. **Como o Alcorão é manipulado para justificar o terrorismo de radicais islâmicos?** 2016. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2016/01/07/como-o-alcorao-e-manipulado-para-justificar-o-terrorismo-de-radica-islamicos.htm>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

MARQUES, Vera Lúcia Maia. **Conversão ao Islam: o olhar brasileiro, a construção de novas identidades e o retorno à tradição**. 2000. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

MASTRANGELO, José. **Entenda o Islamismo**. 2001.

Disponível em: <<http://www.ufac.br/site/noticias/ufac-na-imprensa/edicoes-2001/novembro/entenda-o-islamismo>>. Acesso em: 10 out. 2017.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista - O diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 1986. 50 p.

MISSÃO EVANGÉLICA ÁRABE DO BRASIL. **Sobre**. 2017. Disponível em: <<http://lojameab.com.br/sobre/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

O GLOBO. **Islamismo será a maior religião do mundo em 2070, diz estudo**: População muçulmana tem alta taxa de fertilidade e perde menos filhos. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/islamismo-sera-maior-religiao-do-mundo-em-2070-diz-estudo-20998454>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

ONE NEWS NOW (Marrocos). **Marrocos clama para que cesse a perseguição cristã**. 2010. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/noticias/2010/09/noticia6534/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

PEW RESEARCH CENTER. **The Future of World Religions: Population Growth Projections, 2010-2050**: Why Muslims Are Rising Fastest and the Unaffiliated Are Shrinking as a Share of the World's Population. 2015. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2015/04/02/religious-projections-2010-2050/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

PORTAS ABERTAS. **Apresentação**. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/about/apresentacao/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

PORTAS ABERTAS. **Igreja no Marrocos tem potencial para crescer**: Há dois anos atrás, muitos cristãos estrangeiros

foram expulsos do Marrocos, isso mudou a realidade da igreja marroquina. Hoje, os cristãos, reúnem-se em grupos bem menores do que estavam acostumados, e uma igreja com vinte membros já pode ser considerada grande. 2012. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/noticias/2012/03/1487634/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

PORTAS ABERTAS INTERNACIONAL (Org.). **Cerca de 215 milhões de cristãos enfrentam altos níveis de perseguição**. 2017. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/noticias/2017/01/cerca-de-215-milhoes-de-cristaos-enfrentam-altos-niveis-de-perseguiacao>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

PORTAS ABERTAS INTERNACIONAL. **Cristãos do Marrocos são proibidos de evangelizar**: Dos 50 países onde os cristãos são mais perseguidos por sua fé, o Marrocos ocupa a 44ª posição. O islamismo é considerado a religião oficial do país e somente os estrangeiros podem adorar a Deus livremente. 2014. Disponível em: <https://www.portasabertas.org.br/noticias/2014/11/cristaos_do_Marrocos_sao_proibidos_de_evangelizar>. Acesso em: 22 nov. 2017.

PORTAS ABERTAS INTERNACIONAL. **O que é o Ramadã?**: O Ramadã é o nono mês do calendário islâmico, no qual se acredita que o profeta Maomé recebeu a revelação da parte de Alá (como os muçulmanos denominam o Deus Todo-Poderoso), dos primeiros versos do Alcorão. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/ramada/oqueeramada/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

PORTAS ABERTAS. **Lista Mundial da Perseguição**. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/lista-mundial/>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

PORTAS ABERTAS (Marrocos). **Líderes muçulmanos**

querem proteger minorias religiosas: “A declaração não é realista e nem a ideia dos líderes em proteger as minorias religiosas. Somente um milagre resolveria a situação atual dos cristãos perseguidos”. 2016. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/noticias/2016/02/lideres-muculmanos-querem-protoger-minorias-religiosas>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

REDAÇÃO INTERNACIONAL (Rabat). **Festa do Sacrifício abre espaço para serviços curiosos no Marrocos:** Ofícios vão desde amolar facas até vender carvão para assar carnes ou alimentos para cordeiros. 2016. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/blogs/radar-global/festa-do-sacrificio-abre-espaco-para-servicos-curiosos-no-marrocos/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

REDAÇÃO O GLOBO (Comp.). **A FESTA DO SACRIFÍCIO DOS MUÇULMANOS.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/a-festa-do-sacrificio-dos-muculmanos-14126695>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

REDAÇÃO VEJA. **Saiba como funciona o mês sagrado do islã, o Ramadã.** 2015. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/saiba-como-funciona-o-mes-sagrado-do-islã-o-ramada/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

SANT’ANA, Thais. **Qual é o país com mais ateus no mundo?:** Confira os números da religião e do ateísmo a redor do planeta. 2017. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/religiao/qual-e-o-pais-com-mais-ateus-no-mundo/>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

SMALLING, Roger L.. **O Que é a Graça?** Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/graca_irresistivel/o-que-e-graca_smalling.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SOUZA, José Neivaldo de. A GRAÇA DE DEUS E A REFORMA NA IGREJA. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 45, n.1, p.59-71, 09 abr. 2015. Semestral. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/20373/13640>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

STACEY, Aisha. **O QUE O ISLÃ DIZ SOBRE AS CRIANÇAS (PARTE 1 DE 5): DEUS GARANTE OS DIREITOS DAS CRIANÇAS.** 2014. Disponível em: <<https://www.islamreligion.com/pt/articles/3584/viewall/o-que-o-islã-diz-sobre-as-criancas-parte-1-de-5/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

VICTOR CIVITA (São Paulo). Editor (Ed.). **As Grandes Religiões.** São Paulo: Abril, 1973.

VILAVERDE, Camila. **As 8 maiores religiões do mundo.** 2012. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/superlistas/as-8-maiores-religoes-do-mundo/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

este livro foi composto na tipologia Lucida
Bright, em corpo 12 e impresso em papel Pólen
Soft 80g pela gráfica Expressão e Arte
